



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ELIANE DE JESUS MIRANDA SANTANA

**Políticas Públicas de Turismo na Ilha do Marajó: Turismo e apropriação da paisagem
no Município de Soure - Pará.**

Belém/Pará

2012

ELIANE DE JESUS MIRANDA SANTANA

**Políticas Públicas de Turismo na Ilha do Marajó: Turismo e apropriação da paisagem
no Município de Soure - Pará.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia sob orientação da prof^ª. Dr^ª Maria Goretti da Costa Tavares.

Belém/Pará

2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do CFCH/UFPA, Belém-PA)

Santana, Eliane de Jesus Miranda

Políticas públicas de turismo na Ilha do Marajó: turismo e apropriação da paisagem no Município de Soure - Pará / Eliane de Jesus Miranda Santana; orientadora, Goretti da Costa Tavares - 2012.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2012.

1. Turismo - Soure (PA). 2. Turismo - Política governamental - Soure (PA). 3. Turismo - Aspectos econômicos - Soure (PA). 4. Paisagens - Soure (PA). 5. Marajó, Ilha do (PA). I. Título.

CDD - 22. ed. 338.47918115

ELIANE DE JESUS MIRANDA SANTANA

**Políticas Públicas de Turismo na Ilha do Marajó: Turismo e apropriação da paisagem
no Município de Soure - Pará.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia sob orientação da professora Dr^a Maria Goretti da Costa Tavares.

Defendido em: ____/____/____

Conceito: _____

Banca examinadora:

**Prof^a. Dr^a Maria Goretti da Costa Tavares – Orientadora
Universidade Federal do Pará - PP GEO**

**Dr^a Cristina Senna – Examinadora interna - PP GEO
Museu Paraense Emílio Goeldi/MCT**

**Prof. Dr. Antônio Carlos Castro Giovanni – Examinador Externo - UFRGS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Belém/Pará

2012

“Um dia, quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que tiveste que lutar...” Sigmund Freud.

Dedicado a Marcos, Vinícius e Ângela.

AGRADECIMENTOS

Para chegar até aqui, tive grandes batalhas, superei o medo do fracasso, a ansiedade do que estava por vir e descobri, já durante o mestrado, que teria que me dedicar mais, pois estava grávida. Meu pequeno Vinícius foi minha companhia constante nesses últimos dois anos, e seu sorriso, meu consolo em dias de angústia. Descobri nesse caminho que ser mãe, estudante e educadora requer bravura, determinação e fé. Finalizando esta etapa da minha vida, devo agradecer as pessoas que me guiaram, me ajudaram a construir essa pesquisa, dando-me afeto, carinho e compreensão. Primeiramente, agradeço a Deus, por ouvir minhas orações e renovar meu ânimo. Agradeço minha orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Goretti, por aceitar o desafio de mais uma orientação e por seus ensinamentos. Obrigada a Cleber Castro, por seus conselhos, conversas, empréstimos de livros e pelos risos. Muito obrigada a Bruno do Rosário, por sua infinita paciência, colaboração e por ser esse grande amigo, com o qual pude contar nas horas incertas, grande parte desse trabalho devo as suas contribuições, a Jamille Guimarães por sua ajuda e atenção, a Karen Nogueira, por não desistir de mim, de nossa amizade, por me ouvir e fazer sorrir. Agradeço a minha mãe Ângela, meu alicerce, por seu carinho e cuidado com minha família e comigo. Agradeço a Marcos Quinteiros por seu amor, amizade e companheirismo.

Obrigada, a todos que me acompanharam até aqui.

RESUMO

Soure, Município da Ilha do Marajó, apresenta grande potencial turístico, sobretudo por suas paisagens naturais, a exemplo de suas praias e fazendas, diante disso e por ser umas das cidades marajoaras mais próximas da capital paraense, tornou-se um dos destinos mais visitados pelos turistas, fatos dentre outros que levaram esta cidade marajoara a receber intervenção do Estado por intermédio de políticas públicas destinadas ao fomento do turismo no estado do Pará. O presente estudo tem por objetivo analisar as políticas públicas de turismo nas quais Soure está inserida. Contudo, o foco dessa análise ocorre sobre a apropriação de sua paisagem, pelo Estado que busca através dessas ações estimular o turismo no município desde a década de 1970. Buscou-se analisar a apropriação da paisagem pelo Estado, mercado, turistas e população local, bem como os três últimos estão incluídos nessas políticas. O estudo foi realizado a partir da análise geográfica do turismo, pois se entende o turismo, para além do viés econômico, como uma atividade socioespacial. Para alcançar os objetivos se seguiu as seguintes etapas metodológicas: coleta, organização e sistematização das informações contidas nos documentos. Trabalho de campo onde foram feitas entrevistas com turistas e população local. Enfim, observou-se que a paisagem de Soure é utilizada nas políticas sobre a ótica da “exoticidade”, característica que também é utilizada pelo *trade* turísticos, porém a população local, contraditoriamente, não a usufrui em sua totalidade da paisagem do município. Há em Soure um processo de turistificação, fato proporcionado pelo Estado, *trade* turístico e turistas, cabendo à população local papel secundário nesse processo.

Palavras-chave: Políticas Públicas, Turismo, Paisagem, Soure, Ilha do Marajó.

ABSTRACT

Soure municipality Marajó Island has great tourism potential, particularly for its natural landscapes, like beaches and farms, before this and for being one of the towns closest to the Marajó state capital, became one of the most visited by tourists, among other facts that led the city to receive marajoara state intervention through public policies aimed at promoting tourism in the state of Pará the present study aims to analyze the public policies of tourism, in which is inserted Soure. However, the focus of this review is about the appropriation of the landscape by the State, through these actions that seeks to promote tourism in the city since the 1970s. We tried to analyze the appropriation of the landscape by the state, market, tourists and locals as well as the last three are included in those policies. The study was conducted based on the geographical analysis of tourism, because tourism means, beyond the economic bias, as a socio activity. To achieve the objectives followed by the following methodological steps: collection, organization and systematization of the information contained in the documents. Fieldwork, where interviews were conducted with tourists and locals. Anyway, it was observed that the landscape of Soure is used in policy on the perspective of exoticity, a characteristic that is also used by the tourist trade, but the local population, not contradictory in its entirety enjoy the landscape of the city. There is a process in Soure touristification, actually provided by the state, tourism industry and tourists, while the local population secondary role in this process.

Keywords: Public Politics, Tourism, Landscape, Soure, Marajó Island.

LISTA DE SIGLAS

COMTUR	Conselho Municipal de Turismo
GPS	Sistema de Posicionamento Global
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPTU	Imposto Predial Territorial Urbano
Mtur	Ministério de Turismo
OMT	Organização Mundial de Turismo
PARATUR	Companhia Paraense de Turismo
PDT-PA	O Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado do Pará
PNT	Plano Nacional de Turismo
PNMT	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PRODETUR	Programa de Desenvolvimento do Turismo
PROECOTUR	Programa para o Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal
SEDECT	Secretaria de Estado de Desenvolvimento, tecnologia e Meio Ambiente
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ilha do Marajó.....	38
Figura 2. Localização da Mesorregião Geográfica do Marajó.....	39
Figura 3. Mapa de localização do Município de Soure, Ilha do Marajó/Pará.....	40
Figura 4. Banco do Brasil, equipamentos urbano presente no centro de Soure.	43
Figura 5. Prefeitura Municipal de Soure Equipamento urbano presente no núcleo urbano do município.	44
Figura 6. Trajeto Belém – Soure.....	45
Figura 7. Barco no porto de Camará. Seu trajeto é	46
Figura 8. Ferry boat que faz o trajeto Icoaraci-	46
Figura 9. Porto do Camará.....	46
Figura 10. Mapa de localização dos Pólos de Desenvolvimento Turísticos no Estado do Pará.	58
Figura 11. Gráfico indicativo da preferência dos turistas no Pólo Marajó.....	61
Figura 12. Travessa 14, no núcleo urbano do	70
Figura 13. Rua afastada do núcleo urbano do Município de Soure.	70
Figura 14. Ponto de mototaxi em Soure.....	71
Figura 15. Posto de informação ao turista no Município de Soure.....	71
Figura 16. Secretária municipal de turismo do Município de Soure.....	72
Figura 17. Pólos Turísticos Atendidos pelo PRODETUR no Estado do Pará.....	74
Figura 18. Empreendimento construído sobre as dunas na Praia do Pesqueiro, em Soure.....	77
Figura 19. Ponte de acesso a praia da Barra Velha, Soure.	78
Figura 20. Empreendimento e banheiro público construído sobre as dunas na praia da Barra Velha, Soure.	78
Figura 21. Visão para o ano de 2020 sobre o Pará enquanto destino turístico.....	87

Figura 22. Frequências em que as imagens aparecem quando o assunto pesquisado na internet é Ilha do Marajó.....	91
Figura 23. Praia do Pesqueiro.....	92
Figura 24. Praia do Pesqueiro.....	92
Figura 25. Imagem aérea representando a Ilha do Marajó.....	92
Figura 26. Praia do Pesqueiro.....	92
Figura 27. Búfalos caminhando pela cidade e Soure.....	92
Figura 28. Búfalos marajoaras.....	92
Figura 29. Guarás	93
Figura 30. Guarás	93
Figura 31. Campos marajoara.....	94
Figura 32. Imagem representativa da Ilha do Marajó, pertence ao município de Soure.....	95
Figura 33. Site oficial do Ministério do Turismo, no qual a imagem que retrata o Marajó refere-se aos seus aspectos naturais.	95
Figura 34. Frequências em que as imagens aparecem quando o assunto pesquisado na internet é Soure.	97
Figura 35. Imagem da praia da Barra Velha, disponível no site do ministério do turismo, representando o Marajó.....	97
Figura 36. Travessia feita no rio Paracauari, entre os Municípios de Soure e Salvaterra.....	98
Figura 37. População local e turistas na embarcação que realiza a travessia entre Soure e Salvaterra.	98
Figura 38. Embarcações utilizadas pelos pescadores de Soure.....	98
Figura 39. Crianças tomando banho no rio Paracauari, em frente ao Município de Soure.....	98
Figura 40. Centro Comercial (Núcleo Urbano).....	99
Figura 41. Igreja Matriz de Nossa da Consolação (Núcleo Urbano)	99
Figura 42. Manguezal da Fazenda Bom Jesus	99

Figura 43. Curtume Art'Couro, localizado no Município de Soure.....	99
Figura 44. Artesanato de Soure	99
Figura 45. Comida típica de Soure (Turu).....	99
Figura 46. Luta Marajoara.	100
Figura 47. Grupo de dança tradicionais, Cruzeirinho de Soure.....	100
Figura 48. Praia Barra Velha.....	101
Figura 49. Praia do Pesqueiro.....	101
Figura 50. Furo Miguelão	101
Figura 51. Passeio a cavalo, Fazenda Camburupy.....	101
Figura 52. Artesanato marajoara.....	101
Figura 53. Imagem do site do Hotel Marajó.	102
Figura 54. Imagem retirada do site Hotel Marajó.....	102
Figura 55. Grupo de dança típica..	103
Figura 56. Coleta do açaí, atividade típica de povos ribeirinhos.....	103
Figura 57. Imagem referente ao museu arqueológico presente na Fazenda Sanjo..	104
Figura 58. Gráfico representando as motivações que levaram o turista a escolher Soure como destino turísticos	106
Figura 59. Representação das atividades realizadas pelos turista durante sua estadia em Soure.....	108
Figura 60. Texto publicado na revista Pará Mais, o qual exalta a beleza de Soure.	109
Figura 61. Capa da revista Pará Mais, na qual são destacados os aspectos naturais de Soure.....	109
Figura 62. Praia do Pesqueiro, em Soure na Ilha do Marajó.	110
Figura 63. Passeio de búfalo realizados por turistas na Fazenda São Jerônimo.....	110
Figura 64. Passeio de canoa realizado no manguezal da Fazenda São Jerônimo.....	111

Figura 65. Área urbana de Soure.	113
Figura 66. Mapa de localização dos atrativos turísticos em Soure.	114
Figura 67. Quadro elaborado apartir do mapa de atrativos turísticos do município de Soure.....	116
Figura 68. Hotel Marajó.....	117
Figura 69. Hotel Araruna.....	117
Figura 70. Hotel Casarão da Amazônia	118
Figura 71. Pousada Canto do Francês.....	118
Figura 72. “estacionamento” da praia do Barra velha, visualiza-se a falta de infraestura no local. ...	120
Figura 73. Turistas a caminho da praia do Pesqueiro. Visualiza-se a estrada asfaltada.....	120
Figura 74. Campanha de conscientização realizada pelo Detran, no mês de Julho de 2011 na praia do Pesqueiro, em Soure.	120
Figura 75. Ronda da polícia militar na praia do Pesqueiro em Soure.	120
Figura 76. Montagem de palco para realização de show e concurso de beleza na praia do Pesqueiro, em Soure.	121
Figura 77. Bandeira do corpo de bombeiro sinalizando a sua presença na praia de Pesqueiro em Soure.	121
Figura 78. Palco para realização de show, localizado na Rua Primeira Avenida, que fica de frente para o rio Paracauari, no bairro Central.	121
Figura 79. Representação indicativa dos atrativos que não fazem.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Território turísticos.....	35
Quadro 2. PIB e renda per capita do Município de Soure no ano de 2003.	41
Quadro 3. PIB real do Município de Soure.	41
Quadro 4. Atrativos turísticos de Soure e sua importância, segundo PDTIS.....	79
Quadro 5. Ranking dos produtos turísticos por Pólo.....	86
Quadro 6. Quadro adaptado pela autora a partir do Plano VER-O-PARÁ - Primeira Fase, 2011.....	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tabela de Avaliação dos atrativos turísticos de Belém em função dos mercados geográficos.	60
Tabela 2. Tabela de avaliação dos atrativos turísticos do Pólo Marajó em função dos mercados geográficos.	60
Tabela 3. Quadro esquemático sobre investimentos nos Pólos selecionados pelo programa.	75
Tabela 4. Origem dos turistas.....	105

SUMÁRIO

RESUMO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE TABELAS

INTRODUÇÃO	18
CAPITULO I - PAISAGEM E TURISMO: DEBATE NECESSÁRIO	25
1.1. BREVE ANÁLISE DO CONCEITO DE PAISAGEM	25
1.1.1. PAISAGEM: RECURSO TURÍSTICO	29
1.2 TURISMO: BREVE REFLEXÕES TEÓRICAS	30
CAPITULO II - TURISMO: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS NA GEOGRAFIA	33
2.1 O TURISMO E SEUS AGENTES	33
2.2 MARAJÓ: ARQUIPÉLAGO, ILHA E REGIÃO DE INTEGRAÇÃO.....	36
2.2.1 SOURE: LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS DA PRODUÇÃO ECONÔMICA.....	40
2.2.2 A INFRAESTRUTURA DO ESPAÇO TURÍSTICO DE SOURE.....	42
CAPÍTULO III - APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E PLANOS DE TURISMO NO POLÓ MARAJÓ.	47
3.1- POLÍTICAS, PLANOS E TURISMO.....	47
3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA.	51
3.3. POLÍTICAS DE TURISMO PARA O PARÁ	52
3.3.1. O PROECOTUR NO ESTADO DO PARÁ	55
3.3.2. PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO ESTADO DO PARÁ.....	57
3.4 - POLÍTICAS DE TURISMO PARA O MARAJÓ	62
3.4.1 - PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO E O PÓLO MARAJÓ	64
3.4.2. O PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO – ROTEIROS DO BRASIL – PRT EM SOURE	67
3.4.3. O PÓLO MARAJÓ NO CONTEXTO DO PRODETUR.....	72

3.4.4. PRODETUR E O PDITS	75
3.5 - O PLANO ESTRATÉGICO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE SOURE.....	82
3.6. PLANO VER-O-PARÁ E AS NOVAS PERSPECTIVAS PARA O TURISMO	84
CAPÍTULO IV. TURISMO E APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM NA PERSPECTIVA DOS AGENTES DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO NO MUNICÍPIO DE SOURE	89
4.1. APROPRIAÇÃO E DIFUSÃO DA PAISAGEM MARAJOARA SOURENSE PELO MERCADO E O ESTADO.	89
4.1.1 - PAISAGEM MARAJOARA	90
4.1.2 SOURE: APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM PELO TRADE TURÍSTICO E PELO ESTADO	96
4.2. APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM PELO TURISTA	104
4.3. APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM PELA POPULAÇÃO LOCAL.....	111
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
6. REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICE	134

INTRODUÇÃO

Viajar para a prática do lazer existe desde o século XVI, período em que era realizado apenas pela aristocracia europeia. Hoje, no século XXI, viajar em busca de lazer, esta mais popular, por assim dizer. O que outrora era apenas uma viagem ganhou, com o decorrer dos anos, *status* de atividade econômica. O turismo hoje representa a possibilidade de atrair divisas para países, estados e municípios, como é o caso de Soure, na Ilha do Marajó/Pará. Contudo, deve ser entendido com um fenômeno espacial.

O turismo se analisado sobre a égide geográfica e como prática social¹, provoca transformações nas relações sociais e no espaço, produz novos arranjos espaciais e modificam paisagens. Além de constituir-se como um fenômeno de ordem política, pois se “refere ao poder das instituições sobre o território, repercutindo em novas formas de gestão como estratégias governamentais” (CORDOVIL, 2008, p. 15).

O Estado passa a exercer ações também voltadas para o desenvolvimento do turismo, uma vez que “o Estado é o articulador e organizador da sociedade” (O’DONELL *apud* CARVALHO, 2000, p.97), assim sendo, as políticas públicas irão permear as relações da sociedade com o Estado. Segundo Fratucci (s.d) políticas públicas são:

[...] as intervenções que o poder público, através dos seus diversos órgãos realiza para atender às populações dos seus territórios no que se refere às suas necessidades materiais (infraestrutura urbana, serviços de saúde, educação e segurança, por exemplo) e simbólicas (acesso à cultura, preservação de valores e patrimônios locais, acesso ao lazer e ao descanso) e lhes garantir uma melhor qualidade de vida. (FRATUCCI, s.d, p.2)

É o Estado que irá promover o turismo através de políticas e programas que visam sua dinamização nas mais diversas regiões brasileiras. Não sendo diferente para o Pará, Marajó e Soure. As políticas públicas de turismo são um:

[...] conjunto de intenções, diretrizes e estratégias estabelecidas e/ou ações deliberadas, no âmbito do poder público, em virtude do objetivo geral de alcançar e/ou dar continuidade ao pleno desenvolvimento da atividade turística num dado território (CRUZ, 2000, p. 40).

¹ Entendemos como em Cruz (2001) que o turismo é uma prática social, pois “envolve deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo” (p. 5)

Segundo o Plano de desenvolvimento turístico do estado do Pará (2002), o Município de Soure, localizado na Ilha do Marajó/Pará apresenta grande potencial turístico, com suas paisagens² naturais e cultura local, constituindo-se em uma área de destaque quanto aos recursos naturais e práticas turísticas. Entretanto, apresenta deficiência infraestrutural, principalmente, no que concerne ao saneamento básico, coleta de lixo, saúde, transporte e segurança pública. Apresenta ainda economia de base primária, seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), apesar de ser um dos mais altos, quando falamos de região marajoara, apresentou índice de 0,72 nos anos 2000.

As políticas públicas voltadas para a dinamização do turismo no Marajó, em especial Soure, apresentam em seus planos e programas de forma recorrente para justificar-se não só o baixo IDH e problemas de ordem social, já mencionados. Mas também o potencial paisagístico da região, destacando-o como possuidor de uma vocação natural para tal atividade. As paisagens apresentam-se assim, como catalisadora desse processo, pois recebem grande destaque nos planos e programas voltados para o fomento do turismo na região marajoara.

Dentro desse contexto, Soure e suas paisagens são apresentadas por um viés exótico nas políticas públicas de turismo dirigidas ao Pará e ao Município acima citado, sendo trabalhada como instrumento de valorização dos atrativos turísticos e convencimento dos turistas, através também do *marketing* das agências de turismo, folders etc. Por já termos identificado, em nosso Trabalho de Conclusão de Curso a carência de estudos voltados para o Marajó, e em nosso caso Soure, sobretudo, quando nos referimos a temática turismo e suas implicações, diante do exposto indaga-se:

- a) Quais são as políticas públicas de turismo (plano e projetos) voltadas para o Município de Soure/Pará?

- b) Como as políticas públicas de turismo apropriam-se da paisagem do Município de Soure, na Ilha do Marajó?

² O elemento central das práticas turísticas é a paisagem, já que é resultado do arranjo espacial de sistemas de objetos (naturais e sociais), e ao mesmo tempo que contem, também esta contida no espaço. Paisagem para a autora, que concorda com Santos (1996), “restringe-se a uma determinada distribuição espacial de forma-objetos, o espaço resulta da ‘intrusão’ da sociedade nessas formas objetos” (CRUZ, 2002, p. 17)

c) Como os agentes de turistificação³ do espaço apropriam-se da paisagem e como estão inseridos nestas políticas?

Com o intuito de responder as indagações foram traçados os seguintes objetivos: analisar as políticas públicas de turismo e a apropriação da paisagem do Município de Soure, na Ilha do Marajó; analisar os agentes de turistificação do espaço, sua apropriação da paisagem e sua inserção nestas políticas; identificar, mapear e analisar os atrativos turísticos selecionados pelo Estado e suas respectivas paisagens em Soure, Ilha do Marajó.

O presente trabalho surgiu como desdobramento do estudo desenvolvido no período de graduação, no qual se analisou políticas de turismo e desenvolvimento socioespacial para o Município de Soure, Ilha do Marajó/Pará. No final do estudo concluí-se que apesar de ocorrer intervenção do poder público através das políticas públicas voltadas para o turismo, enquanto atividade econômica, de fato as mesmas não possibilitam o desenvolvimento socioespacial da população local. Ocorrendo apenas a inclusão de alguns agentes, como empresários, e algumas pessoas da população local como taxistas, condutores de embarcações, motorista, ou seja, as pessoas que trabalham diretamente com os turistas, porém, o estudo apontou não haver participação igualitária da população local no processo de elaboração e execução das políticas, nem no processo de turistificação de Soure. (SANTANA, 2010)

Considerou-se necessário o prosseguimento do estudo dessa temática, porém, agora dando enfoque para o uso da paisagem nas políticas públicas de turismo, em Soure. Entende-se que este estudo constitui-se como instrumento de análise e compreensão da prática turística e seus desdobramentos no Município supracitado. Partindo de uma abordagem geográfica, buscou-se contribuir nas discussões sobre políticas públicas de turismo em Soure, e sua apropriação das paisagens para justificar suas intervenções.

Com o presente estudo buscamos produzir informações pertinentes à temática, já que os estudos sobre turismo na região marajoara ainda apresentam-se escassos e com uma modesta produção bibliográfica. Nesse sentido, espera-se contribuir para reflexão e debate acerca de políticas públicas de turismo e a relação paisagem - turismo em Soure.

³ “O termo turistificação vem sendo adotado entre os estudiosos do turismo para designar o processo de apropriação de trechos do espaço pelos agentes do turismo para a implantação da atividade turística, pela inclusão de novos fixos e/ou da re-funcionalização de outros já existentes e de novos fluxos e relações que caracterizam o turismo como fenômeno socioespacial contemporâneo. Um dos autores mais citados como referência para o termo é o geógrafo francês Jean Remy Knafou (1996)” (FRATUCCI, 2008, p. 66).

A pesquisa apresenta-se de caráter qualitativo, pois buscou-se o entendimento da complexidade das práticas turísticas, já que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito” (CHIZZOTTI, 2001p. 79). Porém foram considerados dados estatísticos para elaboração de tabelas para análise de informações referentes às práticas turísticas.

Os procedimentos metodológicos utilizados buscam responder aos questionamentos apontados através do levantamento e análise bibliográfica sobre políticas públicas de turismo, paisagem e a relação turismo-paisagem, estabeleceu-se contato com objeto de investigação. Esta etapa foi realizada através de pesquisa, seleção e sistematização de informações, em dissertações, livros como: Turismo e Espaço (RODRIGUES, 1999) e Turismo e Paisagem (YAZIGI org. 2002), os quais substanciaram este estudo. Utilizou-se a revista *Pará Mais*, precisamente, as edições relacionadas ao turismo em Soure. Além de pesquisas em *sites* do governo (Ministério do Turismo e PARATUR⁴) e *sites* relacionados a turismo.

O levantamento e análise documental é uma etapa de grande importância, a partir da qual buscou-se analisar e interpretar os documentos⁵, dispensando tratamento analítico de acordo com os objetivos da pesquisa. Foi constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com intuito de propiciar uma interpretação nova ou complementar. (NEVES, 1996).

Este momento possibilitou a identificação de ações relacionadas ao estado por meio de planos e programas relacionados à fomentação do turismo para Município de Soure. Foi realizado levantamento documental em órgãos, instituições estaduais e municipais responsáveis pela elaboração de políticas para o turismo, como a Companhia Paraense de Turismo (PARATUR) e a Secretária Municipal de Turismo de Soure. Essa análise focou nos documentos públicos, arquivos governamentais (Federal, Regional e Municipal). Dentre eles estão os planos do PRODETUR, o PDT-PA, o PROECOTUR, o VER-O-PARÁ e o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo no Município de Soure.

O método de interpretação utilizado nesse estudo é o materialismo histórico dialético. Para Baptista (2010), o materialismo apresenta como principais características o

⁴ Órgão oficial de Turismo do Pará

⁵ “[...] documento é, pois qualquer informação sob a forma de texto, imagens, sons, sinais etc., contida em um suporte materiais como impressão, gravação, pintura, incrustação etc. Quaisquer informações orais (diálogo, exposição, aula, reportagens faladas) tornam-se documentos quando transcrita em suporte material” (CHIZZOTTI, 2001, p.109)

movimento, volume, dimensão, espaço, e tempo. Compreende-se que o mundo material está em constante movimento de mudança. O homem nesse contexto é ser social que constrói historicamente suas relações.

A história traz consigo a explicação da evolução do homem que é composta por contradições sociais, conflitos por vezes contraditórios ou complementares que acabam por tornar-se transformação material. E o método dialético, entende a natureza com um conjunto composto por elementos ligados e interdependentes. Assim não considera entender um fenômeno de modo isolado, sendo necessário estudar aqueles como um todo e em estado de constante movimento. “A dialética é um processo epistemológico crítico essencial, cujo campo de pertinências se situa não na teoria como formulação analítica das soluções, mas no nível pré-teórico dos problemas que fundamentam possibilidades de teorização” (MOESCH, 2002 p.50).

O turismo é um fenômeno mundial, pois está inserido nas esferas, econômica, política e social. Seguindo a lógica capitalista, faz parte indissociável dos meios que levam a acumulação e de todos os elementos ligados à sua expansão. No Brasil, o turismo ganhou nas últimas décadas *status* de dinamizador econômico, especialmente em regiões que apresentam potencial para o seu desenvolvimento, como Soure, na Ilha do Marajó. Dessa forma, este município marajoara acabou sendo inserido em políticas de turismo que veem sendo elaboradas para região marajoara e buscam aproveitar seus aspectos naturais, sobretudo, sua paisagem para desenvolver a economia através da atividade turística.

Dentro da abordagem da entrevista qualitativa, a entrevista semi-estruturada será escolhida como o tipo de pesquisa que dará apoio a nossa análise, porque segundo May (2001), esse tipo de entrevista permite que as pessoas respondam mais nos seus próprios termos do que as entrevistas padronizadas, mas ainda forneçam uma estrutura maior de comparabilidade do que nas entrevistas focalizadas. As entrevistas qualitativas são ferramentas de informações. Servem para “elucidar as realidades sociais, mas, principalmente, como instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores” (POUPART, 2008 p.216).

É importante frisar que o roteiro de entrevista serviu como elemento norteador para a realização das entrevistas. O número de pessoas a serem entrevistadas antes do trabalho de campo não estava definido, por entender-se que as entrevistas trazem uma gama de informações e “enquanto estiverem aparecendo ‘dados’ originais ou pistas que possam indicar

novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas” (DUARTE, 2002 p. 144). Com esse entendimento e a limitação do fator tempo em campo, realizou-se entrevistas⁶ com apenas turistas (20 entrevistas) e população local (20 entrevistas). Os entrevistados foram escolhidos de modo aleatório, sem distinção de sexo, idade, grau de escolaridade ou profissão. As mesmas correram nas praias e núcleo urbano da cidade.

No trabalho de campo primou-se por entrevistar apenas os turistas e membros da população local. Desse modo, investigar a apropriação da paisagem por ambos. Já a análise da apropriação da paisagem pelo *trade* turístico foi feita através de informações contidas em seus *sites*. A internet foi utilizada nesse estudo como instrumento de pesquisa por compreender-se que as informações disponíveis nela proporcionam para além da divulgação de Soure como atrativo turístico, a consolidação de um imaginário acerca do Município.

Foi realizado levantamento fotográfico de Soure e de seus principais atrativos turísticos, além de levantamento das coordenadas geográficas, com utilização de GPS⁷, usadas na elaboração do mapa dos atrativos turísticos do município, essas informações deram suporte à pesquisa. Posteriormente, foi realizada a sistematização e tabulação dos dados (elaboração de tabelas, gráficos, quadros), elaboração de mapa temático referentes à espacialidade das práticas turísticas. Análise dos dados sistematizados para dar coerência às conclusões do trabalho, elaboração final do estudo.

Os aspectos acima citados são analisados nessa pesquisa em quatro capítulos. O primeiro “Paisagem e turismo: debate necessário”, buscou-se analisar de modo breve a construção do conceito de paisagem e turismo ao longo do tempo, a partir da perspectiva geográfica, além de pontuarmos o conceito de turismo, que entende-se ser para além de uma atividade econômica, uma prática social, que consome e produz espaços (RODRIGUES, 2001). Fez-se uso dos trabalhos de Luchiari (2004), Shier (2003), Castro (2002), AB’SABER (2003), Santos (2002), dentre outros.

O segundo capítulo “Turismo: perspectivas conceituais na geografia”, objetivou-se apresentar os agentes presentes na turistificação dos lugares como turistas, mercado, planejadores e promotores territoriais, Nicola (1993) e Knafou (1995); e população local, Cruz (2001) e Fratucci (2008). Apresentou-se os aspectos gerais de Soure, sua economia,

⁶ As entrevistas foram feitas durante o trabalho de campo realizado nos dias 22,23 e 24 de Julho de 2011.

⁷ GPS (Global Positioning System - Sistema de Posicionamento Global).

infraestrutura, acessibilidade e sua localização geográfica. O terceiro capítulo “Apropriação da paisagem nas políticas públicas e planos de turismo no Pólo Marajó” tem por objetivo apresentar as políticas públicas de turismo com enfoque no Pará, Ilha do Marajó e Soure, a exemplo do PROECOTUR, o PDT-PA, o PRODETUR, o VER-O-PARÁ e o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo no Município de Soure. A análise deteve-se na abordagem, utilização e apropriação da paisagem nestas políticas, planos e documentos, especificamente, de do município de Soure.

No último capítulo pertinente a parte empírica da pesquisa, analisa-se como os agentes de turistificação do espaço se apropriam da paisagem de Soure. Levantando uma discussão a respeito da paisagem utilizada nas políticas públicas, a paisagem para os turistas e *trade* turístico e paisagem para população local, que a entende como fator cultural, diferentemente dos planejadores e promotores desse lugar turístico, que a veem com supremacia como fator de desenvolvimento econômico.

CAPITULO I - PAISAGEM E TURISMO: DEBATE NECESSÁRIO

Neste capítulo apresentar-se-á a construção do conceito de paisagem, abordando algumas definições, principalmente para a geografia e o seu uso enquanto recurso utilizado pela atividade turística.

1.1. BREVE ANÁLISE DO CONCEITO DE PAISAGEM

Historicamente, a discussão sobre o conceito de paisagem está alicerçada no conhecimento enquanto objeto de estudo na modernidade. A investigação do conceito paisagem passa pela representação do espaço, pelo pictórico, chegando até ao aspecto lúdico. No entanto dentro do pensamento geográfico, este conceito está ligado às diferentes abordagens pertencentes a cada escola pensamento da geografia (Geografia clássica/tradicional - Possibilista e Determinista - Nova Geografia e Geografia Crítica).

No Brasil, segundo Maximiano (2004), a construção do conceito de paisagem na geografia foi influenciada pela escola francesa, inspirada segundo Casseti (2005) em um dos principais trabalhos de Tricart (1978) no qual o autor afirma que a paisagem “abrange uma realidade que reflete as profundas relações, frequentemente não visíveis, entre seus elementos”. (TRICART 1978 *apud* CASSETI 2005),

Entende-se que o processo de discussão e construção do conceito de paisagem ocorreu ao longo dos séculos, influenciado por transformações oriundas de cada época.

Em cada época, o imaginário coletivo define a concepção social de natureza e a traduz transformando-as em artefatos materiais e simbólicos, ou seja, em cultura. Sua tradução mais completa foi registrada na história pela elaboração do conceito de paisagem, que longe de ser apenas um modelo abstrato de compreensão do meio, é também a materialidade pelo meio da qual a racionalidade humana organiza os homens e a natureza em territórios. Ao ser objeto dessa lógica, a paisagem é portadora de sentido. Assim, veremos que o domínio ideológico que estrutura o espaço total está representado também na organização social das paisagens (LUCHIARI, 2004, p.11).

Dentro da geografia tradicional a primeira discussão do conceito de paisagem aparece através dos estudos desenvolvido por Alexandre Von Humboldt (1769-1859), cientista naturalista e um dos fundadores da geografia científica, “Humboldt destacou-se por

sua visão holística da paisagem, de forma que associava elementos diversos da natureza e da ação humana, sistematizando, assim, a ciência geográfica”. (SHIER 2003, p. 82)

Os estudos de Humboldt, mais tarde na escola alemã, acabaram por influenciar outros geógrafos, como Carl Ritter e Friedrich Ratzel, que procuraram definir o conceito de paisagem (“*Landschaft*”⁸). Assumindo o caráter determinista da escola alemã, Ratzel pensava o homem como resultado das transformações do meio influenciado pela força da natureza.

No início do século XIX, dentro da corrente do possibilismo, a paisagem (“*pays*”) estava relacionada à perspectiva homem-natureza. Nessa escola, a ênfase era dada ao estudo regional, em que a paisagem natural possibilitava e condicionava as ações humanas, sendo fundamental no “gênero de vida”, concepção estudada por Paul Vidal de La Blache.

Durante a década de 1950, surge a “Nova Geografia”, intitulada de teórica-quantitativa, baseada em métodos matemáticos, onde era recorrente o uso dos modelos de representação e explicação ao trabalhar os temas geográficos e a aplicação da teoria dos sistemas. Esse novo método de análise substituiu quase que totalmente, a abordagem centrada na paisagem pela concepção de região, “(...) sendo está um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana” (SCHIER, 2003 p. 80), no qual as novas perspectivas da nova abordagem estavam relacionadas às transformações nos setores científico tecnológicos, social e econômico (CHRISTOFOLETTI, 1985).

No início do século XX, o norte americano Carl Sauer observou que o estudo de paisagem iniciado na escola alemã, não poderia enfatizar apenas os aspectos físicos e excluir o homem desse contexto. Carl Sauer trouxe “o entendimento da essência do espaço a partir do homem” (MOREIRA, 2007, p. 2), dividindo assim o espaço em áreas naturais e culturais. Nesse sentido, a primeira seria aquelas áreas onde homem ainda não interferiu e a segunda seria aquela a qual teria sofrido interferência da ação humana.

Para Sauer a paisagem seria a representação da unidade dentro do diverso, sendo “uma categoria-síntese de análise do espaço, resultado da ação humana em uma área, através de intervenções ou por outras formas de cultura”. (MOREIRA, 2007, p.2)

Segundo Corrêa (1998), para Sauer a paisagem é cultural sendo modelada a partir da paisagem natural intermediada por um determinado grupo cultural.

⁸ O termo “*Landschaft*” refere-se a uma associação entre sítio e os seus habitantes, ou se preferirmos, de uma associação morfológica e cultural. Talvez tenha surgido de “*Land schaffen*”, ou seja, criar a terra, produzir a terra.

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto (SAUER, 1998, p.42).

Diante desse modo de interpretação, o estudo da paisagem ganhou uma nova perspectiva de análise e interpretação, agora a partir da intervenção humana na natureza a paisagem passou a ser:

[...] analisada morfológicamente, vendo-se a integração das formas entre si e o caráter orgânico ou quase orgânico delas. O tempo é uma variável fundamental. A paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural (CORRÊA & ROSENDAHL, 1998, p.9).

Castro (s.d) baseado nos estudo de Gomes (1996) nos revela que o pensamento de Sauer sobre a análise da paisagem recebeu muitas críticas, pois esta não poderia se limitar apenas aos sentidos, o que poderia levar a confusão com o “sentido genérico do senso comum“. O senso comum serve para designar “a aparência de um espaço tal como ele é imediatamente percebido, e serve também, simplesmente para designar uma parte limitada do espaço” (GOMES *apud* CASTRO, (s.d), p.4).

Uma unidade de paisagem pode ser considerada como “uma porção do espaço caracterizada por um tipo de combinação dinâmica de elementos geográficos diferenciados – físicos, biológicos e antrópicos que ao enfrentarem-se dialeticamente uns com os outros” (BERTRAND, 2004 p. 141) e classifica paisagem como conjunto geográfico indissociável que evolui conjuntamente, sendo resultado tanto das interações entre os elementos que fazem parte de sua constituição como da dinâmica própria de cada um dos elementos individuais.

Segundo Coelho (s.d) nesse momento tem-se que uma paisagem humanizada, quando uma ação antrópica modifica os elementos (bióticos e abióticos), acrescentando à natureza elementos próprios. É o caso da paisagem agrícola, paisagem rural, paisagem urbana, industrial, etc.

Na década de 1970, segundo Castro (s.d), o geógrafo Cosgrove destaca-se por seu estudo acerca da cultura e simbolismo na paisagem humana. Esse período é marcado por “abordagens próprias de uma renovação das ciências que ganha força na década de 1970, substituindo os ideais positivistas anteriores” (CASTRO, s.d, p.4).

Para o autor supracitado, Cosgrove se propõe a trabalhar a paisagem de modo crítico e original, incluindo nessa análise o aspecto simbólico, contribuindo em alto grau com o pensamento geográfico.

As paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significado. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las. (...) Porque a geografia esta em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comum nos diz muito sobre nós mesmos. Uma geografia efetivamente humana crítica e relevante, que pode contribuir para o próprio núcleo de uma educação humanista: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos (COSGROVE, 1999, p. 121 apud CASTRO s.d, p. 4).

Castro (2002) afirma que a paisagem foi discutida como tema central na geografia do século XX, no entanto, sua discussão foi reduzida a contestação na geográfica clássica nos anos de 1970 e 1980, posteriormente, o conceito volta a ser discutido, porém sem a definição de um conceito fechado, assim o seu significado permanece aberto. Para a autora, dentro da geografia cultural, a discussão sobre paisagem é “reinvestida de novos conteúdos” resultado da ampliação “dos novos horizontes explicativos da disciplina pela incorporação de noções como percepção, representação, imaginário e simbolismo” (CASTRO, 2002, p. 122).

Pontuamos nesse momento o conceito de paisagem para dois autores expoentes na geografia brasileira. Para a paisagem é sempre uma herança, “herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades.” (AB’SABER, 2003, p.1).

A paisagem também é resultado de heranças, indo além em sua análise, o autor afirma que não se deve confundir paisagem com espaço "A paisagem é um conjunto de formas que num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima" (SANTOS, 2002, p.103). O espaço para o autor seria um sistema de objeto e ações, é nele que esta expressa à

ação da materialidade humana, já paisagem seria um conjunto de formas, onde se expressa o passado e o presente, resultado da relação entre homem e natureza.

1.1.1. PAISAGEM: RECURSO TURÍSTICO

É inegável que a paisagem é um grande atrativo da atividade turística, não é nosso intuito afirmar que ela seja o único fator que possibilite o crescimento do turismo, porém é ela “a primeira instância do turista com o lugar visitado, e por isso ela está no centro da atratividade dos lugares para o turismo” (CRUZ, 2002, p.109). Todavia, deve-se levar em consideração que as interações ocorridas no decorrer dos tempos nos espaços turísticos modificam também a paisagem, a paisagem turística de hoje, pode não sê-la a amanhã.

A paisagem “é um recurso para a economia do turismo, porque ela é previamente um valor social” (CASTRO, 2002, p.121). A paisagem turística, para Cruz (2002) faz parte e é resultado de uma construção social, assim só existe em relação à sociedade. Para Menezes (2002) a paisagem deve ser analisada por intermédio dos sentidos de cada indivíduo. Seguindo esses raciocínios afirma-se aqui então, que toda paisagem pode ser turística, dependendo, sobretudo do seu observador, e de seus sentidos empregados na interpretação de cada uma delas.

A paisagem como fator de atratividade turística segue além de uma lógica comercial, incluindo também a lógica baseada no imaginário social e de suas construções culturais. As paisagens dos lugares turísticos acabam sendo apropriadas pelo mercado, que utilizam seu conteúdo simbólico para fomentar o turismo, modificando-as, na maioria das vezes, para atender a demanda de turistas que buscam esses lugares para aproveitar o seu tempo livre, sem deixar as comodidades da sua vida cotidiana.

Rodrigues (2000) afirma que as paisagens utilizadas no turismo constituem um importante recurso. A curiosidade das pessoas em conhecer novas paisagens (antrópicas ou naturais) é o que movimenta a engrenagem do turismo, não em sua totalidade, mas em sua maioria.

Cruz (2001) ratifica que a paisagem por ser parte visível do espaço geográfico desempenha grande importância na constituição dos lugares turísticos e na condução dos fluxos turísticos. O contato com a natureza é vendido como um serviço pelo turismo. Nesse

sentido a mercantilização da paisagem é algo que recebe incentivo e controle do governo (SANDERVILLE JR. 2002). A natureza, a paisagem tropical tornam símbolos de identidade.

O natural, o exótico e o distante, normalmente, estão reunidos nas imagens que retratam destino turístico como Soure. O conteúdo simbólico das paisagens é utilizado para venda, promoção e fomentação da economia desses lugares. Todavia, é preciso compreender essa paisagem com algo mutável, expresso nas configurações geográficas, no espaço e no tempo através da história e da dinâmica da natureza (YÁZIGI, 2002).

A globalização, avanços tecnológicos e ganhos trabalhistas proporcionaram a massificação do turismo, o que antes era privilégio de poucos, agora pode ser usufruído por muitos, como as viagens turísticas. Esse processo acaba por impactar de maneira positiva e/ou negativa esses lugares, o que acaba tendo reflexo também na paisagem, esse processo de massificação da paisagem esta sendo viabilizada, sobretudo, pela prática do turismo.

1.2 TURISMO: BREVE REFLEXÕES TEÓRICAS

Analisar o mundo na fase atual nos impõe desafios. O meio-técnico-informacional e o processo de globalização tem causado transformações tanto no espaço como na vida do homem.

O reflexo dessas ações pode ser observado nos mais diversos aspectos e nas mais diferentes atividades da vida cotidiana. Assim, a prática turística enquanto segmento econômico gera impacto. Todavia, segundo Clarino (2008), como categoria de estudo, o turismo ao longo dos anos nem sempre foi tratado pelo meio acadêmico, sobretudo a geografia, como uma atividade geradora de impactos socioambientais, que influenciam no modo de vida e dinâmica territorial.

Segundo Souza (2006), as viagens realizadas no século XVI eram praticadas apenas pela aristocracia europeia. No período da Revolução Industrial, final do século XVIII, ganharam outros destinos para além do “velho continente”, passando a fazer parte dos hábitos e costumes dessa nova sociedade que surge: a sociedade urbana.

No século XIX, esta sociedade urbana, sofre as consequências desse novo modo de vida, aumento do ritmo de trabalho, poluição e violência. O lazer passar a ser uma possibilidade de fuga da pressão e da segregação social imposta por esse novo paradigma. O

que outrora era viagem dos filhos da aristocracia com finalidades educativas, o *Grand Tour* passa a ser, nesse momento, uma necessidade da sociedade.

O turismo⁹ tem seu nome derivado do Francês *tour*, “volta, circuito, volta ao redor”, de *tourner*, “fazer a volta”, do Latim *tornare*, “fazer dar a volta, polir, girar um torno”, se apresenta ao século XX com força. É no período pós Segunda Guerra, com a possibilidade de deslocamento mais rápido feito através de avião e com os direitos adquiridos pelos trabalhadores (aposentadoria, férias) que ocorre a massificação do turismo. Entende-se, que o lazer e o turismo como parte deste passa a integrar os bens de produção alicerçados no poder de compra, possibilitado pelo capitalismo. A economia de massa possibilitou as classes não aristocráticas viajar em busca de lazer.

As raízes do turismo contemporâneo, fruto do acelerado crescimento econômico do pós-guerra, encontram-se na melhoria do padrão de vida dos trabalhadores, na criação de uma “civilização do automóvel”, na redução do tempo de trabalho e na implementação de uma “indústria do lazer” (...) (OURIQUES, 2005, p.15).

Para Souza Junior (2005), a participação da atividade turística foi consolidada a economia na maioria dos países no início da década de 1950, passando a competir com a indústria petrolífera e bélica, impulsionando vários modelos de planejamento como o econômico, estratégico e espacial.

Destaca-se aqui o planejamento espacial voltado para a prática turística, como resultado do crescimento do turismo, o aumento de sua participação na economia culminou no reordenamento de territórios para o desenvolvimento do mesmo (CRUZ, 2001).

A década de 1970 foi marcada pela crise mundial do petróleo, a recessão característica desta e da década seguinte, possibilitou a reestruturação econômica e reajustamento social e político, flexibilizando os processos do mercado de trabalho, produtos e padrões de consumo (HARVEY, 1992). Esses processos acabaram influenciando o crescimento do setor de serviços, por conseguinte o turismo.

⁹ Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), nos dias atuais o turismo apresenta segmentos tais como: turismo de lazer, negócio, saúde, etc., e para a OMT todas as pessoas que viajam são consideradas turistas, sendo assim, o turismo compreenderia atividades desenvolvidas pelas pessoas ao longo de sua viagem, fora do lugar onde habitam por um período que não ultrapasse doze meses, com o intuito de lazer, negócio entre outros.

No Brasil, a ascensão da atividade turística também ocorreu na década de 1970, apresentando reflexo também nas políticas públicas.

[...] quando os grandes centros urbanos resolveram investir em políticas públicas que propiciassem o desenvolvimento sócio-econômico dos seus espaços. A inclusão e difusão do modelo capitalista fizeram com que os governantes investissem cada vez mais em programas de infra-estrutura e alocação de equipamentos voltados para a dinamização econômica de seus centros administrativos. Dos diversos empreendimentos criados, o turismo ganha um destaque progressivo ao se tornar um elemento estratégico ao desenvolvimento e organização espacial, especialmente para os centros urbanos que dispunham dos condicionantes (físico-naturais e sócio-culturais) básicos para o desenvolvimento desta atividade, com exceção da infra-estrutura que passa a ser montada paulatinamente a medida em que o turismo vai fornecendo novas dinamizações ao espaço onde é implementado (SOUZA JÚNIOR, 2005 p.05).

O turismo no século XXI corresponde a uma atividade de grande relevância econômica, principalmente para países em desenvolvimento e tropicais, cujo apelo paisagístico é muito forte, representando assim uma alternativa econômica. Porém, como atividade econômica, o turismo em países emergentes se expressa, não somente enquanto resultado do investimento de capital privado, mas também como grande beneficiário de obras e de infraestrutura patrocinadas pelo Estado e usufruídas por empresas desse segmento que “obtem grandes facilidades para a viabilização dos seus equipamentos, tais como *resorts*, grandes hotéis, parques temáticos, aeroportos, marinas, etc” (RODRIGUES, 2006 p.306).

O turismo é uma atividade econômica, dinâmica e complexa, mas também é uma prática social, pois além de contribuir no processo de acumulação, envolve pessoas nas mais diferentes escalas de relacionamento, exprimindo no espaço o resultado dessa relação, muitas vezes contraditório e conflitante, produzindo novas configurações geográficas. Compreender essa dinâmica “significa entender as relações produtivas do espaço e o exercício de poder do Estado, das classes empresariais e trabalhadoras em movimento e conflito” (RODRIGUES, 2006, p. 368).

O turismo, para manter-se na sociedade capitalista, apropria-se do espaço e seus recursos, transformando-o em mercadoria, precisando ser analisada pelas ciências sociais, sobretudo pela geografia, já que é uma prática que apresenta rebatimento no espaço geográfico e na vida da população local por todas as razões já citadas aqui.

CAPITULO II - TURISMO: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS NA GEOGRAFIA

O presente capítulo está constituído em uma breve discussão sobre o conceito de turismo. No qual é apresentado e pontuado o papel desenvolvido pelos agentes responsáveis pela turistificação dos lugares.

No contexto da vida contemporânea, os geógrafos não podem desconsiderar a extensa e íntima relação entre o turismo e condições ambientais, sociais, espaciais e culturais. Entre o turismo e as políticas setoriais e impactos de diversas naturezas, oriundos dessa “prática social e ao mesmo tempo atividade produtiva” (CASTRO, 2006, p.12).

Para Lopes Júnior (2011) a geografia é indispensável nessa discussão por trazer consigo a contribuição de seu referencial de sustentação teórico-metodológico do conceito de espaço geográfico e de suas categorias de análise como região, território, lugar e paisagem.

Por meio da geografia se pôde compreender os lugares por suas características únicas e relações sociais estabelecidas onde o fazer turístico se estabelece. Subsidiaria o entendimento das múltiplas formas e intrínsecas relações que permeiam o turismo como atividade socioespacial, realizadas por seres sociais que interagem com a natureza nessa tessitura que marca esta atividade. “a Geografia é a ciência do espaço e o Turismo concretiza-se nos espaços geográficos” (CORIOLANO E MELLO E SILVA, 2005, p.21).

2.1 O TURISMO E SEUS AGENTES

O turismo é um importante objeto de estudo para a geografia, já que para além de atividade econômica, é uma prática social que vêm modificando espaço e relações sociais ao longo da história, envolvendo deslocamento de pessoas, criando territorialidades, apresentando no espaço geográfico seu principal objeto de consumo (RODRIGUES, 2001). Nas palavras de Nicolas:

[...] la práctica turística implica un desplazamiento en el espacio que la hace, em nuestro entender, uma de las prácticas sociales más genuinamente territoriales, comparativamente com ostras. Es pues, um terreno fértil para análisis sociogeográfico (NICOLAS, 1993, P. 40).

O turismo tem relação direta na produção do espaço geográfico, criando territórios turísticos, além de envolver relações concernentes à prática turística. Então, pode-se o

compreender como um sistema composto de objetos e ações, no espaço diante de sua dinâmica transforma-se.

[...] De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 2002, p. 63).

O turismo transforma territórios para seu uso, fazendo com que estes ganhem novos significados, além de apresentar novas formações socioespaciais. O turismo tem a capacidade de “criar, de transformar e, inclusive, de valorizar, diferentemente, espaços que podiam não ter o valor no contexto da lógica de produção” (NICOLAS *apud* CRUZ, 2002, p. 17).

Todas as transformações afetam o ordenamento dos espaços apropriados pelo turismo além de gerar consequências como exclusão social, especulação imobiliária, para citarmos alguns exemplos.

Há três agentes responsáveis pela seletividade espacial no turismo, seriam as fontes de turistificação dos lugares e dos espaços (NICOLAS, 1993), primeiro seria o turista, que tem grande peso na eleição de novos lugares turísticos, no entender do autor é assim que Côte d’Azur, na Riviera das Flores, Chamonix, Engelberg, surgiram como lugares turísticos.

O segundo agente é o mercado e não mais a prática turística o determinante na turistificação dos lugares, relação baseada estritamente na economia. As potencialidades turísticas (naturais e /ou culturais) dos lugares já não são decisivos no momento da escolha, por parte do mercado (CRUZ, 2001). O terceiro agente de turistificação seria os planejadores e promotores territoriais, que segundo Fratucci (2008), este, ao contrário dos dois primeiro esta, diretamente, ligado ao lugar. O autor ainda acrescenta nessa análise a sociedade local no processo de territorialização, mas segundo ele, o que a caracterizaria seriam as relações de proximidade e de pertencimento fortalecendo o local, em contraposição a lógica global.

Ao discutirmos pratica turística devemos entender que essa relação está vinculada ao espaço e, por conseguinte ao território, assim podemos falar em território turístico que segundo Knafou (1995) podem ser:

Quadro 1. Território turísticos.

1. Territórios sem turismo	Territórios ainda não apropriados pelo turismo
2. Turismo sem território	Turismo que não procede da iniciativa de turista e sim da iniciativa de operadores de turismo.
3. Territórios turísticos	Territórios inventados e produzidos pelos turistas

Fonte: adaptado pela autora, Knafou (1995).

Analisando o quadro acima entendemos que o turismo apresenta dinâmica própria e que apesar de o mercado ainda não dominar, apesar de raro, em sua totalidade, a prática turística é responsável pela turistificação dos lugares, e que é o turista, mesmo muitas vezes desenvolvendo papel passivo nessa relação, sobretudo quando nos referimos a planejadores e promotores territoriais, é o fator determinante para que haja o turismo, já que não haveria turismo sem turistas. Todavia, é necessário lembrar que a população local faz parte dessa relação, pois será o seu modo de vida o grande afetado por intervenções feitas nos lugares, ditos pretensamente, turísticos.

É na perspectiva do desenvolvimento endógeno, que encontraremos as ações dos planejadores e promotores territoriais.

[...] muito comum nos discursos dos gestores públicos do turismo, formulam-se planos estratégicos para atrair turistas e empreendedores que, nem sempre, observam as tendências do mercado e das práticas turísticas, criando destinos turísticos que não conseguem se inserir no mercado. Nesses casos, é comum identificar-se por trás do plano estratégico, o interesse de líderes locais que, por desconhecimento das características do fenômeno turístico ou por apresentarem intenções políticas específicas, apresentam o turismo como a solução (uma verdadeira panacéia!) de todos os problemas locais (FRATUCCI, 2008, p. 70).

É nos territórios turísticos, segundo Knafou (1996), que o poder público desenvolverá suas ações de reordenamento e regulação do uso do solo, estas intervenções estão relacionadas ao consumo do espaço e seu valor simbólico. Essa análise diferenciada é proposta por Nicolas (1995), propõe ele que observemos os espaços apropriados pelo turismo como “*mundo del ocio*” e “*mundo del turismo*”, para ele a mistificação do destinos turísticos obedece ao reconhecimento e qualidade destes. Para o autor estes lugares.

[...] representa una valorización intuitiva en la “bolsa de valores turísticos” de los consumidores, de la calidad de cierto sitio; esta calidad no forzosamente depende del confort que se puede encontrar, sino de la consciência del reconocimiento que se logra por la participación de las práctica turísticas del lugar (NICOLAS, 1995, p. 44-45)

Cabe dizer, que nenhum lugar turístico, tem significado por si mesmo, fora do contexto cultural e de seu momento histórico que lhe assegura valor. É a sociedade que atribui culturalmente valor ao lugar turístico, assim podemos entender o interesse hoje dos turistas pela Amazônia, onde se pode fazer turismo ecológico no pulmão do mundo, assim como o Marajó que é apresentado ao mundo como belo e exótico. Entendemos como em Knafou (1996) e Cruz (2001) e que os destinos turísticos, os atrativos turísticos e paisagens turísticas são determinados culturalmente. Nas palavras da autora:

O que é considerado atrativo turístico hoje pelo turismo não era no passado e talvez não seja no futuro. Como a cultura varia no tempo e também no espaço, o que é atrativo para alguns grupos de pessoas pode não ser para outros (CRUZ, 2001, p. 9).

A paisagem é o que se vê, ela exprime a dimensão do real concreto, mas ao mesmo tempo é representação do imaginário social, repleta de valores simbólicos. Assim “ela existe primeiro em relação a um sujeito coletivo: sociedade que a produz, reproduz e a transforma em função de uma certa lógica” (CASTRO, 2002, p. 123). É também “matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, de cultura, que orientam certa direção à relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza” (BERQUE, 2004, p. 84-85).

2.2 MARAJÓ: ARQUIPÉLAGO, ILHA E REGIÃO DE INTEGRAÇÃO.

Antes de abordar Soure como expoente do turismo marajoara, faz-se necessário o entendimento e distinção do Marajó arquipélago, Mesorregião e Marajó enquanto constituinte da região de integração do estado do Pará.

Segundo Pará (2007) o Arquipélago do Marajó, integralmente situado no Estado do Pará é formado por um conjunto de ilhas, que, em seu todo, constitui a maior ilha¹⁰ fluvio-marítima do mundo, com 49.606 Km² (Figura 01). Já a Mesorregião Geográfica do Marajó (Figura 02), compreende além do arquipélago, alguns Municípios do continente, somando 104.140 km². Constitui-se em três microrregiões geográficas (MRG): Arari, Furos de Breves e Portel. As duas primeiras compreendem Municípios inseridos integralmente no Arquipélago do Marajó. Já a MRG de Portel abrange Municípios com sedes em áreas continentais, na porção sul/sudoeste da mesorregião.

O Marajó também está inserido nas regiões de integração¹¹ paraense. O estado do Pará, dentre as demais regiões turísticas brasileiras, está incorporada no programa dentro das macrorregiões, sendo a sua a macrorregião norte, que conta com Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima e Tocantins.

¹⁰ Rio Amazonas banha a maior parte da ilha e, a sudoeste, a água barrenta dos seus braços confere um aspecto peculiar ao solo de suas margens: a exuberante mata de igapó, cortada por inúmeros igarapés, paranás e furos, é o cenário mágico da fauna regional. A leste, o Marajó é constituído de vastos campos mistos onde predominam gramíneas e leguminosas”. (BRASIL, 2006 p. 2). A vegetação da Ilha é formada segundo Amaral et al. (2007) apud Rodrigues (2007), por um “ conjunto vegetacional [...] composto por campos naturais, florestas de terra firme, florestas úmidas suscetíveis à inundação durante o inverno, várzeas, igapós, restingas e manguezais [...]” (p.22)

¹¹ Regionalizar o Estado do Pará foi uma proposta que surgiu da constatação de que as regionalizações estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Mesorregião e Microrregião – não mais refletiam a realidade estadual. A identificação das 12 Regiões de Integração levou em consideração as características de concentração populacional, acessibilidade, complementaridade e interdependência econômica. Ao todo foram utilizados doze critérios, os quais permitiram uma versão preliminar para a regionalização do Estado.

Os indicadores utilizados para regionalizar o Pará foram: População (IBGE 2000); Densidade Populacional (IBGE 2000); Concentração de Localidades (GEOPAR  2002); Repasse de ICMS (SEFA / 2º semestre de 2002); Renda per capita (IBGE 1991); Acessibilidade física (SIGIEP 2002); Consumo de Energia Elétrica (Rede Celpa 2002); Leitos por mil habitantes (DATASUS / SEEPS);  ndice de Desenvolvimento Humano – IDH (PNUD 2000); Telefonia Fixa (Telemar 2002);  ndice de Alfabetização (IBGE 2000); Fatores Geopol ticos. (<http://www.seir.pa.gov.br>)

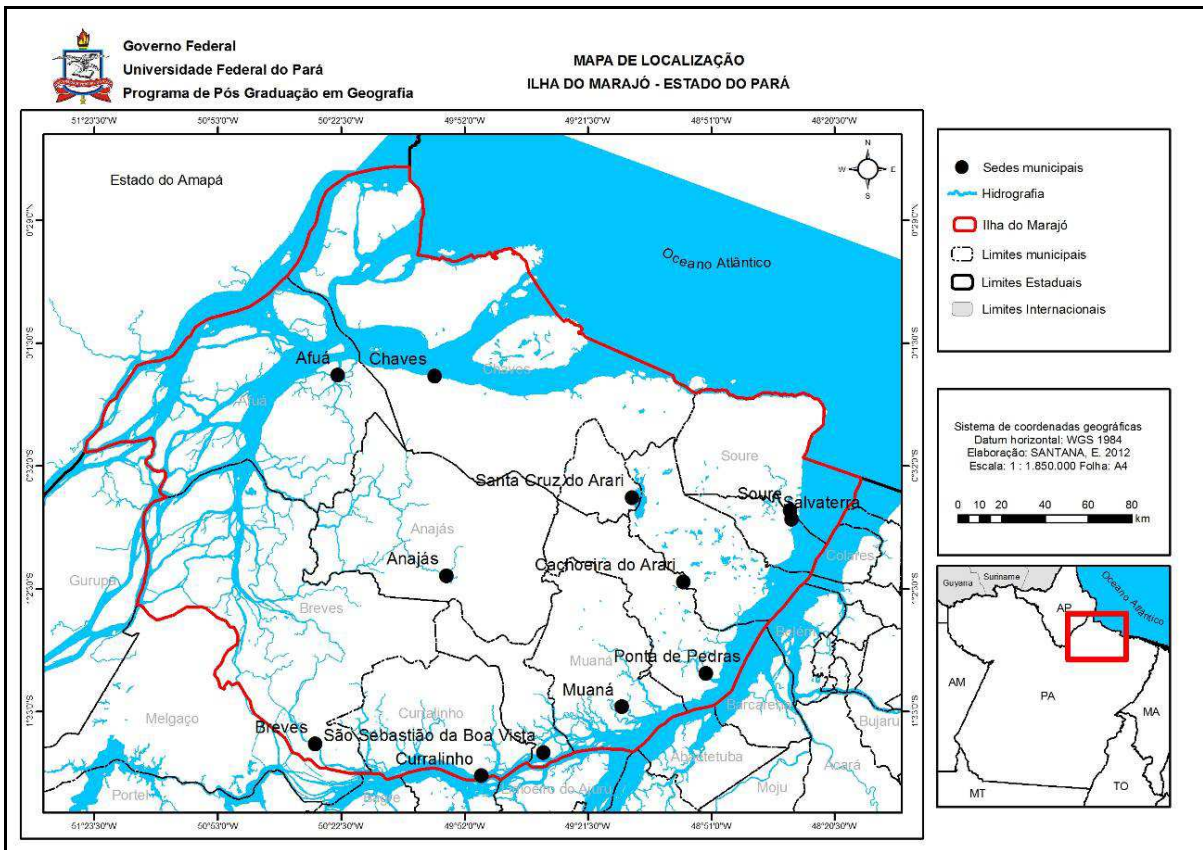


Figura 1. Ilha do Marajó.
 Fonte: Eliane Santana, 2012.

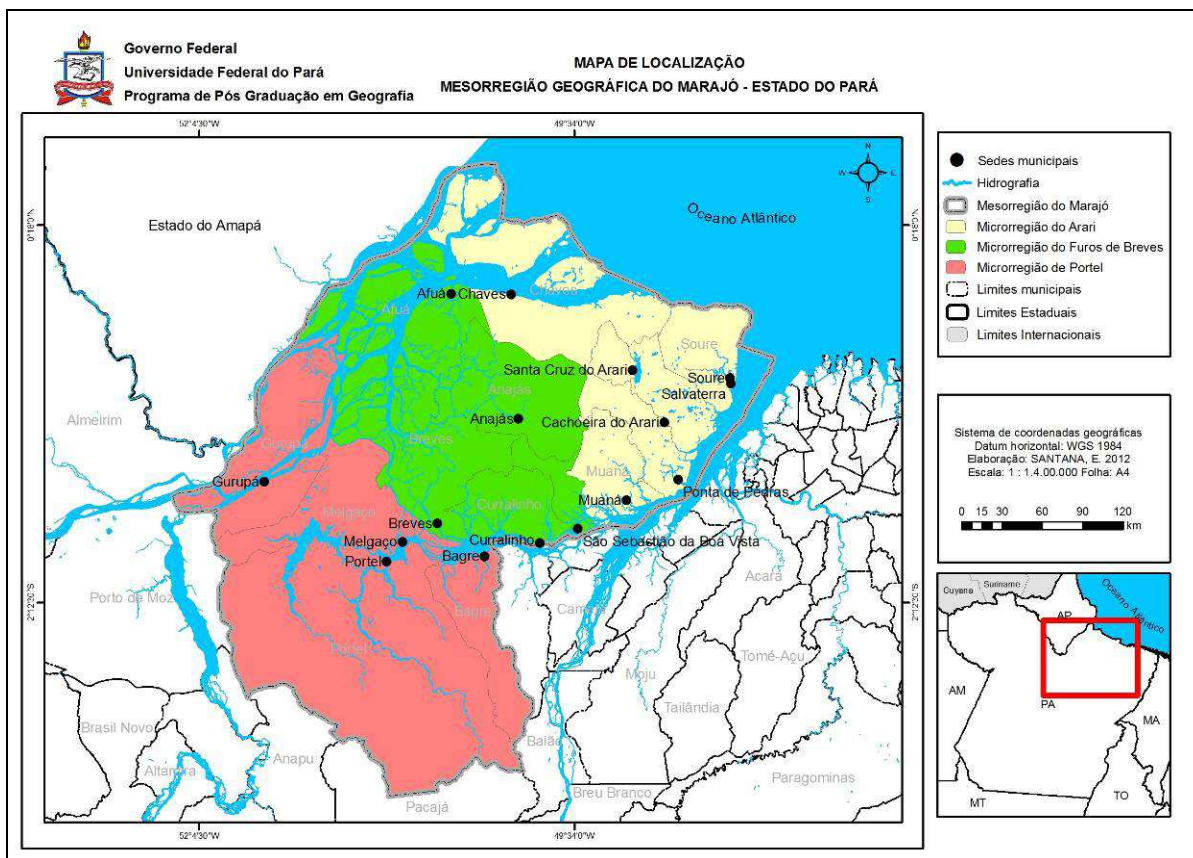


Figura 2. Localização da Mesorregião Geográfica do Marajó.

Fonte: Eliane Santana, 2012.

O Pará foi dividido inicialmente em cinco Pólos, sendo Belém incorporada posteriormente. Atualmente conta com seis Pólos: Amazônia Atlântica, Araguaia-Tocantins, Belém, Marajó, Tapajós e Xingu. Estes Pólos, no ano de 2009, foram adequados às doze regiões de integração do estado. Sua nova organização apresenta o Pólo Marajó constituído dos Municípios que compõem a (Meso) Região Marajó (SEDECT, 2009, p. 1-2).

A região marajoara¹² está localizada no norte do Brasil e a Nordeste do Estado do Pará está dividido em 16 Municípios¹³ que ocupam ilhas, formando um arquipélago. Seus limites são: ao norte, o oceano Atlântico, a leste e a sul, o rio Pará e a oeste, canais. “Entre a

¹² A região marajoara é composta pela mesorregião geográfica do Marajó, que além do arquipélago, abrange alguns municípios do entorno, e que soma 104.140 Km². (BRASIL, 2007). A mesorregião do Marajó é composta por três microrregiões: Arari, Furo de Breves e Portel.

¹³ Os municípios que compõem a região marajoara são: Soare, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Muaná, Ponta de Pedras, Santa Cruz do Arari, Anajás, Chaves, Afuá, Curralinho, Breves, Bagre, Melgaço, Portel, Gurupá e São Sebastião da Boa Vista. (PARÁ, 2011)

Ilha e o continente fica a Baía do Marajó, que é formada pela foz do rio Pará” (CRUZ, 1999, p.175). Alguns de seus Municípios apresentam territórios divididos em áreas continentais e insulares (PARÁ, 2011).

Apesar de apresentar 16 Municípios, apenas Soure e Salvaterra destacam-se como destino turístico, pois são os que apresentam melhor infraestrutura voltada para a prática turística.

2.2.1 SOURE: LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS DA PRODUÇÃO ECONÔMICA

O Município de Soure (figura 03) está localizado na parte oriental da Ilha do Marajó no norte do Estado do Pará, e encontra-se na mesorregião do Marajó, que como já dissemos compreende três microrregiões, sendo este parte da microrregião do Arari, possuindo população de 21.510 habitantes em uma área de 3.513 km² (IBGE, 2007).

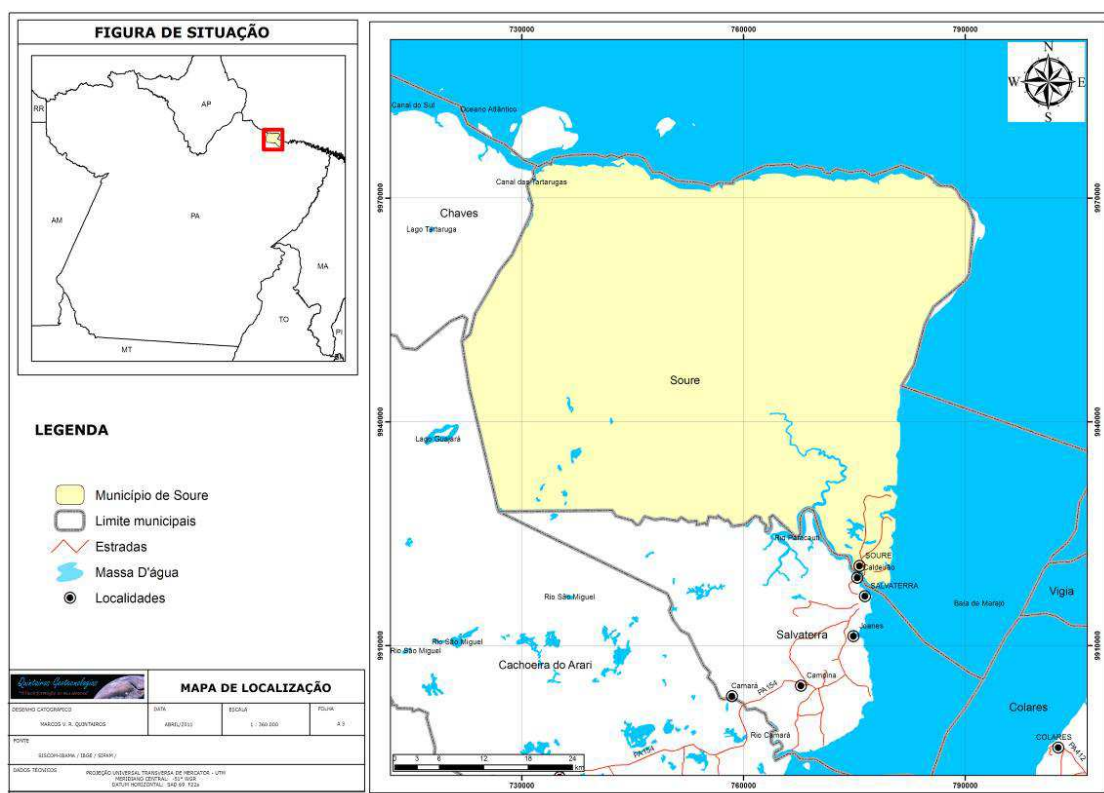


Figura 3. Mapa de localização do Município de Soure, Ilha do Marajó/Pará.
Fonte: Elaborado por Quinteiros, M. V. R. 2011.

No Município de Soure, 51% das escolas são de ensino fundamental, 44.9% de pré-escolar e apenas 4.1% são de ensino médio. O deslocamento no Município é realizado em sua maioria por motocicletas, e 66.7% dos estabelecimentos de saúde estão a cargo do Município estando a porcentagem de 33.3 % dos estabelecimentos sobre gerência das instituições privadas (IBGE, 2007).

Soure apresentou em 2003 um PIB de R\$ 56.125,00 e PIB *per capita* de R\$ 2.679,00 (Quadro 01) e como visto em Hoshino (2007), enquanto o PIB paraense apresentou um crescimento entre os anos de 1997 a 2004 de 17, 24%, o PIB de Soure apresentou um decréscimo de -21,74% no mesmo período (Quadro 02), isso devido principalmente à crise em seu setor de agropecuária.

Quadro 2. PIB e renda per capita do Município de Soure no ano de 2003.

MRG/MUNICÍPIOS	PIB 2003 (R\$ mil)	PIB per CAPITA 2003 (R\$)	ÁREA (km ²)	POPULAÇÃO 2000
Área do plano	853.378	2.119	104.140	380.555
MRG ARARI	302.700	2.454	28.950	118.977
Cachoeira do Arari	41.720	2.484	3.102	16.700
Chaves	71.712	4.138	13.085	17.350
Muaná	40.258	1.507	3.766	25.536
Ponta de Pedras	42.473	2.170	3.365	18.694
Salvaterra	34.441	2.099	1.044	15.118
S. Cruz do Arari	15.971	2.932	1.075	5.621
Soure	56.125	2.679	3.513	19.958

Fonte: Tabela adaptada pela autora tendo com base o Plano de desenvolvimento territorial Sustentável do Arquipélago do Marajó (2006).

Quadro 3. PIB real do Município de Soure.

Ano	PIB a Valor Adicionado Bruto a Preço Básico Corrente (Soure)				PIB Estadual	
	\$R Mil	IPC-FGV (base 2003=100)	PIB real (\$R Mil)	Crescimento real (%)	PIB real (\$R Milhões)	Crescimento real (%)
1997	42.545	64,39	66.075	-	21.952	-
1998	41.073	67,03	61.274	-7,27	22.270	1,45
1999	45.405	70,29	64.594	5,42	22.887	2,77
2000	49.793	75,55	65.907	2,03	23.731	3,69
2001	50.774	80,76	62.867	-4,61	25.403	7,05
2002	52.868	87,48	60.435	-3,87	27.415	7,92
2003	56.570	100,00	56.570	-6,39	27.369	-0,02
2004	47.099	106,12	44.383	-21,54	32.088	17,24

Fonte: HOSHINO (2007, p. 40).

Sua economia é essencialmente de produtos primários, com ênfase na agricultura, com plantação de mandioca, feijão, milho. Na pecuária destaca-se a criação de bubalinos, criação de boi e na extração vegetal de palmito, açaí, madeira, lenha e carvão vegetal. Outras fontes de renda da população local advêm de programas de assistência do governo federal como bolsa família (Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável do arquipélago do Marajó, 2007).

Soure apresentou o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) em 2000 de 0,72 um crescimento de 0,04 referentes ao ano de 1991, demonstrando que houve um crescimento na qualidade de vida apesar de pequeno.

O Município apresenta problemas recorrentes à região marajoara, como déficit educacional, o saneamento básico está concentrado no núcleo urbano, assim como a coleta de lixo, ocorrendo assim em outros pontos da cidade à queima desse material, há também uma baixa oferta de energia, falta de água tratada, além de ocupação desordenada na vila de Pesqueiro e a degradação ambiental, inclusive com a presença de casas construídas sobre dunas, onde também são depositados efluentes domésticos sem nenhum tipo de tratamento (SANTANA, 2008).

Soure possui uma alta taxa de natalidade e pouca infraestrutura urbana, apesar de apresentar uma população urbana superior a rural, dentro de um contexto geral possui uma densidade demográfica reduzida.

Diante disso, o turismo aparece como um possível vetor de desenvolvimento local capaz de amenizar alguns desses problemas além de desenvolver economicamente a cidade que faz parte de uma região que historicamente possui uma economia primária baseada no “extrativismo vegetal, na pesca, na pecuária extensiva e na agricultura de subsistência” (BRASIL, 2007 p. 75).

2.2.2 A INFRAESTRUTURA DO ESPAÇO TURÍSTICO DE SOURE

O turismo em Soure se estabelece enquanto atividade produtiva a partir das décadas de 1970 e 1980 do século passado, dentro de uma política de desenvolvimento para Amazônia, na qual a cidade foi escolhida por sua “vocação natural” (FIGUEIREDO, 1996).

A partir deste momento se inicia a construção de hotéis tipo pousada e segundo Figueiredo (1996), o primeiro a ser construído dentro dessa conjuntura foi a “Pousada Marajoara”, empreendimento financiado pela SUDAM.

Segundo o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional (2006), atualmente o Município dispõe de consideráveis meios de hospedagem como Hotel Ilha do Marajó, Hotel Marajó, Hotel Soure, Hotel Araruna, Tropical Paracauary Eco Resort, Pousada do Alemão, Pousada Asa Branca, Pousada Floresta Tropical, Fazenda Camburupy, Fazenda São Jerônimo, Fazenda Araruna, Casarão da Amazônia, Pousada Canto do Francês, além restaurantes, bares e uma casa de show (Badalauê), dispõe também de equipamentos urbanos (figuras 04 e 05) como bancos, correio, prefeitura, escolas, hospital, rede de distribuição de água e energia.



Figura 4. Banco do Brasil, equipamentos urbano presente no centro de Soure.

Fonte: Eliane Santana, 2009.



Figura 5. Prefeitura Municipal de Soure Equipamento urbano presente no núcleo urbano do município.
Fonte: Eliane Santana, 2009.

O acesso a Soure pode ser feito por transporte aéreo e rodofluvial, tendo como ponto de partida a capital Belém (figura 06). A viagem realizada por via aérea leva aproximadamente trinta minutos, por navio ou ferry boat (figura 07 e 08) leva em torno de quatro horas. O porto do Camará (figura 09) opera com navio e *ferry boat*. A partir do porto de Camará até o Município de Salvaterra o transporte terrestre é feito por vans e ônibus e de Salvaterra para Soure a travessia feita no rio Paracauari¹⁴, levando aproximadamente sete minutos, sendo feita de balsa, rabetas ou botes¹⁵. Em Soure, o transporte é feito por taxi, mototaxi e bicicleta, como foi dito antes a cidade não possui linhas de ônibus que operem com regularidade.

¹⁴ Rio Paracauari é o rio que separa os municípios de Soure e Salvaterra

¹⁵ Rabetas e Botes são tipos de pequenas embarcações amazônicas.

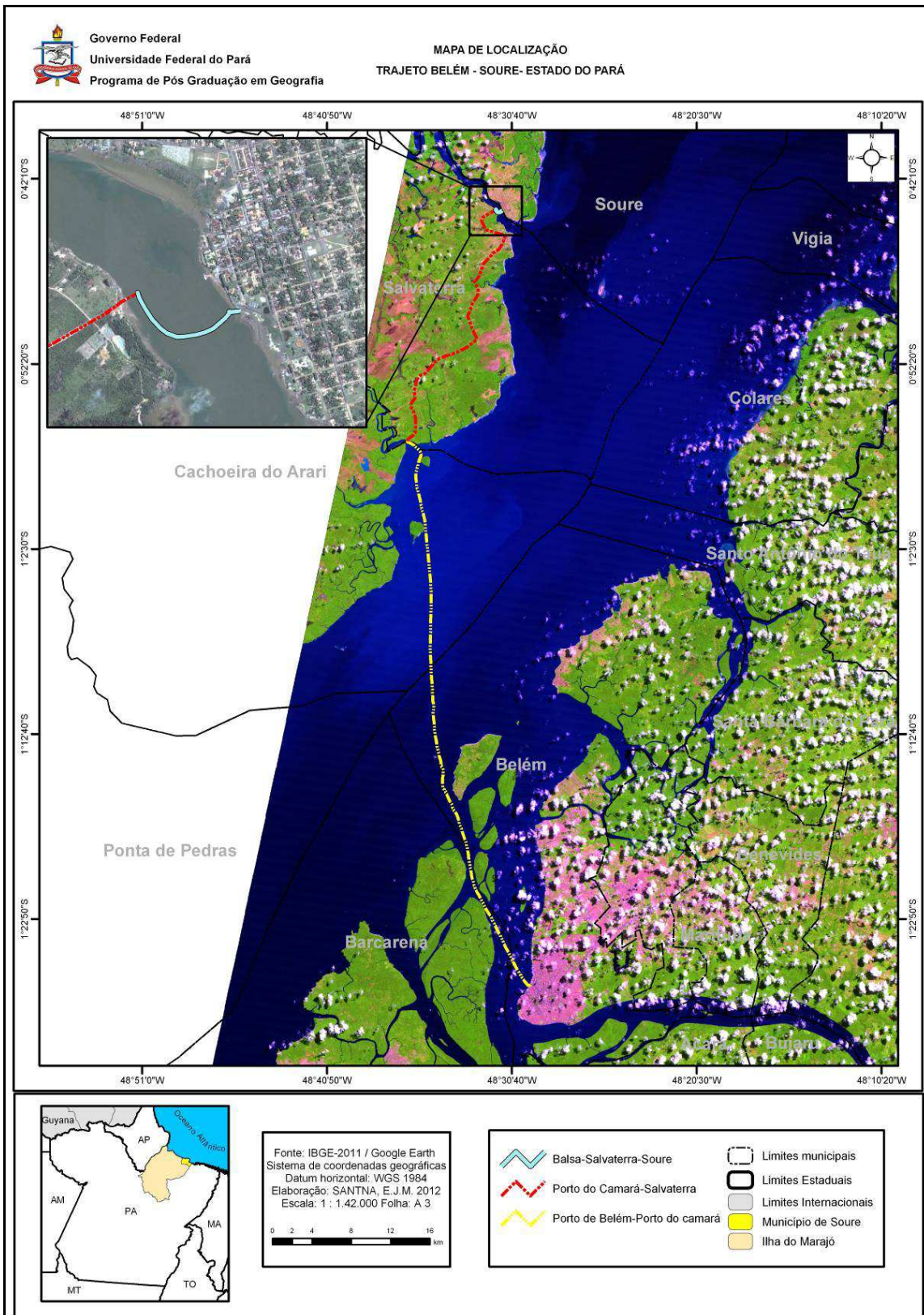


Figura 6. Trajeto Belém – Soure.
 Fonte: Elaborado pela autora, 2012.



Figura 7. Barco no porto de Camará. Seu trajeto é Belém- Camará-Belém.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 8. Ferry boat que faz o trajeto Icoaraci- Camará- Icoaraci.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 9. Porto do Camará.
Fonte: Eliane Santana, 2009.

O acesso ao Município leva em média de três a quatro horas, em Junho de 2009, depois de meses de espera a lancha Catamarã Álamo (colocada em operação a partir de uma cooperação do governo estadual com o setor empresarial) realizou sua primeira viagem, no entanto apresentou problemas em seu funcionamento, apenas um mês após a inauguração, voltando a funcionar, em outubro de 2009¹⁶. A mesma realizava a viagem de Belém a Salvaterra em duas horas. Contudo, a lancha não se encontra mais em funcionamento desde 2010.

¹⁶ Informação disponível em salvaterra.ilhadomarajo.com

CAPÍTULO III - APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E PLANOS DE TURISMO NO POLÓ MARAJÓ.

No presente capítulo, apresentar-se-á e analisar-se-á as políticas públicas de turismo, destacando o tratamento dispensando à paisagem do Município de Soure.

3.1- POLÍTICAS, PLANOS E TURISMO

Soure possui maior fluxo de turistas nas férias escolares e festividade de final de ano, assim sendo, apresenta um turismo sazonal, uma atividade de fato ainda não consolidada e estruturada, já que não tem ações que possibilitem esse fluxo o ano todo. As ações são pontuais, não ocorrendo integração efetiva e eficaz entre as esferas governamentais, representantes do seguimento e sociedade civil organizada.

As políticas públicas de turismo voltadas para o Pólo Marajó apresentam intervenções que estão concentradas nos Municípios de Salvaterra, Soure e Ponta de Pedras. Sempre utilizando o discurso de aproveitamento da vocação natural do Município para fundamentar a intervenção das políticas públicas de turismo em Soure.

No turismo, o Estado desenvolve papel decisivo, expresso, sobretudo pelas políticas de turismo, planos e programas que irão atuar nos níveis de administração: federal, estadual e municipal (RODRIGUES, 1999).

Antes de seguirmos com a discussão sobre as políticas pública de turismo, é necessário o esclarecimento sobre o que difere planos de políticas públicas. Segundo Cruz (2003) o plano é um documento que reúne um conjunto de decisões sobre determinado tema, área ou setor e não pode ser confundido com planejamento, que é um processo contínuo de tomadas de decisões voltado para o futuro e para a obtenção de um ou mais fins. Já a política pública:

(...) por sua vez, é parte do processo de planejamento governamental e envolve tudo aquilo que um governo decide fazer ou não relativamente a um dado setor da vida social. Vista assim de forma tão abrangente, a política pública funde-se ao próprio processo de planejamento, com a diferença de que o planejamento é o processo e a política pública é o posicionamento da administração pública frente a um aspecto da vida social em um dado momento. Este posicionamento pode ser exposto na forma de um documento - tal como o plano - e ter, conseqüentemente, a visibilidade que se espera de uma política pública ou não. (CRUZ, 2003, p.3).

Rodrigues (2006) afirma que o modelo vigente de desenvolvimento turístico apresentado no Brasil nos dias atuais começa a vigorar, a partir da década de 1990, com PRODETUR-NE, com ele viabilizou-se a implantação de empreendimentos como Costa do Sauípe/Bahia, trazendo uma nova lógica em que predomina a intervenção de macroatores que produzem uma valorização seletiva dos lugares, impondo novos valores ambientais, socioculturais, mudando a vida da população local e refletindo na produção de novas territorialidades. Esse modelo de turismo vigente de apropriação possui uma articulação local-global, ou seja, não há um desenvolvimento regional como apregoado pelo discurso utilizado.

Do ponto de vista econômico seus investimentos vêm do capital externo e nacional, estando mais direcionados ao atendimento da demanda internacional, com isenção de tributos e incentivos à iniciativa privada.

Do ponto de vista técnico, esse tipo de empreendimento necessita de um planejamento em escala federal, ficando a cargo de o setor público proporcionar a infraestrutura necessária, ofertando as empresas do setor desde incentivos fiscais, até a viabilização de rede de transporte, energia elétrica, abastecimento de água entre outros equipamentos necessários para a consolidação da atividade a ser desenvolvida. Assim, ocorre uma valorização do lugar, que acabará acarretando ônus à população local, como por exemplo, o aumento do IPTU, necessário a manutenção dos equipamentos implantados. Como em Ouriques (2005), o turismo que está aí exposto e praticado, “consome” paisagens, transforma modo de vida, além de impor aos habitantes das localidades turísticas o valor de troca.

Do ponto de vista social, esse modelo de turismo caracteriza-se por sua fórmula excludente e segregadora. A população local não pode usufruir de seus equipamentos, por ter menor poder aquisitivo, além de não participar desses empreendimentos de maneira efetiva, pois a maioria não possui mão de obra qualificada. Há ainda a supervalorização dos imóveis, especulação imobiliária, elevação nos preços dos serviços, sobrecarga da rede de esgoto, acúmulo de lixo, entre outros, como implicações negativas da instalação desse tipo de empreendimento (RODRIGUES, 1999).

Dessa maneira, o lugar receptor está sendo comandado por lugares emissores de turistas, influenciando sobremaneira nos processos de produção dos espaços. Nos lugares

receptores de fluxo turístico, ocorre uma verdadeira reconstrução espacial, bem como uma nova configuração territorial.

A organização territorial dos lugares turísticos não responde somente à lógica do lugar, do meio, da população local; ela é a reprodução de atributos valorizados nos centros urbanos emissores, sintetizando na materialidade das cidades que se expandem, as novas representações sociais imprimidas ao uso do território. (LUCHIARI *apud* CRUZ, 2007, p. 32).

No mesmo sentido:

O turismo, para acontecer, apropria-se dos lugares, consome suas paisagens, promove relações e interações, temporárias e permanentes, estabelecendo articulações lugar-mundo, através da inserção dos lugares turísticos numa rede ampla e complexa. (FRATUCCI, 2000, p. 130).

O turismo, enquanto atividade econômica exalta o valor de troca do espaço em detrimento do seu valor de uso, passando a ser compreendido como mercadoria. Segundo Cruz (2007), o espaço fica sujeito assim, ao mesmo processo de “coisificação” e “fetichização” que as mercadorias estão expostas.

Coriolano (2005) alerta para as contradições que esse processo traz em seu bojo, determinada, sobretudo pelo Estado:

o valor de uso do espaço submeteu-se ao valor de troca e assim novas contradições vão aparecendo. O espaço do residente e os espaços dos turistas, o espaço esquecido do cidadão local e o espaço elitizado e luxuoso dos turistas entram em conflito. Lugares lutam entre si para atrair empreendimentos, obedecendo à lógica do capital. Ressalte-se o papel determinante do Estado burguês nesse processo, posicionando-se abertamente a favor das classes dominantes, dos empresários do turismo, dos proprietários de terra, dos agentes imobiliários (CORIOLANO, 2005, p.02).

É o espaço que vem se modificando, mais aceleradamente no período em que nos encontramos, a globalização ignora barreiras físicas, ultrapassa obstáculos, influenciando e transformando o espaço, ganha cada vez mais valor de troca, assim, passa a ser encarado como mercadoria. Carlos (1999) afirma que essas mudanças ocorrem, sobretudo, em áreas que sofrem intervenções turísticas. Não há como visto em Santos (2008) produção que não seja produção do espaço, o homem vive, trabalha no espaço, numa movimentação constante. Desse modo entende-se que atividade turística esta em constante produção e reprodução no espaço.

É necessário compreender o turismo não só enquanto atividade econômica, mas também como uma prática social, antes de tudo ele é praticado por pessoas, implicando em mudanças não só para o turista, mas também para os lugares receptores e para a população local.

Esse contato com novos símbolos, culturas e pessoas produzem mudanças “o turismo é uma prática social e uma atividade econômica que, no mais das vezes, se impõe aos lugares, mas ela não se dá sobre uma ‘tabua rasa’, sobre espaços vazios e sem donos” (CRUZ, 2008 p.98). Os espaços relativos às atividades turísticas não são constituídos apenas pela tríade Estado, mercado e turistas, mas também pela sociedade que habita esses lugares.

Por essa breve análise, foi possível observar a atividade turística, o seu desenvolvimento e sua intervenção no espaço. Entende-se que todo esse processo acaba por modificar também a paisagem que é o elemento principal da atividade turística.

Se a razão de ser do turismo (...) é o deslocamento ou movimento voluntário das pessoas de um lugar para outro no espaço, então o turismo pode ser concebido como uma experiência geográfica na qual a paisagem se constitui como elemento essencial (PIRES, 2002 apud SILVA JUNIOR, 2005, p. 3).

A paisagem “é a porção visível do espaço geográfico” (CRUZ, 2001, p.57), avançando nessa direção acredita-se que o espaço é composto tanto de objetos naturais como de aspectos sociais, assim, as paisagens são construídas dependendo do momento social que nele terão valor turístico. Nestes espaços podem ser implantados equipamentos voltados para a atividade turística (hotéis, pousadas, restaurante) que influenciarão na construção da paisagem.

Segundo Castro (2002), a paisagens por seu valor simbólico e estético também passa a ser um problema político, pois tanto ela como a sua valorização são produzidas pela sociedade. A dimensão que a compõe está permeada de interesses diversos, tanto em sua produção quanto pelos atores que a utilizam. Assim “A paisagem revela escolhas políticas, seja como recurso turístico, seja como uma externalidade que pode ser positiva ou negativa (...)” (CASTRO, 2002, p. 132).

Dentro desse novo momento em que a sociedade se encontra, as mudanças permeiam até as relações primárias, como o simples contemplar de uma paisagem. Na perspectiva da prática turística, contemplar a paisagem tornou-se um negócio e, por que não dizer, lucrativo, que acaba sendo utilizada pelo mercado e pelos planejadores de políticas públicas de turismo.

3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA.

Ao realizar um resgate sobre as políticas públicas no Brasil, observa-se que o turismo foi mantido as margens de discussões e planejamento de 1950 a 1990, apesar de haver o reconhecimento sobre a sua importância, enquanto fomentador econômico.

Em 1958, no governo de Juscelino Kubitschek através dos projetos de integração nacional, juntamente com o aquecimento do mercado automotivo promovido pela classe média, proprietária de carros de passeio, houve a viabilização da ampliação da circulação mercantil, passando a desenvolver também o mercado turístico brasileiro.

O ano de 1966 marca o turismo no Brasil, porque é neste ano que ocorre a criação da EMBRATUR¹⁷, com objetivo de propagação e expansão comercial do turismo, porém nesse período, o turismo possuía um caráter para os governantes, apenas de componente das políticas de desenvolvimento regional. Partindo dessa premissa, o mesmo foi incluído no II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento de 1970) (FERREIRA, 2008).

Segundo Silva (2002), a década de 1980, no Brasil, é marcada por movimentos sociais, instabilidade econômica: inflação, dívida externa e desvalorização da moeda. Esses fatores afetaram fortemente o turismo de maneira negativa, pois o país não apresentava estabilidade econômica e social (era palco de constantes manifestações), ou seja, não era uma boa opção de destino.

Na década de 1990 as políticas públicas de turismo ganham maior destaque com a elaboração da primeira política de âmbito nacional, o Programa de Regionalização, no governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), todavia o Programa de Regionalização tem sua origem no Plano Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), no ano de 1994, sob a incumbência da EMBRATUR, durante a gestão do então presidente Itamar Franco (1992-1993).

O PNMT apresentava como objetivos a sensibilização dos residentes em localidades turística, quanto ao fato de apenas possuir atrativos ou potencial turístico, não garantir o crescimento e desenvolvimento da atividade nessas localidades. Outro objetivo estava voltado para a estimulação do reconhecimento do turismo enquanto gerador de renda e emprego.

¹⁷ EMBRATUR era o órgão responsável pelos assuntos referentes ao turismo no país, vinculado ao Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo (1992-1998) e do Esporte e Turismo (1999-2002).

O plano apresentou três fases: sensibilização, capacitação e elaboração da estratégia municipal de turismo, a qual incluía a criação Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) e do Fundo Municipal de Turismo.

O COMTUR seria um órgão de gestão municipal a ser definido pela EMBRATUR, com função de assessoramento municipal, em questões concernentes ao desenvolvimento turístico municipal, composto por vários segmentos da sociedade.

Hoshino (2007), baseado nos estudos de Oliveira (2005) afirma que depois desta fase, os Municípios estariam aptos para a elaboração de seu Plano Municipal de Turismo, no entanto, muitos Municípios envolvidos não alcançaram esta etapa, já que, as críticas estenderam também à capacitação, pois mesmo ocorrendo às oficinas e cursos, o resultado não foi o esperado. Para os mesmos autores, outro problema para o não sucesso do plano estava na metodologia alemã escolhida e aplicada, que em nada tinha haver com as peculiaridades do setor turístico brasileiro. O ponto positivo deixado pelo PNTM foi à mobilização das pessoas envolvidas no processo.

No ano de 2003, o turismo ganha um ministério próprio (Mtur) e um Plano Nacional de Turismo (2003-2007), estas ações faziam parte das estratégias do governo de Luiz Inácio Lula da Silva para dinamização do turismo no Brasil.

3.3. POLÍTICAS DE TURISMO PARA O PARÁ

Segundo Nascimento (2009), é a partir de 1960, sobretudo com a criação da EMBRATUR, que irão estabelecer-se diretrizes para a elaboração de uma política nacional de turismo, resultando em formulações e implementações de várias políticas voltadas para o turismo em todo o Brasil. É nesse mesmo período, que o turismo passa a ser discutido, enquanto possibilidade de desenvolvimento econômico e social para a Amazônia.

Desde o governo militar que o turismo aparece como uma das atividades importantes na tentativa de “desenvolver” a Amazônia, seja nas políticas de incentivos da SUDAM, seja na criação fracassada do Núcleo Colonial Bela Vista – zona prioritária de interesse turístico, em 1977 -CNTUR / Resolução n. ° 895 de 28/01/1977 (FIGUEIREDO apud CRUZ, 2008).

A década de 1970 trouxe consigo os Planos de Desenvolvimento da Amazônia e o primeiro Plano de Turismo da Amazônia “segundo o qual o setor foi apresentado como

segmento econômico que pode ser incentivado e desenvolvido para garantir o desenvolvimento socioeconômico da região” (CRUZ 1999, p.181). O turismo acaba ganhando status de expansão, porém, as políticas de turismo voltadas para a Amazônia, ainda se apresentavam de modo incipiente.

Percebe-se que nos últimos vinte anos são publicados documentos em forma de planos, projetos de investimentos, diagnóstico e perfis em âmbito regional, mas que não conseguem afetar a política de turismo, garantindo financiamentos ou investimentos institucionais para implantar ou ampliar infraestrutura de apoio e turística para a região amazônica, com vistas ao processo de desenvolvimento socioeconômico, tendo como uma de suas alternativas o setor turismo (CRUZ, 1999, p.181).

Nesse mesmo período, ocorreu um convênio entre a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM e a EMBRATUR, a fim de incentivar e executar o turismo na região amazônica.

Nesse plano, é possível detectar a ideia de Pólos de crescimento como metodologia do planejamento turístico. Assim, deste procedimento foram eleitas três categorias hierarquizadas, capazes de proporcionar o impulso ao crescimento, a saber: Pólos Belém, Manaus, São Luis (MA) e Santarém (PA): centros Rio Branco, Boa Vista, Macapá, Cuiabá, Porto Velho; núcleos de apoio turístico na Amazônia. (SOUZA, 2006, p. 84).

Souza (2006) chama atenção para o fato da metodologia de se trabalhar com Pólos de planejamento turístico, que adotada nesse período, permeará todos os planos voltados para o turismo na região amazônica a partir de então, onde o espaço turístico passa a ser entendido por esses planos, como relacionados a empresas ou parques industriais, assim a ideia de espaço passa a ser, não um espaço usufruído por todos e sim um espaço de poucos, acabando por interferir na própria dinâmica da sociedade.

(...) Pois quando o espaço das grandes empresas se diferencia do espaço banal (social) e é favorecido na elaboração teórica, o resultado natural é uma teoria aristocrática e discriminatória, porque a população quase não é levada em conta (SANTOS *apud* SOUZA, 2006 p. 47).

É na década de 1970, sobretudo que se inicia no Pará o turismo enquanto atividade, principalmente a partir da criação da Companhia Paraense de Turismo – PARATUR em 1971, o turismo passa a ser utilizado nos discursos políticos, como um caminho que levaria ao desenvolvimento regional, sem ocorrer à degradação do meio ambiente.

Preocupado com a necessidade de contribuir para o desenvolvimento do turismo no Pará – face às inegáveis pré-condições já existentes no estado para tal – o Governo Estadual vem realizando, sobretudo desde 1969, uma série de medidas pertinentes nesse sentido. (...) Uma vez que estava apenas começando seus trabalhos, era difícil obter resultados mais profundos em curto prazo – razão porque a política governamental enfatizou a instalação de estruturas pertinentes, o início dos estudos básicos, o treinamento de pessoal, a formação de staff, a criação de incentivos fiscais estaduais e o começo de articulações com outras agências – tudo visando o desenvolvimento turístico. Em 1969 o Governo criou, no IDESP, o GETUR (Grupo de Estudos do Turismo). Em 1970 instalou um órgão executivo transitório para o setor – o DETUR (Departamento Estadual de Turismo). Agora, em 1971, está sendo criada a PARATUR (Empresa Paraense de Turismo) que fundirá os dispositivos anteriores e, a partir das experiências dos mesmos, já deverá ser instalado trabalhando em continuação aos esforços anteriores. A ação governamental junto ao setor turístico deverá ser consideravelmente ampliada no triênio 1972/1974 (DIAGNÓSTICO DA INFRAESTRUTURA TURÍSTICA, *apud* CRUZ, 2008).

Com a implantação da PARATUR houve na região um novo momento para a atividade turística no Pará, por apresentar-se como um instrumento necessário para “fomentar o setor com o desenvolvimento de ações direcionadas à implantação de projetos turísticos, assim como para criar prioridades nos programas dos governantes locais e regionais” (CRUZ, s.d, p.6).

Segundo Souza (2006), em 1980, é lançado o I Plano de Desenvolvimento da Amazônia, de autoria da SUDAM. Apresentava como pilar o aumento da participação do turismo no desenvolvimento econômico e social, com geração de emprego e renda. No final de 1990 e início do ano 2000, houve uma intensificação da campanha em torno do turismo e o possível desenvolvimento que isso traria para o estado, enfatizando, sobretudo a potencialidade natural da Amazônia para o ecoturismo.

A partir dos anos 2000, no estado do Pará e no Município de Soure, ocorrem intervenções de planos e programas voltados para o turismo, sendo estes: o Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo para Amazônia Legal – PROECOTUR, vinculado ao Governo Federal, lançado em 2000; o Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado do Pará – PDT-PA elaborado no ano de 2001, sobre abrangência do governo estadual; o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil - PRT no ano 2005; e o Programa de

Desenvolvimento do Turismo - PRODETUR em 2009 (a nível federal), e VER-O-PARÁ de 2011.

Os programas e planos acima citados, serão discutido e analisados a seguir, todavia, não se pretende aqui esgotar as múltiplas formas de análises, busca-se, portanto, saber quais são as políticas publicas voltadas para Soure. Analisando como estas políticas apropriam-se da paisagem de Soure, e como os agentes de turistificação do espaço encontram-se inseridos nestas políticas.

3.3.1. O PROECOTUR NO ESTADO DO PARÁ

O PROECOTUR implantado nos anos 2000 é um programa de planejamento estratégico e investimentos cuja meta era o desenvolvimento do ecoturismo na Amazônia brasileira, buscando através do investimento público necessário, a atração dos investimentos privados. Sua execução ficou a cargo do Ministério do Meio Ambiente/Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável.

Nove estados da Amazônia Brasileira (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) foram escolhidos pelo programa, através do estabelecimento de estruturas necessárias para a preparação das áreas selecionadas para o desenvolvimento do ecoturismo nos estados envolvidos.

Seus objetivos específicos eram:

Proteger os atrativos ecoturísticos; implementar infraestrutura básica de serviços; criar ambiente de estabilidade; avaliar o mercado nacional e internacional; propor base normativa; capacitar recursos humanos; estimular a utilização de tecnologias apropriadas; valorizar as culturas locais e contribuir para a conservação da biodiversidade (www.mma.gov.br).

Segundo Cruz (s.d), o programa no estado encontra-se ainda em fase de implementação das diretrizes de uso do território, isso de acordo com o Plano de Desenvolvimento do Turismo do Estado do Pará - PDTEP, que dividiu o Estado em Pólos de desenvolvimento, os quais seriam: Belém-Costa Atlântica, Marajó, Tapajós, Araguaia Tocantins, e posteriormente foi incluído o Pólo Xingu. Essa metodologia foi a mesma utilizada pelo PDT-Pa.

Para o desenvolvimento do programa foram elencados Pólos prioritários, no Estado do Pará: Belém-Costa Atlântica, Marajó e Tapajós, havendo perspectiva de incluir os Pólos Araguaia Tocantins e Xingu, ambos em processo de avaliação pelo Ministério do Meio Ambiente.

O programa está dividido em duas fases, a primeira seria de pré-investimento e a segunda de investimentos (ambas as fases com prazo de implementação de três anos cada), na fase de pré-investimento se fariam as pesquisas para a criação das estratégias no Estado, esta fase conta com o investimento inicial de US\$ 2,8 milhões de dólares do governo brasileiro e US\$ 11 milhões de dólares advindos do BID.

Os componentes a serem trabalhados na primeira fase são: 1. Planejamento do Ecoturismo na Amazônia Legal (Estratégia Amazônica de Turismo Sustentável, Estratégias Estaduais e Locais de Ecoturismo; Estudos para o Planejamento, Gestão e Criação de Áreas Protegidas); 2. Gerenciamento do Ecoturismo nas Áreas Seleccionadas (Planejamento dos Pólos de Ecoturismo; Investimentos Essenciais nos Pólos de Ecoturismo; Estudos e Projetos para Investimentos na segunda fase); 3. Fortalecimento do Segmento Ecoturístico (Assistência Técnica; Capacitação) (CRUZ, s.d p. 9).

Para o estado do Pará estavam previstos um investimento de R\$ 200 milhões de reais a serem distribuídos seguindo as duas fases do programa.

O Pólo Marajó é apresentado com grande diversidade e potencial turístico, pretensamente os recursos naturais, que segundo o documento Estratégia de Ecoturismo para o Pólo Marajó, podem ser utilizados pelos seguimentos do turismo de aventura, agroturismo, o ecoturismo, e do turismo rural que:

(...) este Pólo tem nos campos inundados um espaço propício para a realização de atividades pastoris, além de propiciar uma paisagem diferenciada aos turistas. Como complemento do turismo rural, a pesca é tida como uma das principais atividades da ilha. A observação de aves também vem ganhando público crescente. (ESTRATÉGIA DE ECOTURISMO PARA O PÓLO MARAJÓ, PARÁ, 2009 p.237).

Observa-se nesse fragmento o destaque dado à paisagem “diferenciada” do Pólo, é representada pelos campos inundados, um aspecto natural da Ilha ao dispor do turismo.

O documento revela que há 12,3% dos turistas interessados pelo ecoturismo no estado, porém este segmento é pouco desenvolvido e explorado. A maioria das práticas refere-se a sol e praia (Quadro 03).

QUADRO 03- Avaliação das Atividades Turísticas do Pólo Ilha do Marajó

Atividades	Volume	Grau de desenvolvimento	Potencial
Sol e Praia	Alto	Baixo	Alto
Turismo Rural / Ecoturismo	Baixo	Baixo	Alto
Compras	Baixo	Baixo	Médio

Fonte: Avaliação THR – PARATUR, 2001.

A partir desta conjuntura, turismo rural, ecoturismo e o turismo de aventura têm sido tratados como prioridade nos programas e projetos do governo brasileiro, adotado na região, através de investimentos do PROECOTUR, estruturando novos produtos e ofertas com ênfase nas especificidades, consumo, hábitos da demanda potencial e real do Pólo Marajó.

Segundo o estudo Estratégia de Ecoturismo no Pólo Marajó (2009) os fatores de indução de viagem à Soure relacionam-se, em sua maioria, aos atrativos naturais. E apesar do Plano primar pela sustentabilidade e inclusão da população local no processo produtivo, houve falhas. Contudo, cabe destacar que, segundo Cruz (s.d), do ponto de vista operacional o programa atingiu alguns de seus objetivos, todavia, seria necessário analisar a relação entre o Estado e as comunidades envolvidas nesse processo de implementação, uma vez, que é de suma importância à participação da comunidade no desenvolvimento do ecoturismo. Participação esta que ficou restrita a algumas reuniões com representantes da sociedade civil organizada.

3.3.2. PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO ESTADO DO PARÁ

O Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado do Pará elaborado no ano de 2001 apresenta como finalidade propor estratégias para desenvolvimento do turismo e através dele proporcionar melhorias na qualidade de vida da sociedade. Essas estratégias visavam contribuir nesse processo, de modo a aproveitar a cultura e as paisagens naturais como

atrativos. Traz em seu bojo, discussões e argumentações do Governo, no que tange a legitimação de espaços e atividades turísticas.

O PDT-PA foi estruturado a partir de informações contidas no “Projeto Beija-flor”¹⁸ o qual identificou seis Pólos turísticos, sendo: Belém/Costa Atlântica, Marajó, Tapajós, Araguaia/Tocantins, Xingu e Tapajós, a serem trabalhados e dinamizados (os Pólos foram escolhidos por apresentarem potencialidade turística e já disporem de equipamentos turísticos), e foi baseado nesses Pólos (figura 10) que o Estado do Pará efetuou seu diagnóstico e identificou produtos e negócios turísticos prioritários. (PDT-PA 2001).

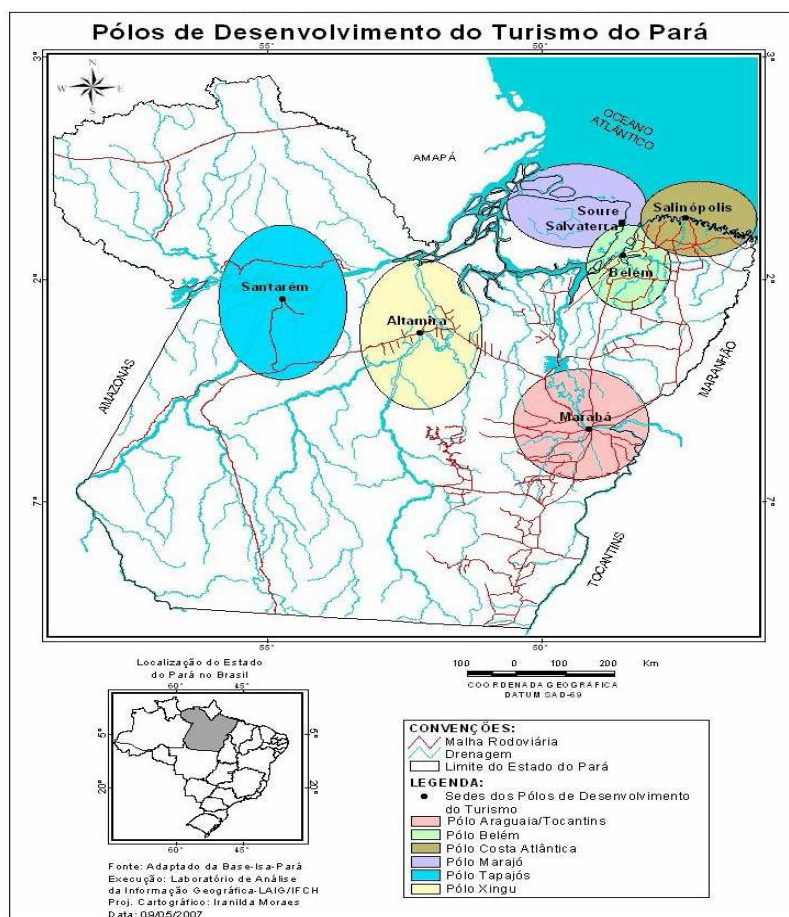


Figura 10. Mapa de localização dos Pólos de Desenvolvimento Turísticos no Estado do Pará.

Fonte: SERRA (2007).

¹⁸ Segundo Serra (2007) este Projeto foi desenvolvido no período do segundo governo de Almir Gabriel, no período de 1999 a 2002.

O plano está dividido em três grandes seções, relacionadas às etapas de sua elaboração. A primeira seção traz a justificativa para o plano, abordando a ideia de desenvolvimento. Nesse momento, o plano aborda como foram realizadas as entrevistas com os turistas que chegavam a Belém, porém segundo Serra (2007), apenas levou-se em consideração àqueles turistas que chegavam à capital de avião, não sendo mencionado no plano entrevistas com aqueles que chegassem de barco, ou mesmo de ônibus. Segundo a empresa responsável pela elaboração do plano o intuito das entrevistas era de “identificar, como atrair fluxos turísticos maiores para o Estado” (PDT-PA, 2001).

A segunda parte da pesquisa foi realizada, segundo o plano, com as maiores operadoras de produtos turísticos de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com o intuito de identificar a questões referentes à promoção e comercialização de produtos turísticos paraenses. Questões sobre o que seria necessário fazer para aumentar o volume de venda, assim como as dificuldades de vender produtos paraenses, foram tratadas com empresas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Alagoas.

Na terceira parte trabalhou-se a escala internacional, identificando o potencial, o perfil do consumidor e os produtos mais requisitados por turistas existente em países do Mercosul, Europa e Estados Unidos.

Partindo do pressuposto de que o turismo internacional praticamente inexistente no Pará, a pesquisa procurou detalhar o mercado potencial existente nos principais países do Mercosul, da Europa e nos EUA. A pesquisa identificou o perfil do consumidor, os produtos mais demandados, a forma de comercialização, etc. (PARÁ, 2001, p. 7).

O Plano traça um diagnóstico da situação atual do turismo paraense, acerca dos recursos naturais e manifestações culturais, ressaltando ainda aspectos físicos do estado, pontuando as áreas propícias a serem trabalhadas pelo plano. A floresta Amazônica também aparece no plano como uma região na qual poder-se-ia trabalhar o ecoturismo e o turismo científico. Além do patrimônio cultural (danças típicas, Círio de Nossa Senhora de Nazaré, cerâmica marajoara e tapajônica), os patrimônios arquitetônicos, e arqueológicos são apresentados no plano.

Para o plano, dispor de recursos não seria suficiente para tornar os estados competitivos, assim seria necessário então, que eles estivessem “minimamente equipados, acondicionados e sinalizados, que enfim permitam a prática de atividades ordenadas e organizadas etc” (PDT-PA, 2001). O plano aponta também que os recursos turísticos

paraenses apresentam pouca diversidade, sendo o Pólo Belém o que apresenta maior diversificação, por ser o maior centro urbano do estado do Pará. Seguindo essa análise e as tabelas (01 e 02) no qual o plano mostra os recursos dos Pólos Belém e Pólo Marajó, observa-se que este Pólo nem mesmo apresenta equipamentos singulares, estando à demanda turística mais voltada para os seus aspectos naturais. Por fim, é preciso pontuar que a elaboração do plano não contou com a colaboração da população local.

Recursos	Categoria	Mercados geográficos			
		Doméstico	Regional	Nacional	Internacional
Patrimônio histórico-arquitetônico	P			III	
	C	III	III		III
Patrimônio cultural	P			III	
	C	III	III		III
Eventos (Cirio...)	P	IIII	III	III	
	C				II
Gastronomia	P				
	C	II	II	III	III
Rios, praias e ilhas vizinhas (Mosqueiro, Outeiro...)	P				
	C	II	II	III	III
Porta de entrada da Amazônia	P			III	III
	C				
Condição de capital do Pará	P	III	III		
	C			III	II
Equipamentos singulares (Estação das Docas, Museu Emilio Goeldi...)	P	IIII	IIII		
	C			III	II

P: recurso principal, com potência e capacidade para atrair visitantes por si mesmo
 C: recurso complementar, interessante para ser visitado mas sem força para motivar uma viagem por si mesmo.
 IIIII Atrativo alto III Atrativo médio II Atrativo baixo

Tabela 1. Tabela de Avaliação dos atrativos turísticos de Belém em função dos mercados geográficos.

Fonte: PARÁ (2001, 13).

Recursos	Categoria	Mercados geográficos			
		Doméstico	Regional	Nacional	Internacional
Flora e Fauna	P		III	IIII	III
	C	III			
Praias	P	III	II		
	C				
Rios	P				
	C		II	III	III
Cultura	P				
	C	III	IIII	IIII	II

P: recurso principal, com potência e capacidade para atrair visitantes por si mesmo
 C: recurso complementar, interessante para ser visitado mas sem força para motivar uma viagem por si mesmo.
 IIIII Atrativo alto III Atrativo médio II Atrativo baixo

Tabela 2. Tabela de avaliação dos atrativos turísticos do Pólo Marajó em função dos mercados geográficos.

Fonte: PARÁ (2001, p. 13).

O Pólo Marajó como o nome bem sugere está localizado na Ilha do Marajó, sendo a maior Ilha fluviomarinha do mundo. Apresenta uma variedade tanto na fauna (aves, crustáceo, macacos, peixes, mamíferos como búfalos etc.), quanto na flora (seringueira, açazeiro, miritizeiro, sumaumeira etc.).

Segundo o PDT-PA (2001), o Pólo possui praias e fazendas, além de ecossistemas específicos e estações bem definidas, em chuvosa e de estio que mudam a paisagem natural local, proporcionando um “certo misticismo e exotismo” (PDT-PA, 2001, p.13). O destaca como um destino com “ofertas diferenciadas” (PDT-PA, 2001, p.13), sendo sua maior demanda de turistas nacionais.

No Pólo Marajó, a maior oferta está em Soure e Salvaterra (figura 11), os seus atrativos estão em “conhecer suas praias, fazenda típica marajoara e loja de artesanato em couro de búfalo”. (PDT-PA, 2001, p.31)

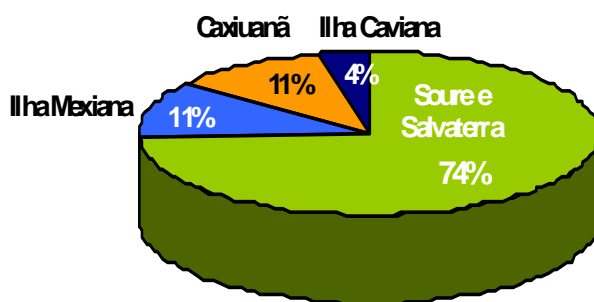


Figura 11. Gráfico indicativo da preferência dos turistas no Pólo Marajó.
Fonte: PDT-pa, 2001.

No aspecto “publicidade”, o plano orienta que os búfalos deveriam ser utilizados em matérias promocionais do Pará “(...) a corrida de búfalos da Ilha do Marajó devem ser utilizados para que a mídia produza matérias sobre o Pará.” (PDT-Pa, 2001, p.90).

O plano ainda descreve a Amazônia, como sendo muito mais que um rio, seria por isso um mundo pouco “contaminado”, não obstante a caracteriza como o “mundo das amazonas”, “Eldorado”. Os formuladores dessas políticas em pleno século XXI continuam a perpetuação de ideias que reforçam a imagem mítica da região.

A Amazônia, contudo, é muito mais do que apenas um rio. É todo um mundo que nasce ao redor do rio e que se encontra em estado bastante nativo, pouco “contaminado” pela civilização ocidental. É o mundo das *amazonas*, do *Eldorado*. A Amazônia é o conjunto constituído pela sua

fauna, flora, grupos indígenas e todo um sistema de mitos, rituais, valores e expressões culturais. Por tudo isto a Amazônia se constitui em um mito mundial e em um crescente atrativo turístico desejado pelos turistas do mundo todo (PARÁ, 2001, p. 84).

Devido à baixa oferta de produtos turísticos paraenses e a restrita oferta de vôos, os destinos procurados pelos turistas estão mais concentrados em Belém e no Marajó.

A infraestrutura básica como acesso, saneamento, eletricidade no estado do Pará é diagnosticada como sendo ainda deficitária, precisando ser melhorada. A capital do estado, Belém, é a possuidora de melhor infraestrutura, porém, apresenta sinais de esgotamento. Já os serviços turísticos apresentam pouca consistência e em sua maioria é trabalhados por empresas de pequeno porte e de propriedade familiar, o que limitam sua capacidade de competição no mercado brasileiro e internacional, além da oferta ser pequena, está concentrada em alguns dos destinos turísticos (PDT-PA, 2001).

O Plano em sua elaboração não contou com a colaboração da sociedade civil, como se vê abaixo:

Estas estratégias, programas e grupo de ações foram apresentados em reuniões nos vários Pólos com as lideranças públicas e privadas, e as mesmas passaram por um processo de aperfeiçoamento em função dos resultados obtidos nestas discussões. Depois de incorporadas as sugestões advindas das reuniões nos Pólos, o trabalho foi rediscutido no âmbito da Paratur, da Secretaria de Produção e do próprio Gabinete do Governador do Estado. Após o Plano ter sido submetido a consenso nestas esferas, o mesmo foi apresentado em um seminário para cerca de 400 empresários, técnicos e autoridades (PARÁ, 2001, p. 8).

O PDT-PA, como muitos outros planos pensados para o desenvolvimento do turismo no Pará, deixa alheio, a participação da população, já que suas discussões ocorrem no âmbito governamental e empresarial, sendo assim não se pode falar em desenvolvimento. Uma vez que esse tipo de estratégia por mais que traga em seu bojo, alusão à melhoria da qualidade de vida da população, de fato não o faz como proposto pelo documento (SANTANA, 2010).

3.4 - POLÍTICAS DE TURISMO PARA O MARAJÓ

A Ilha do Marajó batizada primeiramente com o nome de Ilha Grande de Joanes, está inserida no mercado mundial desde a exploração mercantil. Porém, foi a partir do século

XVIII, com a implantação das capitâncias hereditárias, que se estabelece uma economia baseada na agricultura, extrativismo e pecuária, fomentada principalmente pela presença de jesuítas e mercedários nas fazendas, e também por contar com pastos de boa qualidade e mão de obra indígena (BRASIL, [1990-2008]).

Esta situação econômica foi predominante até a intervenção do Marquês de Pombal, o qual confiscou as fazendas, primeiramente, dos mercedários no ano de 1758, e dos jesuítas em 1792, passando as mesmas para colonos locais. A partir de então, o Marajó que usufruía de relações comerciais com a Europa, passou por um período marcado por devastação dos campos, furto de gado e doenças.

Nos meados do século XVIII, com o declínio da produção gomífera a região passa por um período de estagnação econômica e nos anos de 1920:

Há uma reorientação das atividades especialmente na agricultura, produção madeireira, exploração de castanha e na produção animal. Além disso, as atividades como pesca, caça e coleta de frutos comestíveis contribuíram para minorar os efeitos da crise (BRASIL, [1990-2008], p. 327).

A partir de 1950, o Marajó apresentava uma economia baseada na exploração de produtos primários tais como a coleta de borracha, da castanha, do timbó, da madeira e da pesca. (Brasil, [1990-2008]). O que acabou influenciando o padrão de organização local, onde a população acabou distribuindo-se em pequenos povoados.

Na década de 1970, com a implantação da política de desenvolvimento para a Amazônia, ocorreu a introdução do turismo, que buscava proporcionar o desenvolvimento econômico, enquanto um novo segmento econômico para a região. Desse modo, Soure, como cidade amazônica e disposta de seu acervo natural como principal atrativo é escolhida para receber fomento do turismo. Na década seguinte houve um processo de melhoria de infraestrutura principalmente com a construção de hotéis pela cidade, assim como o estabelecimento da parceria entre poder público e agências de turismo para transformação do Município em atração turística.

Nesse contexto, a atividade turística passa a ser mais uma possibilidade de desenvolvimento econômico para o Município de Soure e cidades vizinhas.

Dessa forma, o turismo passa a ser mais uma atividade econômica desenvolvida em Soure com possibilidade de desenvolvimento e modernização, e transformando a cidade e adjacências (incluindo aí o Município de Salvaterra) num dos Pólos de desenvolvimento do turismo na

Amazônia e, atualmente, dentro da perspectiva do desenvolvimento sustentável (SUDAM; IDESP *apud* FIGUEIREDO, 1996, p. 72).

Para Figueiredo (1997) essa intervenção realizada pelo governo militar por intermédio da SUDAM, EMBRATUR, órgãos estaduais e municipais, possibilitou o início de uma dinamização. Essa dinamização ocorreu nos aspectos econômicos, espacial, e social, possibilitando o surgimento de uma nova classe na sociedade sourense, os empresários ligados ao turismo, bem como, o surgimento de novos atores dentro do contexto sociocultural local, aqui entendido com turistas, além das transformações espaciais ocorridas com a construção de pousadas e hotéis pela cidade, que contaram acima de tudo com os incentivos fiscais concedidos pela SUDAM.

Na passagem da década de 1970-1980 há valorização da beleza natural, da preocupação com o eco, principalmente depois da conferência de Estocolmo 1972, posteriormente o que se vê pelo mundo a partir deste momento, é o surgimento de programas e planos preocupados com a questão ambiental e as políticas de turismo não fugiram à regra, a exemplo do PROECOTUR para o Pólo Marajó.

Os Planos e programas voltados para dinamização do turismo fizeram-se mais presente em Soure a partir dos anos 2000, a exemplo do já citado PROECOTUR, PDT-PA, PRT entre outros.

Na atividade turística o papel do estado é decisivo, expresso pelas políticas nacional de turismo, plano e programas regionais. Pode-se afirmar que seu papel é central em todos os níveis da administração pública (RODRIGUES, 1999).

3.4.1 - PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO E O PÓLO MARAJÓ

O PNT (2003-2007) ¹⁹ desenvolvido no governo Lula apresenta como principais objetivos, desenvolver o produto turístico brasileiro com qualidade, contemplando diversidades regionais, culturais e naturais; estimular e facilitar o consumo do produto turístico brasileiro nos mercados nacional e internacional.

Suas principais metas: criar condições para gerar 1.200.000 novos empregos e ocupações; aumentar para 9 milhões o número de turistas estrangeiros no Brasil; gerar 8 bilhões de dólares em divisas; aumentar para 65 milhões a chegada de passageiros nos voos

¹⁹ O Plano Nacional de Turismo encontra-se na sua terceira versão.

domésticos; ampliar a oferta turística brasileira, desenvolvendo no mínimo três produtos de qualidade em cada Estado da Federação e Distrito Federal (BRASIL, Mtur, 2003, p. 23).

O PNT (2003-2007) apresenta macroprogramas como desdobramentos e que foram escolhidos pelo seu potencial de contribuição para atingir os compromissos estabelecidos nos objetivos e metas para o turismo no período (2003 – 2007). Os macroprogramas apresentados são no total de sete, sendo estes: gestão e relações institucionais; fomento; infraestrutura; estruturação e diversificação da oferta turística; qualidade do produto turístico; promoção e apoio à comercialização; e informações turísticas.

O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil lançado em abril de 2004 foi criado nesse contexto, contemplando o quarto macroprograma (estruturação e diversificação da oferta turística) seus principais objetivos eram aumentar o número de produtos turísticos de qualidade colocados para comercialização; diversificar os produtos turísticos contemplando a pluralidade cultural e diferença regional; diminuir as desigualdades regionais, estruturando produtos em todos os estados brasileiros e distrito federal; aumentar o fluxo de turistas nacional e internacional; aumentar o tempo de permanência do turista internacional com um leque maior de serviços ofertados (BRASIL, Mtur, 2003, p. 38).

O estado do Pará dentre as demais regiões turísticas brasileiras, está incorporada no programa dentro das macrorregiões, sendo a sua a macrorregião norte, que conta com os seguintes estados - Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima e Tocantins. O Pará foi dividido inicialmente em cinco Pólos, sendo Belém incorporada posteriormente. Atualmente conta com seis Pólos: Amazônia Atlântica, Araguaia-Tocantins, Belém, Marajó, Tapajós e Xingu, Pólos estes que no ano de 2009 estavam sendo adequadas as doze regiões de integração do estado do Pará. A identificação destas regiões foi realizada levando em consideração as “características de concentração populacional, acessibilidade, complementaridade e interdependência econômica” (SEDECT, 2009, p. 03).

A nova organização dos Pólos é: I - O Pólo Belém passa a ser constituído dos Municípios que compõem a Região Metropolitana; II - O Pólo Amazônia Atlântica passa a ser constituído dos Municípios da Região Guamá, da Região Rio Capim e da Região Rio Caeté; III - O Pólo Araguaia Tocantins passa a ser constituído dos Municípios da Região Araguaia, da Região Carajás, da Região Tocantins e da Região Lago de Tucuruí; IV - O Pólo Tapajós passa a ser constituído dos Municípios que compõem a Região do Baixo Amazonas e a

Região Tapajós; V - O Pólo Marajó passa a ser constituído dos Municípios que compõem a Região Marajó; e VI - o Pólo Xingu passa a ser constituído dos Municípios que compõem a Região Xingu (SEDECT, 2009 p. 1-2).

O Pará apresentou três roteiros de turismo no ano de 2005 - Amazônia Quilombola, Amazônia Selva e História, e Amazônia do Marajó, em que Soure e Salvaterra foram os Municípios marajoaras contemplados. O programa contou com a coordenação do governo estadual, através da PARATUR²⁰.

No roteiro Amazônia do Marajó é destacada a importância do caboclo marajoara e seu cotidiano, que segundo a PARATUR, é:

Uma mostra da Ilha de Marajó, o maior arquipélago fúvio-marítimo do mundo através de suas belezas naturais como praias, rios, lagos, a rotina das fazendas marajoaras as lendas e o folclore que canta e dança enquanto conta sua história. (PARATUR, 2006 p. 08).

Na avaliação do roteiro “Amazônia do Marajó”, realizada pela FAPESP e disponibilizada pela PARATUR, Soure é descrita como uma cidade bucólica, que apresenta a Vila do Pesqueiro, como um produto Sol e praia, apontando que o aspecto da vivência da comunidade não está presente nos pacotes turísticos.

(...) os turistas que visitam o Marajó, principalmente Soure - que se “vende” como a capital do Marajó, são levados a consumir o produto turístico comumente comercializado pelas operadoras e agências de viagens, que apresentam roteiros convencionais com visitas às fazendas, ao curtume de beneficiamento do couro, as lojas de produtos artesanais de cerâmica e couro, às praias de Araruna, Pesqueiro e Barra Velha. Deve-se ressaltar que nos roteiros comercializados atualmente, a Vila de Pesqueiro é apresentada apenas como um produto de sol e praia. A visita a Vila, com foco na vivência dos comunitários, não integra esses roteiros (FAPESP, 2007, p. 10).

Analisando as informações acima, percebe-se que o Marajó é sempre destacado pelos aspectos naturais e Soure é ressaltada como um lugar de “Floresta exuberante” e “uma região coberta de misticismo”. A tropicalidade e o primitivismo estão arraigados no imaginário oficial e na veneração existente sobre o país, contudo, essa ênfase dada à natureza não deve nos confundir, já que:

[...] o remoto maravilhoso desde logo se mescla com os sonhos de colonização e conquista em nível mundial e, embora apoiado na imagem de

²⁰ Companhia Paraense de Turismo- Órgão oficial de turismo no estado do Pará.

uma natureza prodigiosa e exuberante, refere-se às possibilidades mercantis dessa conquista. (SANDEVILLE JR, 2002, p.144).

Pode-se afirmar que diante do mundo globalizado, o novo mundo a ser conquistado dentro do turismo são os aspectos naturais, sobretudo Amazônicos, por tudo que representam dentro do contexto atual, o exótico, como é caracterizada a fauna e a flora da Ilha do Marajó é a mola propulsora dos planos e programas e propagandas referentes à Soure.

3.4.2. O PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO – ROTEIROS DO BRASIL – PRT EM SOURE

Segundo o PRT (2006), desenvolvido pelo governo federal, regionalizar o turismo é transformar a ação centrada na unidade municipal para uma política pública mobilizadora de planejamento e coordenação para o desenvolvimento turístico local, regional, estadual e nacional, de forma articulada e compartilhada. É, também, esforço coordenado entre Municípios, estados e países para ações de negociação, consenso, planejamento e organização social.

A Companhia Paraense de Turismo – PARATUR, através do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil apresentou o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional, que traz recomendações para o desenvolvimento da atividade turística nos Roteiros Amazônia Selva e História, Amazônia Quilombola e Amazônia do Marajó.

Os objetivos principais do PRT são, além do fortalecimento das instituições envolvidas com a atividade turística através de seu ordenamento e sistematização, a instrumentalização das regiões turísticas de modo a garantir o desenvolvimento do potencial turístico de uma forma “sustentável, do ponto de vista social, cultural, político, econômico e ambiental” (PRT, 2006, p. 13).

O Plano dividiu o Pará em seis Pólos de Turismo: Belém, Tapajós, Marajó, Amazônia Atlântica, Araguaia-Tocantins e Xingu. Destacou os atrativos turísticos de Soure já comercializados pelas operadoras de turismo, e também novos atrativos a serem trabalhados. Pontua-se, que segundo o plano, esses atrativos são sugestões das comunidades, sugerindo que aparentemente houve diálogo como a população local.

Os impactos sociais, culturais e ambientais são pontuados na avaliação final do roteiro da Amazônia do Marajó. São apontados pelo plano como ponto fraco os impactos de ordem financeira, que seriam incipientes pelo fato de associações como a ASPESQ²¹ e ASMUSPESQ²² ainda estarem se preparando para a gestão do processo de operacionalização e comercialização, por não haver no Município um sistema organizado.

Cabe pontuar que não há apenas problemas de organização, mas também de uma eficaz integração entre os atores responsáveis pela implementação e efetivação da atividade turística no Município, não há integração entre os donos de hotéis e a comunidade do Pesqueiro. (SANTANA, 2010), deste modo:

Os turistas quando eles chego aqui o pacote já ta feito aqui no hotel, o carro vai buscar- o carro do hotel. Ah! Nós queremos conhecer Pesqueiros (o membro da associação se refere aos turistas), chega lá eles saltam: quanto é um coco? É um real. Ah não! Muito caro!...eles compram um coco pra duas pessoas, então qual é o lucro que a gente tem? Mas antes os daqui de Soure, o pessoal vai de bicicleta, vão no ônibus, vão de moto, aí o pessoal vende tudinho... Esses de fora. Nunca vi eles sentarem pra comer, um refrigerante que eles tomam na carreira, o homem já ta: Umbora! Umbora! (aqui o membro se refere ao guia turístico) (Informação verbal)²³.

Os turistas pagam para obter, vivenciar e explorar o modo de vida amazônica e sua paisagem, mas na verdade pagam por simulacros de uma realidade local, com pseudo-acontecimentos.

Isolado de um ambiente acolhedor e das pessoas locais, o turismo de massa promove viagem em grupos guiados e seus participantes encontram prazer em atrações inventadas com pouca autenticidade, gozam com credulidade de pseudo-acontecimentos e não levam em consideração o mundo “real” em torno deles (JOHN URRY, 1996 *apud* OURIQUES, 2005, p. 42)

O Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional (PTR) – 2006 aponta para a importância da participação de todos os atores que compõem a cadeia produtiva turística do Pará, sendo importante para o efetivo êxito do plano a participação integrada entre

²¹ ASPESQ - Associação de Pescadores do Pesqueiro

²² ASMUSPESQ - Associação de Mulheres da Vila de Pesqueiro

²³ (D. L., membro da ASMUPESQ) entrevista realizada em Abril de 2009.

Estado, empresários ligados ao setor, e comunidades locais, assim como a participação contínua dos atores responsáveis pelo planejamento nas regiões turísticas, o plano traz em seu bojo a análise dos impactos socioculturais, ambientais e econômico que podem ser gerados para os três Pólos do programa.

Os roteiros são apresentados pelo plano como “regiões turísticas”, e foram propostos três roteiros²⁴. Porém aqui a análise será feita apenas do roteiro Amazônia do Marajó.

Fazem parte deste roteiro os Municípios de Soure e Salvaterra, sendo priorizados atualmente alguns circuitos já comercializados, além de novas opções. Nesse roteiro, há uma ênfase para a importância do caboclo, sua lida com o gado e seu cotidiano de vaqueiro. Uma mostra do que seria o viver marajoara.

O produto turístico proposto e que estava sendo realizado pela comunidade em 2007, segundo a FADESP quando realizou estudo de viabilidade dos roteiros, tinha apoio do SEBRAE/Belém e contava com cinco roteiros: Vila de Pesqueiro, passeio no igarapé da Andiroba, passeio de búfalo, pescaria, e luau na praia.

É importante ponderar que um dos principais pressupostos do programa era a inclusão social das populações envolvidas, todavia, ocorreram entraves ao seu desenvolvimento como falta de infraestrutura e a falta de qualificação da mão de obra envolvida, levando ao declínio de alguns de seus roteiros, a exemplo da Vila de Pesqueiro que não se mostrou viável passado a época da primeira intervenção do programa, assim, mais uma vez a inclusão não aconteceu de fato.

A infraestrutura deficitária do Município é apontada pelo PRT como algo a ser melhorada. Recomenda a melhoria do sistema de comunicação da Vila de Pesqueiro, com instalação de telefones públicos e antenas de telefonia móvel. No entanto este levantamento foi feito em 2006, e nos anos de 2009 e 2011 em trabalho de campo constatou-se que o Município conta com um sistema de telefonia ainda ineficiente, com poucos telefones e a maioria com não funcionando.

Há também o problema de pavimentação das ruas, as que apresentam cobertura asfáltica (figura 12), encontram-se no núcleo urbano (bairros centrais) e as afastadas se encontram em péssimas condições (figura 13).

²⁴ Amazônia Quilombola, Amazônia Selva e História e Amazônia do Marajó



Figura 12. Travessa 14, no núcleo urbano do Município de Soure.

Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 13. Rua afastada do núcleo urbano do Município de Soure.

Fonte: Eliane Santana, 2011.

O Município não conta ainda hoje com um sistema de transporte urbano com linha regular, sendo os meios de transportes mais utilizados bicicleta e moto (ver figura 14).



Figura 14. Ponto de mototaxi em Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2009.

A infraestrutura do Município de apoio ao turismo é deficiente, pois em pleno feriado de semana Santa em abril de 2009 o posto de informação ao turista presente na sede municipal estava fechado (figura 15), além de não conter nenhum tipo de identificação no local. O mesmo episódio repetiu-se em julho de 2011, onde a secretária municipal de turismo estava fechada em uma sexta feira, e não se pode identificar nem um tipo de posto de informação ao turista.



Figura 15. Posto de informação ao turista no Município de Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2009.



Figura 16. Secretária municipal de turismo do Município de Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.

A figura acima revela que a secretária encontrava-se escondida atrás de pequenos carros de lanche, o que dificulta a sua identificação e visualização. A leitura da placa que indica que ali é uma secretária de turismo somente é possível de ser feita a partir da aproximação das pessoas. É algo a ser questionado, como uma cidade pretensamente turística, não possui nenhum tipo de posto de informação ou um guia? Nem mesmo um recepcionista encontrava-se na Secretária.

3.4.3. O PÓLO MARAJÓ NO CONTEXTO DO PRODETUR

O PRODETUR iniciado em 1995 e inserido no plano governamental “Brasil em Ação” do Governo Fernando Henrique Cardoso, tem como objetivo possibilitar a expansão da atividade turística de forma planejada e sistêmica, a partir da definição de macroestratégias de atuação previamente definidas.

Apresenta como proposta, a integração da mão de obra local no processo, e assim contribuir para a melhoria da qualidade de vida, através do desenvolvimento do turismo.

Suas primeiras áreas de interesse estiveram ligadas ao desenvolvimento da atividade turística nos estados de competência da SUDENE, isto é nos nove estados nordestinos e à

região Norte do Estado de Minas Gerais. O programa tem apoio financeiro do BID²⁵ e BNDES²⁶.

Segundo a PARATUR (2009) no estado do Pará o programa encontra-se em processo de diagnóstico das Áreas Turísticas (ATs) selecionadas, que foram aprovadas em carta-consulta elaborada pelo Governo do Estado, através da Companhia Paraense de Turismo – Paratur. O PRODETUR/PA contempla três áreas turísticas distribuídas em Pólos (figura 17) a seguir: Pólo Tapajós: ATs Santarém e Belterra, Pólo Belém: ATs Belém, Pólo Marajó: ATs Soure, Salvaterra e Ponta de Pedras.

A seleção desses seis Municípios observou os seguintes critérios: o fluxo de turistas nacionais e internacionais já existentes nessas cidades; o baixo IDH dessas localidades (principalmente nas áreas insulares de Belém e no arquipélago do Marajó); e a indicação, pelo MTur, de Santarém e Belém como cidades indutoras da atividade turística no país (dos Municípios brasileiros, apenas 65 cidades foram selecionadas pelo Mtur como destinos indutores) (PARATUR, 2009, p.02).

²⁵ Banco Interamericano de Desenvolvimento

²⁶ Banco Nacional do Desenvolvimento

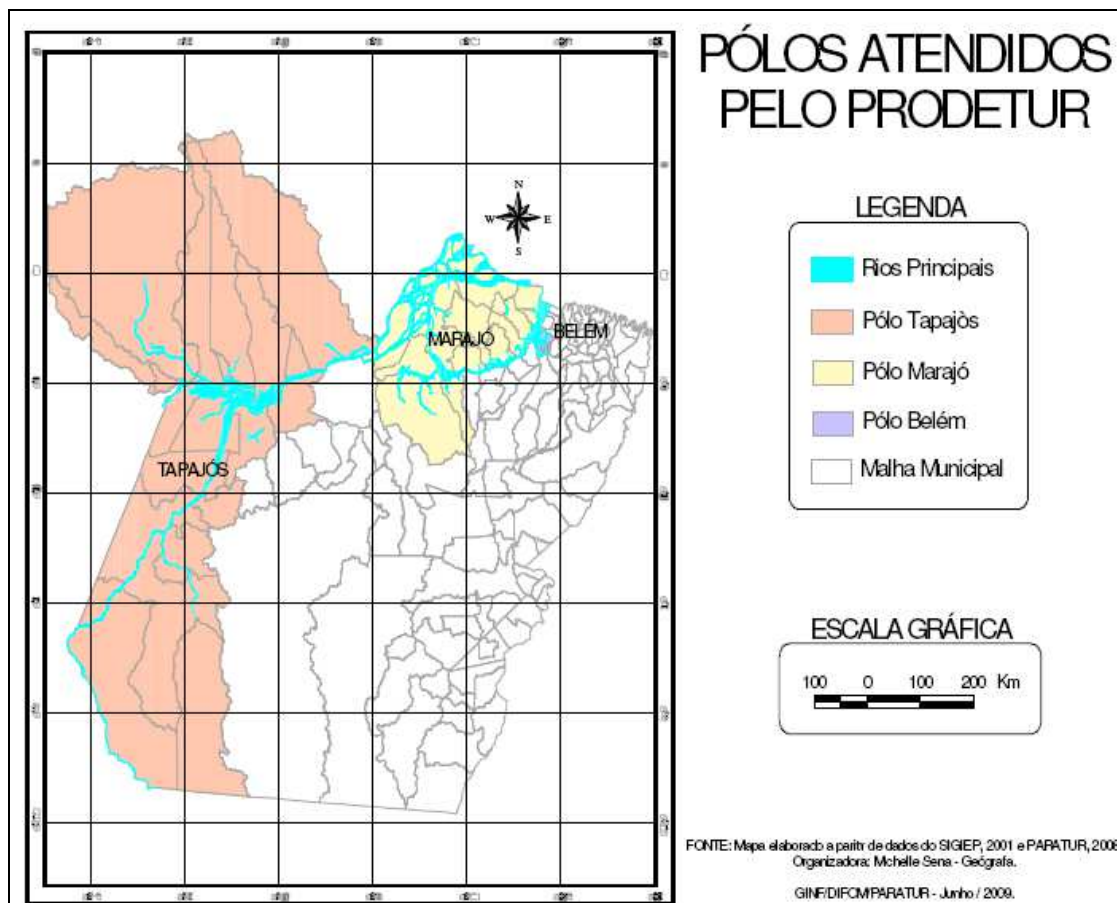


Figura 17. Pólos Turísticos Atendidos pelo PRODETUR no Estado do Pará.

Fonte: PARATUR, 2009.

O PRODETUR/PA contará com US\$ 44 milhões que serão financiados pelo BID e governo do estado. Desse total, US\$ 6,6 milhões serão destinados para o Pólo Belém, US\$ 15,4 milhões para o Pólo Tapajós e US\$ 22 milhões para o Pólo Marajó. O prazo para a implantação do programa é de quatro anos. (PARATUR, 2009)

PÓLO TURÍSTICO	Valor por Pólo (Em US\$ 1,000)	Percentual do Valor Total (%)	Estratégia do Produto Turístico	Estratégia de Comercialização	Fortalecimento Institucional (Em US\$ 1,000)	Infraestrutura e Serviços Básicos	Gestão Ambiental
Marajó	22,000	50,0%	3,960	2,640	1,100	13,200	1,100
Tapajós	15,400	35,0%	2,772	1,848	770,00	9,240	770,00
Belém	6,600	15,0%	1,188	792,00	330,00	3,960	330,00
TOTAL	44,000	100,0%	7,920	5,280	2,200	26,400	2,200

Tabela 3. Quadro esquemático sobre investimentos nos Pólos selecionados pelo programa.

Fonte: PARATUR (2009).

Os recursos do programa serão aplicados nos seguintes componentes: Estratégia do Produto Turístico, Estratégia de Comercialização, Fortalecimento Institucional e Gestão Ambiental.

De todo o capital disponível para a implantação do projeto, o Pólo Marajó será o Pólo que contará com maior investimento.

3.4.4. PRODETUR E O PDITS

No ano de 2011 o PRODETUR, apresentou o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS, que é um instrumento de planejamento do turismo que subsidiará todas as fases do programa no estado do Pará, abrangendo as áreas selecionadas nos Pólos de Belém, Tapajós e Marajó²⁷ (figura 20), apresenta como objetivo:

(...) orientar o crescimento do setor em bases sustentáveis a curto, médio e longo prazo e deverá constituir o instrumento técnico para gestão, coordenação e condução das decisões da política turística, considerando os resultados apresentados na Fase I do Programa. Visa, também, apoiar o setor

²⁷ A Área Turística selecionada no Pólo Marajó abrange os Municípios de Soure, Salvaterra e Ponta de Pedras, a priorização das Áreas Turísticas deste Pólo deve-se à definição, no Programa de Regionalização do Ministério do Turismo - Roteiros do Brasil (2005). Esses municípios são considerados prioritários para investimentos e se constituem destinos consolidados, apresentando potencialidades para os segmentos turísticos de sol e praia. O PDITS (2011) considerou para a análise do grau de atratividade do atrativo natural o “exame crítico dos atrativos para estabelecer seu interesse turístico sobre bases objetivas e comparáveis” BOTE GÓMES *apud* PDITS 2011, p. 102) Classificou a hierarquia dos recursos-atrativos do seguinte modo:

privado, orientando seus investimentos, gestão e acesso ao mercado turístico, de maneira integrada e participativa entre as diversas instituições públicas envolvidas com o setor, tais como as municipalidades, o setor empresarial turístico e a sociedade civil. (PARÁ. 2011 p. 29).

O PDITS (2011) pontua a oferta turística do Pólo Marajó como “diferenciada, e com ecossistema particular” destacando as “especificidades ambientais e culturais reforçadas por certo misticismo e exotismo”. E apresenta os atrativos naturais do Município de Soure “praias, ilhas, lagos, enseadas, rios, canais, furos e fazendas com criação de búfalo” (PDTIS, 2011, p.102), reforçando que a criação de búfalo é um importante atrativo na região do Pólo Marajó, e que a região apresenta grande potencial para o ecoturismo.

O plano apresenta os Atrativos Naturais de Soure, indicando o grau de atratividade (Hierarquia²⁸) para o mercado. Pontua a localização; estrutura para visitação; número de visitantes; recursos físicos e bióticos; vigência de implantação de plano de manejo; estrutura administrativa de gestão e fiscalização; grau de atratividade; usos permitidos; usos conflitantes; importância; produtos turísticos associados ao atrativo; potencialidade e fragilidades.

O plano traz um gama de informações a cerca desses atrativos (figura 18), e apesar de conter em si a metodologia utilizada para caracterização deles em sua pesquisa, algumas informações não estão claras, por exemplo, no item recursos físico e biótico²⁹, na maioria dos

²⁸ Os atrativos turísticos no plano são divididos em Hierarquias assim: i) Hierarquia 3 – atrativo excepcional e de grande significação para o mercado turístico internacional, capaz por si só de motivar uma importante corrente de visitantes;

ii) Hierarquia 2 – atrativo com traços excepcionais em um país, capaz de motivar uma corrente de visitantes nacionais ou internacionais, e sem por si só ou em conjunto com outros atrativos;

iii) Hierarquia 1 – atrativo com algum traço de atração, capaz de interessar visitantes de longa distancia que chegam a uma localidade por outras motivações turísticas, ou são capazes de motivar correntes turísticas locais;

iv) Hierarquia 0 – atrativo sem mérito suficiente para ser considerado ao nível das hierarquias anteriores, porém que igualmente forma parte do patrimônio turístico como elemento que pode complementar a outros de maior hierarquia em desenvolvimento de complexos turísticos.

²⁹ Segundo o PDITS (2011) a avaliação primária e secundária dos atrativos naturais teve como enfoque a situação em termos de qualidade dos seus recursos físicos e bióticos, levando em consideração as condições em que se encontram a flora e a fauna existentes, através dos critérios físicos ou abióticos e químicos aliados aos critérios clássicos, como os parâmetros físico-químicos, pH, temperatura, luz, ou vento neste ecossistema. E também dos biológicos ou bióticos, que são os elementos provocados por organismos vivos em um ecossistema através da predação, do parasitismo ou mesmo da competição. (DIBLASI, 2007). Na análise foi utilizado o critério sistêmico, estabelecendo como parâmetros os seguintes critérios: (i) quando não existem alterações nos recursos naturais; (ii) quando as alterações são consideradas aceitáveis, porém existe a necessidade de medidas de intervenções, e (iii) quando as alterações nos recursos naturais sofrem elevados índices que comprometem o ciclo natural dos ecossistemas (PDTIS, 2011, p. 101)

atrativos³⁰ de Soure, o plano afirma que não houve alteração, mas não revela que alteração é essa e em qual período do dia isso aconteceu essa averiguação. O plano também não mostra qual a época do ano foi realizada essa pesquisa. Esses dados são importantes, pois é necessário destacar que no período das férias o Município recebe um maior número de turistas e que de alguma forma isso acaba impactando a fauna e flora da cidade.

No aspecto “uso conflitante” o plano aponta que nas praias do Pesqueiro e Araruna foram detectados apenas a “Presença de resíduos sólidos e ausência de infraestrutura básica”, e na praia da Barra Velha não foram identificados conflitos no uso. Porém, é sabido que nas praias do Pesqueiro e Barra Velha há construções sobre as dunas que não permitem inclusive a recomposição da vegetação de restinga, além da presença de efluentes domésticos que são despejados direto na areia dessas localidades (SANTANA, 2008).



Figura 18. Empreendimento construído sobre as dunas na Praia do Pesqueiro, em Soure.

Fonte: Eliane Santana, 2011.

No acesso para a praia da Barra Velha ocorreu à construção de uma ponte que passa sobre o mangue (figura 19), e nada consta no plano sobre o impacto causado por essa construção nesse ecossistema (figura 20).

³⁰ O documento não explica o que considera atrativos turísticos, porém em sua análise está claro que são os aspectos naturais, culturais e sociais.

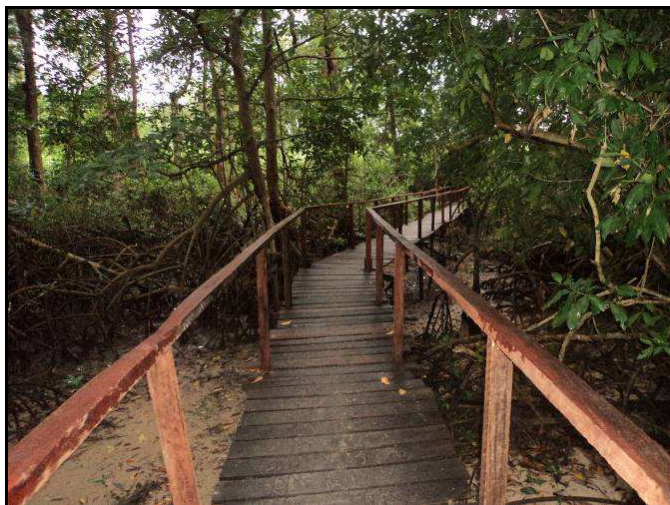


Figura 19. Ponte de acesso a praia da Barra Velha, Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.





Figura 20. Empreendimento e banheiro público construído sobre as dunas na praia da Barra Velha, Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.

No aspecto “potencialidade”, o plano destacou no rio Paracauri sua condição natural de interligação entre os Municípios de Soure e Salvaterra, aspecto que pode ser explorado pelo turismo. No tombo do Jutuí é destacando a sua potencialidade para o desenvolvimento do ecoturismo e o turismo de sol e praia. Sobre as praias, o plano sinaliza em Soure “Os passeios na orla, banho e pesca esportiva, entre outras atividades próprias do turismo de sol e praia.”; na praia do Araruna o destaque foi dado a “beleza local”, na Barra Velha a possibilidade de



contato direto com a natureza e no Mata Fome os aspectos naturais, fauna e flora. Sobre as fazendas o plano destaca o turismo rural e ecoturismo.

O PDITS descreve a importância de atrativos da seguinte forma:

Quadro 4. Atrativos turísticos de Soure e sua importância, segundo PDTIS.

Atrativos	Importância
<p>Rio Paracauari</p> 	<p>O local é propício para o desenvolvimento de atividades esportivas.</p>
<p>Tombo do Jutáí</p> 	<p>O local é propício para o desenvolvimento de atividades esportivas, como a prática do turismo náutico e recreativo.</p>
<p>Praia do Pesqueiro</p>	<p>Figura como uma das praias fluviais mais conhecidas do Município, além de se um grande atrativo turístico da região. Em</p>

	<p>relação aos atrativos naturais destacam-se as dunas formadas por areia de coloração amarela, além de coqueiros que se espalham por quase toda a extensão. Por influência de Oceano Atlântico, a praia apresenta, em algumas localidades, áreas salgadas. Local é propício para o desenvolvimento de atividades náuticas, ecoturísticas, esportivas e de lazer.</p>
<p>Praia do Araruna</p> 	<p>A beleza do local é um de seus principais atrativos, sendo constituído de areia branca e de águas muito claras, propício para o desenvolvimento de atividades náuticas, ecoturísticas, esportivas, de lazer/recreação.</p>
<p>Praia da Barra Velha</p> 	<p>Com características primitivas, preserva espaços naturais. O local guarda uma beleza exuberante e vegetação composta por manguezais, que se espalham pela fina areia de praia fluvial, sendo propício para o desenvolvimento de atividades náuticas, ecoturísticas, esportivas e de lazer/recreação.</p>
<p>Praia do Mata Fome (Garrote)</p>	<p>Oferece ao visitante um atrativo natural</p>

	<p>de praia fluvial, além de um potencial a ser consolidado para o turismo de sol e praia, sendo propício para atividades náuticas, ecoturísticas e recreativas.</p>
<p>Fazendas</p> 	<p>Se destaca pela biodiversidade da flora (manguezais e igarapés) e da fauna proporcionada pela presença de animais como pássaros, búfalos, cavalos. Destaca-se ainda, a produção de leite e queijo de búfala e atividade ecoturística.</p>

Fonte: Elaborada pela autora a partir de informações contidas no PDITS, 2011.

Analisando o quadro acima observa-se que o destaque dos atrativos turísticos, esta sobre os aspectos naturais de Soure. Os aspectos culturais são tratados de modo secundários. Na verdade este plano apesar de apresentar em seus objetivos a integração entre os atores sociais, não apresenta métodos para inclusão efetiva da sociedade civil no processo das medidas apontadas pelo plano.

Sobre gestão ambiental o plano apenas aponta direcionamentos, sem propostas para efetiva-las. Aparentemente a possibilidade da implementação de gestão ambiental está relacionada à melhoria da imagem do produto turístico, assim o foco esta em manter e melhorar a paisagem que tanto atraem turistas.

O plano está direcionado para *trade* turístico, apresentando os pontos que devem ser dinamizados para aumentar o fomento das atividades, indicando como vender a imagem do Marajó “Devem ser produzidos *folders* específicos para o Pólo Marajó. Estes *folders* devem ter uma função mais motivacional do que informativa”, como melhorar a situação da infraestrutura, e dirimir a deficiência em relação a mão de obra qualificada nesses atrativos. A que se relatar que este plano é o único que traz além de dados e informações, fotos, do que segundo suas diretrizes são atrativos turísticos.

3.5 - O PLANO ESTRATÉGICO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE SOURE

O Plano de Estratégico de Desenvolvimento Turístico de Soure, é um plano proposto pela atual administração presente no Município, sua implementação começou em abril de 2009 e tem a duração de quatro anos.

Segundo o plano suas propostas foram desenvolvidas de acordo com o Programa de Regionalização do Turismo, do Governo Federal, através do Ministério do Turismo, que institui o segmento turístico como instrumento de planejamento e gestão da atividade, com o objetivo de evidenciar as potencialidades naturais e culturais do Município de Soure (PLANO ESTRATÉGICO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE SOURE, 2009).

Seu objetivo central é desenvolver Soure enquanto destino turístico no Marajó, em seus diversos aspectos como segurança, informações, infraestrutura, cultura, lazer, saúde e meio ambiente, além de: conscientização da comunidade sobre a importância da atividade turística; sistematização dos serviços ligados ao turismo, buscando qualidade; construir um plano de marketing de forma planejada, priorizando cultura, meio ambiente e a sustentabilidade; envolver atores locais no trabalho coletivo para o crescimento do turismo; trazer desenvolvimento sustentável para o Município de Soure; valorizar o povo sourense fomentando oportunidades sócio-econômico-financeiras; promover resgate cultural de Soure-Marajó; promover a divulgação efetiva de Soure; e Redefinir a imagem original da cidade, como a Capital do Marajó.

Os objetivos específicos do plano são: o aumento de fluxo dos turistas, melhoria da infraestrutura de acesso a Soure e aos atrativos turísticos locais, ampliação dos postos de

trabalho ligados direta e indiretamente à atividade turística de Soure, capacitação dos funcionários que atuam no turismo, melhoria no atendimento médico-hospitalar, valorização da cultura local.

O plano traz em seu bojo, que o desenvolvimento de uma região não depende somente de seus produtos turísticos, desse modo deveria haver fatores estruturantes para que a atratividade e competitividade dos produtos do Município ocorressem de maneira a garantir o crescimento dos fluxos econômico, isso seria viável através da multidisciplinaridade do setor. Traça também um diagnóstico do turismo no Município.

Atualmente, os segmentos turísticos mais acentuados neste Município são o turismo rural, o ecoturismo, Sol e Praia e o segmento designado como turismo de Segunda Residência. Poder Público, Comunidade e Iniciativa Privada estão trabalhando de forma absolutamente descoordenada (SOURE, 2009, p.4)

O plano traça ainda diagnóstico, dos equipamentos turísticos e suas ofertas, qualificação de mão de obra, meios de hospedagem, agência de viagens, condutores locais, grupos folclóricos, restaurantes representantes da gastronomia regional, fazendas, praias, infraestrutura e fluxo turístico. Seus programas são: Programa de consolidação, desenvolvimento e qualificação da oferta turística; Programa de geração e distribuição da informação turística; Programa de gestão de relações institucionais; Programa de promoção e apoio à comercialização turística. Traça os possíveis impactos positivos e negativos a serem gerados pelas ações.

De modo geral, o plano propala a inclusão da sociedade civil organizada nas discussões referente ao plano, como informado pela representante do secretário de turismo do Município, que em entrevista cedida em abril de 2009, falou sobre essa integração da secretária com a comunidade e dos projetos desenvolvidos pela nova administração.

Um ponto positivo, é que a secretária de turismo conta como profissionais qualificados no segmento do turismo (três bacharéis em turismo, o secretário é hoteleiro, tem mais de 20 anos de hotelaria em Soure, é faz muitos curso na área de turismo) (informação verbal)³¹ e também reativou o conselho municipal de turismo. (SANTANA, 2010).

³¹ Entrevista cedida por Thelly Costa, turismóloga e integrante da equipe que trabalha na Secretaria Municipal de Turismo, em abril de 2009

Curiosamente, o plano não explora os aspectos naturais da cidade, como único artifício para fomentar o turismo em Soure. Porém, não se pode verificar se as ações propostas foram de fato efetivadas, quais os avanços do plano, e as dificuldades encontradas em sua implementação, pois não conseguiu-se entrevistar com o secretário de turismo de Soure, nem com nenhum de seus representantes. Esgotando-se todas as tentativas de contato, fica aqui essa ressalva.

3.6. PLANO VER-O-PARÁ E AS NOVAS PERSPECTIVAS PARA O TURISMO

O Plano Ver-o-Pará (2011) – Plano Estratégico de Turismo é um plano de ação que se propõe a “fazer acontecer”, no âmbito do turismo no estado do Pará gerando programas e projetos para execução imediata. O plano é responsabilidade da Paratur com consultoria da empresa Chias Marketing. Está dividido em duas fases. A primeira é composta por: análise da situação atual (o turismo no estado do Pará, a situação do Pará no mercado, a situação da oferta turística do Pará, a opinião interna, a opinião externa, a política turística). Seus objetivos:

(...) melhorar a oferta atual dos equipamentos e serviços para o turista de negócios (...). Fomentar o desenvolvimento sustentável de novas estruturas e equipamentos turísticos orientando os investidores sobre o perfil desejado dos mesmos, coerente com a Visão 2020. Fomentar o desenvolvimento de oferta complementar, principalmente ligada a gastronomia típica e ao artesanato local, mantendo os valores de autenticidade e originalidade que os caracterizam. Aumentar a promoção no mercado nacional, focalizando os investimentos nos mercados e segmentos selecionados como adequados para o produto Pará. Aumentar a promoção nos mercados internacionais que já vendem Brasil, com vista aos megaeventos que o Brasil sediará em 2014 e 2016. Aumentar a presença do produto Pará na oferta do trade internacional que já vende Amazônia Brasileira. Captar novos mercados internacionais com interesse potencial na Amazônia. Desenhar um novo sistema de informação estatística, capaz de medir de forma homogênea ao longo do tempo, a evolução do turismo no Pará (Plano VER-O-PARÁ, 2011, p. 134-135).

O plano aborda questões referentes à hospedagem, apresenta diagnóstico do *trade* turístico nacional é internacional, no qual a Ilha do Marajó aparece dentro da oferta intitulada Amazônia Brasileira. Pontua os aspectos culturais, social e ambiental do estado do Pará.

O plano trabalha com a metodologia³² de dividir os atrativos turísticos em Pólos³³, que é mesma já adotada anteriormente por políticas e planos para fomento do turismo no Estado do Pará, sejam elas: estadual ou federal. Especificamente, sobre os Pólos relata as formas de acesso.

Sobre o acesso as cidades do Pólo Marajó, especificamente o Município de Soure, a área de interesse do presente estudo, o plano faz uma ressalva sobre o PDTIS ter apontado que a construção de uma ponte sobre o rio Paracauari seria a solução para facilitar o acesso aos atrativos do Município. No entanto, o plano afirma que “essa alternativa precisa ser cuidadosamente avaliada, pelo impacto na paisagem e pelo fato contribuir para a frequência de turistas de 01 só dia” (VER-O-PARÁ, 2011, p. 52). Cabe aqui, observar que o impacto que pode ser causado na paisagem pelo aumento do fluxo turístico a região raramente aparece nas políticas de turismo voltadas para Soure.

Segundo o plano, o Marajó “é conhecido por suas paisagens, cultura e extraordinária riqueza hídrica e biológica” (VER-O-PARÁ, 2011, p.62), todavia, apesar do Marajó ser uma marca forte e notória no imaginário do mercado, isso não tem se revestido em crescimento de demanda turística, alerta o plano.

O Plano aponta no Pólo Marajó, como produto estrela³⁴, a paisagem³⁵ marajoara. Classifica como produto “A”³⁶, a gastronomia, folclore, campos e cerâmicas marajoara, centro de artesanato, curtume e fazendas. Porém quando apresenta os produtos classificados como

³² Na metodologia utilizada foi considerada a singularidade, valor intrínseco e identidade local.

³³ Os pólos apresentados no plano Ver-o-Peso (2011) são: Pólo Amazônia Atlântica: Bragança, Tracuateua, Salinópolis, Marapanim, Curuçá, Vigia de Nazaré e São Caetano de Odivelas. Pólo Belém: Belém
Pólo Araguaia-Tocantins: Conceição do Araguaia, Marabá, Parauapebas, Tucuruí, Cametá e Barcarena
Pólo Marajó: Ponta de Pedras, Salvaterra e Soure
Pólo Tapajós: Santarém, Belterra e Oriximiná
Pólo Xingu: Altamira

³⁴ “Os Produtos Estrela são os produtos excepcionais e podem ser considerados ‘o melhor da experiência’ no destino. São produtos singulares que valem a viagem e devem ser utilizados como principais captadores de fluxo” (VER-O-PARÁ, 2011 p.74)

³⁵ Para o Plano paisagem é representada por aspectos naturais e culturais.

³⁶ “Os Produtos “A” são produtos que complementam os Produtos Estrela e se convergem em indutores de viagens e fatores de redução dos períodos de baixa temporada e, nesse caso, os demais atrativos podem complementar a visita e ampliar o tempo de permanência do turista no destino” (VER-O-PARÁ, 2011 p.76)

“B”³⁷, ocorre um equívoco da equipe elaboradora do plano, pois, eles destacam lugares pertencentes não ao Pólo Marajó e sim ao Pólo Tapajós como “Lago Verde ou dos Muiraquitãs, Grande Lago do Curuai e comunidades, Igarapé-Açu, Reserva Florestal do Palhão e Solar do Barão de Santarém”. (PLANO VER O PARÁ, 2011, p. 79).

Segundo o plano, Soure apresenta os seguintes recursos³⁸: festival do caranguejo, círio da Nossa Senhora da Conceição, carnaval, capela de São José, festividade de São Sebastião e a parada gay.

Quadro 5. Ranking dos produtos turísticos por Pólo.

POLOS DO ESTADO	Produtos Estrela	Produtos "A"	Produtos "B"	RECURSOS	TOTAL
BELÉM	9	13	6		28
ARAGUAIA TOCANTINS	1	16	34	103	154
AMAZÔNIA ATLÂNTICA	4	20	43	32	99
MARAJÓ	1	18	10	60	89
TAPAJÓS	10	19	14	40	83
XINGU	3	2	5	2	12
TOTAL	28	88	112	237	465

Fonte: VER-O-PARÁ, 2012.

Analisando as informações e o quadro acima se pode afirmar como grandes atrativos de Soure, sua paisagem e seus aspectos naturais, são elas que movimentam o seu turismo, para o plano os seus aspectos culturais ainda são pouco conhecidos pelos turistas, e são pouco difundidos pelas agências.

A segunda fase do plano se refere ao plano estratégico, o qual será desenvolvido para que se atinjam os objetivos da primeira fase, e está voltado para ação mercadológica. Para isso propõe melhorar o *marketing* turístico dos produtos turísticos do estado do Pará, fomentar a

³⁷ Segundo o Plano Produtos “B” exercem uma função estratégica, permitindo a ampliação do período de permanência do turista ou a motivação de seu retorno. (VER-O-PARÁ, 2011 p.78).

³⁸ “Recursos são apresentados como possibilidades de ampliação às opções existentes, mas que precisam de um processo de desenvolvimento antes de serem oferecidos ao mercado” (VER-O-PARÁ, 2011 p.82).

sua credibilidade e confiabilidade, tornando assim o Pará no “Destino Líder da Amazônia” em 2020 (figura 21). Para isso, segundo o plano:

(...) o trabalho deverá concentrar-se nas ações que permitam, no futuro, ser percebido como um destino com credibilidade, mantendo incorporando os valores da cultura local, produtos para que o turista possa vivenciar sensações próprias do modo de vida amazônico (PLANO VER O PARA, FASE II, 2011 P. 7).

O plano Ver-o-Pará (2011) não é o primeiro que propõe essa valorização do aspecto cultural em sua formulação, esse quesito, fez-se presente também no Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil (2005) em que o Pará apresentou os destinos Amazônia Quilombola, Amazônia Selva e História, e Amazônia do Marajó.



Figura 21. Visão para o ano de 2020 sobre o Pará enquanto destino turístico.

Fonte: VER-O PARÁ, FASE II, 2012.

Um decálogo³⁹ é apresentando na segunda fase do plano, ele seria o primeiro elemento a ser trabalhado para a construção da identidade turística. Os argumentos apresentados são: originalidade, autenticidade, criatividade, diversidade, sustentabilidade. O Marajó é citado em apenas três deles. Originalidade por sua “linguagem artística, a cerâmica”,

³⁹ Decálogo é uma síntese dos valores de base da argumentação para fazer com que o turista potencial decida visitar o território que será promovido. Os argumentos devem expressar não só o que se é, mas o diferencial dessa identidade. (Ver-o-Pará -Fase II, 2011 p. 20)

autenticidade onde se destaca o siriá e o lundu⁴⁰ marajoara, e diversidade, no qual o Marajó é descrito como a “maior ilha fluviomarina do mundo com suas planícies inundáveis; a pororoca... excepcionais para a prática de atividades na natureza”. (VER-O-PARÁ, 2011 p.24) Os Pólos não aparecem nesse momento, os posicionamentos são gerais em relação ao turismo paraense.

O plano avança por considerar a questão cultural e ambiental (quadro 06) no desenvolvimento das estratégias para o fortalecimento dos Pólos turísticos. Propondo o mapeamento cultural e criação de centros de referências. Outro ponto que merece destaque, e que o diferencia dos demais desenvolvidos para o Pará, é a questão ambiental. O plano aponta a importância da implementação de gestão ambiental nos Pólos. Como pode ser verificado abaixo:

Quadro 6. Mapeamento Cultural e Gestão Ambiental

Mapeamento cultural e centros de referência	Mapeamento da cultura material e imaterial das comunidades tradicionais (indígenas e quilombolas); Construção do Centro de Referência Cultural e de Artesanato.
Gestão Ambiental	Elaboração do Plano de Ecoturismo em áreas protegidas do polo; Elaboração do plano de gestão integrada dos resíduos sólidos no polo; Estudo de avaliação ambiental estratégica; Estudo de capacidade de carga.

Fonte: Quadro adaptado pela autora a partir do Plano VER-O-PARÁ - Primeira Fase, 2011.

Apesar de o plano apresentar possibilidades promissoras para o desenvolvimento turístico. Com a valorização da cultura local, como quesito para aumento do fomento do turismo, paradoxalmente, não apresenta medidas para que a população detentora da cultura, e do saber local desses destinos turísticos, seja incluída socioeconomicamente nesse processo. Desse modo, pode-se concluir que o plano preocupa-se em diagnosticar a infraestrutura, acesso, divulgação e marketing. Apresentando ações para aumentar o fluxo turístico para esses destinos, visando, principalmente o aumento da participação do Pará no mercado regional, nacional e internacional. Deixando para a população local um papel secundário nesse processo, já que seu foco é o turista.

⁴⁰ Danças típicas.

CAPÍTULO IV. TURISMO E APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM NA PERSPECTIVA DOS AGENTES DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO NO MUNICÍPIO DE SOURE

O presente capítulo é composto pela parte empírica da pesquisa, a partir do qual se pretende analisar como a paisagem é apropriada pelos agentes de turistificação de Soure.

4.1. APROPRIAÇÃO E DIFUSÃO DA PAISAGEM MARAJOARA SOURENSE PELO MERCADO E O ESTADO.

Segundo o dicionário Aurélio (2012), imagem é a reprodução visual de um objeto dado por um espelho, um instrumento de óptica. E a paisagem seria a “Extensão de território que se abrange num lance de vista; panorama, vista. / Desenho, quadro que representa uma cena campestre”. Seguindo esse raciocínio é verdadeiro que os dois conceitos estão relacionadas à representação, ao que se ver.

Dessa maneira, afirmar-se que a correlação entre a imagem e a paisagem é intrínseca, como afirma Menezes:

A correlação da paisagem com a imagem é visceral. Paisagem e representação da paisagem muitas vezes se equivalem no senso comum, particularmente quando o suporte é a pintura (gravura) ou a fotografia (MENEZES, 2002, p. 84).

Castrogiovanni (2009), diz que a imagem é vista como centro de resistência ao sentido, como uma representação. Aponta que a imagem do espaço turístico é produzida, por isso “tende a ser conotada, ou seja, simbólica. É formada por traços particulares relacionados a interesses (...)” (p.7).

Avançando nesse debate pode-se assegurar, portanto que o turismo está ancorado na paisagem, e a imagem, ou a representação da paisagem tem papel fundamental nessa relação, essencialmente quando contrapõem-se ao cotidiano do turista, apresentando-lhe novas formas, outras realidades, principalmente em formato de fotografias.

No mar de imagens que vai cristalizar as fisionomias e significados da paisagem, cumpre ressaltar a importância da fotografia. A fotografia sempre esteve associada ao turismo e à paisagem e sua voga não decresceu com o passa do tempo, pelo contrário. (MENEZES, 2002, p. 36).

Nesse contexto, o marketing e publicidade, que são instrumentos poderosos dentro do sistema capitalista, são meios pelos quais se difundem os destinos turísticos, “a publicidade já não é apenas um convite à viagem: ela é igualmente um reflexo estilizado e verdadeiro de uma mentalidade coletiva (...)” (GUEDES, 1999, p.135).

A seguir mostrar-se-á como a paisagem da Ilha Marajoara e Soure têm sido abordada, principalmente, na internet, que é um meio de divulgação em massa, no qual pessoas de varias localidades do mundo podem ter acesso as imagens referentes a estes lugares. A internet é um instrumento empregado na consolidação do imaginário sobre esse destino turístico. Utilizada pelos agentes de turistificação do espaço, que os aborda essencialmente pelo prisma da exotividade.

4.1.1 - PAISAGEM MARAJOARA

Nos últimos anos, a expansão dos meios de comunicação, e a difusão do computador e da internet, tem viabilizado maior divulgação dos destinos turísticos, que tem ocorrido em grande volume, pois proporciona a visita, ainda que virtual, a novos lugares.

É a paisagem, através da imagem, o primeiro contato que o turista tem com o lugar ao qual pretende visitar. Segundo Cruz (2002), isso faz com que a paisagem esteja no centro da atratividade turística. Fato utilizado pelos empresários do *trade* turístico a favor da fomentação dos produtos turísticos. A paisagem é transformada, assim, em mercadoria (MENEZES, 2002).

A Ilha do Marajó como destino turístico tem grande exposição na internet, na mídia, principalmente nesse momento em que encontra-se no ar, uma novela de veiculação nacional em uma grande emissora brasileira, que possui um núcleo local no qual parte da trama se passa.

Soure foi utilizada como locação para a novela. Alguns aspectos culturais são mostrados, mas foram os aspectos naturais que literalmente roubaram a cena nos primeiros capítulos. Quando pesquisa-se o assunto Ilha do Marajó na internet⁴¹, as imagens que mais aparecem são praias, búfalos e guarás. (figura 22). Normalmente as praias mostradas pertencem a Soure.

⁴¹ A pesquisa foi realizada utilizando o navegador Chrome em Janeiro de 2012.

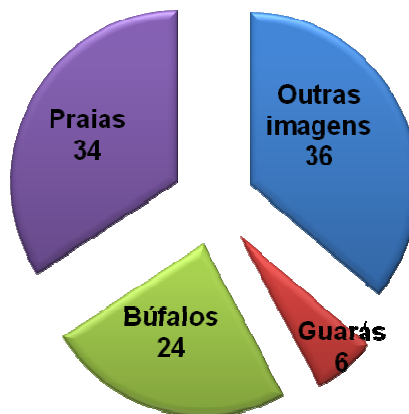


Figura 22. Frequências em que as imagens aparecem quando o assunto pesquisado na internet é Ilha do Marajó
 Fonte: Eliane Santana, 2012

Analisando o gráfico acima, verifica-se que no total de 100 fotos que aparecem relacionados à Ilha do Marajó mais de 50% das imagens referem-se ao aspecto natural da Ilha do Marajó. Isso reflete como a Ilha é vista pela maioria, já que, as imagens dizem respeito a blogs e *sites* voltados para o turismo, e turistas, onde normalmente compartilham-se imagens e informações. Como esta escrita por Christas Tagebuch, que visitou a Ilha em 2008. Em sua descrição, a Ilha do Marajó, aparece quase como uma fábula.

As 9h enfim um tipo de barco para nós[...] Uma ultima oração pelo céu - e embora. Passamos ilhas de Robinson Crusoe, vemos natureza cartão postal, pássaros voando e barquinhos de pescadores que eu conheço só de livros. 3 horas e meio depois chegamos feliz na terra da ILHA DO MARAJÓ, curioso de ver os famosos búfalos de lá. Sou doida para ver meu primeiro búfalo (Fonte: www.blogigo.de/Christas_Tagebuch).

Nos *sites* das agências de turismo que oferecem como destino turístico o Marajó e nos de compartilhamento de experiência turística, as imagens mais recorrentes também são de praias (figuras 23 e 24)⁴², aspectos naturais (figuras 25 e 26)⁴³ búfalos (figuras 27 e 28)⁴⁴, guarás (figuras 29 30)⁴⁵.

⁴² Acesso em 10 Abril de 2012.

⁴³ Acesso em 10 Abril de 2012.

⁴⁴ Acesso em 10 Abril de 2012.

⁴⁵ Acesso em 10 Abril de 2012.



Figura 23. Praia do Pesqueiro
Fonte: www.eujafui.com.br



Figura 24. Praia do Pesqueiro
Fonte: Ilhadomarajo.com



Figura 25. Imagem aérea representando a Ilha do Marajó
Fonte: www.vregiaturismo.com.br



Figura 26. Praia do Pesqueiro
Fonte: www.valeverdeturismo.com.br



Figura 27. Búfalos caminhando pela cidade e Soure
(Fonte: www.eujafui.com.br)



Figura 28. Búfalos marajoaras
Fonte: www.valeverdeturismo.com.br



Figura 29. Guarás

Fonte: <http://melevacanada.blogspot.com.br>



Figura 30. Guarás

Fonte: <http://www.iaturismo.com.br>

Como pôde ser observado, as paisagens retratam essencialmente os aspectos naturais da Ilha do Marajó. As imagens diferem do contexto urbano, do qual o turista que busca a natureza para relaxar, que distanciar-se durante sua viagem. O que está em voga aqui, senão o valor estético da paisagem: “Para o turismo, é o valor estético da paisagem que está em pauta. E a estética da paisagem turística é aquela ditada pelos padrões culturais de uma época” (CRUZ 2002, p.110).

Todavia, a natureza e sua propriedade paisagística sempre fizeram parte do imaginário do homem.

Por tanto, se a paisagem reflete necessariamente à natureza, e à representação, ambas remetem ao problema de imaginário, em função da mediação simbólica que assume a representação da natureza para os mais diferentes grupos sociais (CASTRO, 2002 p.125).

O fazer turístico, para quem produz e para quem o pratica, está relacionada à apropriação de poder. “consumir o outro, o diferente, o exótico, o distante, supostamente, gera experiências prazerosas” (MOESCH, 2002, p. 15). Nessa perspectiva, as imagens da Ilha do Marajó e de Soure, que aparecem nos *sites* oficiais do governo, não diferem das encontradas em outros especializados no assunto. A Ilha marajoara é destacada como “paraíso”.

Marajó: paraíso amazônico entre o mar e o rio-mar (...). Na ilha, o turista poderá conhecer uma diversidade de fauna e flora que a tornam um dos destinos turísticos mais cobijados do Pará. Lagos, manguezais, igarapés, sítios arqueológicos, pântanos e praias de rio são algumas das riquezas naturais que a ilha oferece. (www.paraturismo.pa.gov.br)

Normalmente a descrição vem acompanhada de imagens que retratam a paisagem Marajoara, no entanto, ocorre exacerbação dos aspectos naturais, como vemos a seguir:

(...) a paisagem no Marajó nunca é a mesma (...). O viajante pode percorrer, no verão amazônico - de junho a novembro - os campos onde garças, guarás (aves de cor avermelhada), e dezenas de outros pássaros procuram alimento entre os rebanhos de gado zebu. E no inverno - período que mais chove no Marajó (janeiro a maio) - cruzar em barcos esses mesmos campos, entre deslumbrantes jardins aquáticos. Em ambas as experiências, o turista verá sempre pássaros e pequenos mamíferos selvagens em profusão. E, quem sabe, poderá montar num cavalo baio, debaixo das cores do sol (Fonte: www.paraturismo.pa.gov.br).

A descrição acima, nos remete a poesia, como no seguinte trecho “deslumbrantes jardins aquáticos” (PARATURISMO, 2012) e “quem sabe, poderá montar num cavalo baio, debaixo das cores do sol” (PARATURISMO, 2012). Observa-se que há um casamento entre a descrição e a imagem (figura 31), valorizando a paisagem. Ambas são utilizadas como recurso para o convencimento, e encantamento do turista. “A valorização da paisagem para essas atividades é possível em função do conteúdo simbólico prévio do qual ela se encontra revestida” (CASTRO, 2002 p. 129).



Figura 31. Campos marajoara.⁴⁶
Fonte: www.paraturismo.pa.gov.br

⁴⁶ Acesso em 12 de Fevereiro de 2012.



Figura 32. Imagem representativa da Ilha do Marajó, pertence ao município de Soure.⁴⁷
 Fonte: www.paraturismo.pa.gov.br

A imagem acima é do *site* da Paratur, órgão oficial do turismo no estado do Pará, a foto é utilizada para representar o Marajó (figura 33) no qual a ênfase é dada para o búfalo, o homem aparece apenas como acessório. Aliás, as imagens de búfalos e as praias são recorrentes em *sites* oficiais do governo destinados ao turismo. As imagens utilizadas para representá-los normalmente são dos aspectos naturais. Destarte, paisagem em essência é imagem, cuja utilização como atrativo turístico é evidente (CASTRO, 2002).



Figura 33. Site oficial do Ministério do Turismo, no qual a imagem que retrata o Marajó refere-se aos seus aspectos naturais.⁴⁸
 Fonte: www.turismobrasil.gov.br

⁴⁷ Acesso em 12 de Fevereiro de 2012.

⁴⁸ Acesso em 15 de Fevereiro de 2012.

No *site* do Ministério do Turismo, é apresentado como destino turístico o roteiro - Marajó Total, que apesar de o nome sugerir vários destinos, indica apenas Soure e Salvaterra aos turistas. O Marajo é descrito da seguinte forma:

Ao passear entre rios e igarapés (cursos de água que nascem na mata e deságuam nos rios) você avista a fauna e flora da região. Ao visitar as fazendas, – algumas centenárias – que fazem história em Marajó, você conhece um pouco mais da criação de búfalos e cavalos marajoaras. O artesanato em couro é outro forte atrativo. Ao passear pelas cidades e encontrar o povo de Marajó, você interage com a riqueza da cerâmica, com as cores dos ornamentos, com as danças típicas (como o Carimbó e o Lundú) e saboreia os pratos da deliciosa culinária. (Fonte: www.turismobrasil.gov.br).

Na citação acima houve não apenas a descrição dos aspectos naturais, como os culturais também foram ressaltados, a final, é bom lembrar que no Marajó não vivem somente búfalos, existe lá uma riqueza histórica-cultural, e uma população com um modo de vida específico. Porém a imagem utilizada para retratar o Marajó, mais uma vez, recai sobre os aspectos naturais, ressaltada com a imagem de uma praia.

4.1.2 SOURE: APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM PELO TRADE TURÍSTICO E PELO ESTADO

Como exposto anteriormente, vimos que, quando pesquisa-se o assunto Ilha do Marajó na internet, as imagens que aparecem com maior frequência estão relacionadas aos seus aspectos naturais, o fato que não difere quando o assunto pesquisado é o Município de Soure. No conjunto de 100 imagens que aparecem relacionadas ao tema, 30% são da praia do Pesqueiro (figura 34).

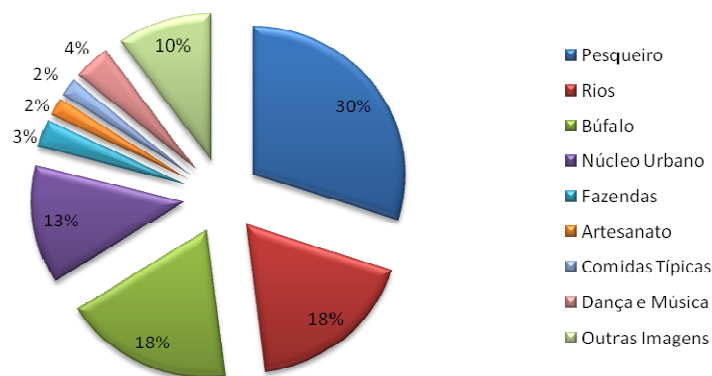


Figura 34. Frequências em que as imagens aparecem quando o assunto pesquisado na internet é Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2012.

A praia do Pesqueiro é sempre destacada em *sites* voltados para o turismo, esse fato não se distinguiu quando se trata de *sites* oficiais do governo (figura 35).



Figura 35. Imagem da praia da Barra Velha, disponível no site do ministério do turismo, representando o Marajó.⁴⁹
Fonte: www.turismobrasil.gov.br

A seguir o texto que acompanha a imagem acima.

A Reserva Extrativista Marinha presente no Município de Soure abriga a Praia do Pesqueiro, com três quilômetros de extensão e inúmeros coqueiros, marca registrada do local. Possui ainda barraquinhas com serviços de bar e restaurante e uma culinária cuja especialidade são os peixes regionais e caranguejo toc-toc. (Fonte: www.turismobrasil.gov.br).

A associação da imagem com a descrição feita pelo Ministério do Turismo pode levar o turista a pensar que em Soure só exista a praia do Pesqueiro, que é a mais conhecida, o

⁴⁹ Acesso em 15 de Fevereiro de 2012.

que é uma falha, pois reforça o imaginário da tropicalidade existente sobre os aspectos naturais do município, porém a cidade apresenta outros aspectos, como população local com seu modo de vida (figuras 36,37, 38 e 39), o núcleo urbano (Figuras 40, 41), as fazendas, curtume, o artesanato, comidas típicas, a luta marajoara⁵⁰, e danças típicas (figuras 43,44,45,46,47,48). Um fato curioso desta imagem é que a praia em questão não é a do Pesqueiro e sim a da Barra Velha, seria isso falta de atenção? Ambas se distanciam por quilômetros.



Figura 36. Travessia feita no rio Paracauari, entre os Municípios de Soure e Salvaterra.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 37. População local e turistas na embarcação que realiza a travessia entre Soure e Salvaterra.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 38. Embarcações utilizadas pelos pescadores de Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 39. Crianças tomando banho no rio Paracauari, em frente ao Município de Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.

⁵⁰A Luta Marajoara ou Agarrada Marajoara surgiu com o próprio caboclo há mais de 300 anos, a partir de suas observações e necessidades. Contam os mais antigos vaqueiros do Marajó, que aprenderam com seus avós a prática desta genuína luta do Marajó. Contam que o caboclo analisou a atitude do búfalo, animal que diante da ameaça iminente de sua liderança em relação ao rebanho, enfrenta o búfalo rival colocando cabeça com cabeça, ficando com as patas no chão e tentando um derrubar o outro emaranhando seus chifres; o que cair é o perdedor (<http://marajobufalofest.blogspot.com>)



Figura 40. Centro Comercial (Núcleo Urbano)
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 41. Igreja Matriz de Nossa da Consolação (Núcleo Urbano)
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 42. Manguezal da Fazenda Bom Jesus
Fonte: Eliane Santana, 2007.



Figura 43. Curtume Art'Couro, localizado no Município de Soure.
Fonte: Cleber Castro, 2010.



Figura 44. Artesanato de Soure
Fonte: Eliane Santana, 2009.



Figura 45. Comida típica de Soure (Turu)⁵¹
Fonte: <http://www.marajo.tk>

⁵¹ Acesso em 05 de Março de 2012.



Figura 46. Luta Marajoara.⁵²
Fonte: www.marajobufalofest.blogspot.com



Figura 47. Grupo de dança tradicionais, Cruzeirinho de Soure.⁵³
Fonte: www.casadaculturacruzehirinho.arteblog.com.br

Outro *site* visitado foi o portalmarajo.tur, que é voltado para a divulgação dos atrativos dos Municípios marajoaras. Apresenta em seu acervo referente à Soure, fotos em sua maioria relacionadas ao aspecto natural, com fotos de praia Barra Velha (figura 48)⁵⁴, Pesqueiro (figura 49)⁵⁵, Furo Miguelão (figura 50)⁵⁶, passeio a cavalo em fazenda (figura 51)⁵⁷, contudo no que se refere ao aspecto cultural apresenta imagens do artesanato de modo generalista, o descrevendo apenas como artesanato marajoara (figura 52)⁵⁸. Sobre as comidas regionais, não se tem nenhum tipo de imagem, apenas os nomes dos pratos.

⁵² Acesso em 05 de Março de 2012.

⁵³ Acesso em 05 de Março de 2012.

⁵⁴ Acesso em 05 de Março de 2012.

⁵⁵ Acesso em 05 de Março de 2012.

⁵⁶ Acesso em 05 de Março de 2012.

⁵⁷ Acesso em 05 de Março de 2012.

⁵⁸ Acesso em 05 de Março de 2012.



Figura 48. Praia Barra Velha
Fonte: www.portalmarajo.tur.br



Figura 49. Praia do Pesqueiro
Fonte: www.portalmarajo.tur.br



Figura 50. Furo Miguelão
Fonte: www.portalmarajo.tur.br



Figura 51. Passeio a cavalo, Fazenda Camburupy.
Fonte: www.portalmarajo.tur.br



Figura 52. Artesanato marajoara.
Fonte: www.portalmarajo.tur.br

As páginas na internet referentes às agências de turismo e hotéis que oferecem Soure como produtos turísticos não falam, ou pouco falam dos aspectos culturais do Município. Seus pacotes focam nos aspectos naturais. Como nota-se na figura abaixo onde o destaque fica para praia com coqueiros e para o búfalo (figura 53).



Figura 53. Imagem do site do Hotel Marajó⁵⁹.
Fonte: www.iaraturismo.com.br



Figura 54. Imagem retirada do site Hotel Marajó⁶⁰.
Fonte: www.hotelmarajo.com

⁵⁹ Acesso em 05 de Março de 2012.

⁶⁰ Acesso em 06 de Março de 2012.

Na imagem retirada do *site* Hotel do Marajó (figura 54) além de praia, tem-se a representação dos campos⁶¹ de Soure com búfalos, o Município faz parte do Marajó dos Campos⁶². Mais uma vez se ver o apelo ao belo. Segundo Cruz (1999), o turismo como atividade humana é a única que aproveita o espaço tanto por seu valor paisagístico como pelas condições ambientais que prevalecem (clima, vegetação, hidrologia, etc.).

Na página da Fazenda São Jerônimo, localizada em uma rede social, ocorre destaque não só para os aspectos naturais, praias, búfalos, diferentemente aqui há espaço para os aspectos culturais (Figuras 55, 56 e 57) o que a diferencia dos demais *sites*, cujo foco está apenas nos aspectos naturais de Soure.



Figura 55. Grupo de dança típica.⁶³
Fonte: www.facebook.com/pages/Fazenda-são-Jerônimo-Marajó



Figura 56. Coleta do açaí, atividade típica de povos ribeirinhos.⁶⁴
Fonte: www.facebook.com/pages/Fazenda-são-Jerônimo-Marajó

No *site* da Fazenda Sanjo o destaque fica por conta de imagens de cerâmica do museu arqueológico mantido na fazenda.

⁶¹ Segundo Silva, Sadeck e Costa(s.d) Campos Marajoaras são áreas compostas por campos limpos com predominância de vegetação herbácea, campos mistos cujas pequenas oscilações da topografia favorecem a vegetação arbustivo-arbórea e ilhas de matas e capões que se desenvolvem nas áreas onde a topografia mais elevada diminui o efeito da inundação. Esta dinâmica paisagística é controlada principalmente pelo fator hidrológico resultante da interação dos elementos do clima e a dinâmica marinha regional.

⁶² O autor Agenor Sarraf (2009), classifica o Marajó em Marajó dos Campos (Soure, Salvaterra e Chaves) e Marajó da Floresta (Breves, Anajás, Melgaço, Portel, Afuá e Bagre).

⁶³ Acesso em 10 de Março de 2012.

⁶⁴ Acesso em 10 de Março de 2012.



Figura 57. Imagem referente ao museu arqueológico presente na Fazenda Sanjo.⁶⁵
Fonte: www.sanjo.tur.br

A cidade de Soure, como visto até aqui, tem sido representada nos *sites* oficiais do governo, hotéis, agências de turismo e *sites* voltados para troca de informações turísticas, sobretudo por seus aspectos naturais, os quais são enfatizadas nos textos que acompanham as imagens. A população local não aparece nos mesmo, e seus aspectos culturais pouco são mostrados, com exceção dos dois *sites* acima. Dessa maneira, concordar-se com Cruz (2010) ao afirmar que Estado e mercado são os atores hegemônicos da produção do espaço.

4.2. APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM PELO TURISTA

Para as entrevistas realizadas no trabalho de campo, optamos por serem semi-estruturadas. Os turistas foram escolhidos de modo aleatório, sem distinção de sexo, idade, grau de escolaridade, ou profissão. As entrevistas apresentam caráter qualitativo, e os turistas entrevistados foram no total de vinte. As mesmas correram nas praias e núcleo urbano da cidade.

Como em Fratucci (2008), neste estudo acredita-se que a primeira instância a compor o turismo, são os turistas. São as avaliações subjetivas de suas necessidades que

⁶⁵ Acesso em 10 de Março de 2012.

definirão quais partes do espaço serão turistificadas. Nesse sentido Knafou (1996), afirma ser o turista a fonte fundamental para a criação dos lugares turísticos.

Fratucci (2008) entende que as especificidades naturais e culturais, dos lugares:

(...) são fatores que devem ser avaliados com cuidado nos estudos dos processos de turistificação dos espaços, pois podem contribuir para agregar mais valor à paisagem, dando-lhes um caráter singular, muitas vezes único (FRATUCCI, 2008, p. 73).

Quando se fala de turismo em Soure, não tem com não relacionar a prática turística a sua paisagem, é ela, como veremos a seguir, o fator motivacional da maioria dos turistas que se deslocam para o Município. Pode-se afirmar, assim, que a sua paisagem, relacionada aos seus aspectos naturais, como sua marca.

Os turistas entrevistados no trabalho de campo (Tabela 4) eram de diversas localidades do Brasil, contudo, a maioria deles residia de Belém⁶⁶ e região metropolitana. Quando perguntado o que os levou a escolher Soure como destino turístico, as respostas direcionaram para os aspectos naturais, sobretudo a praia.

Cidade	Nº de Turistas
São Paulo	4
Florianópolis	2
Rio de Janeiro	2
Belém e região metropolitana	10
Cachoeira do Arari	2
Total	20

Tabela 4. Origem dos turistas
Fonte: Eliane Santana, 2011.

Conforme os dados da tabela acima, evidenciaram-se no trabalho de campo, Belém e sua região metropolitana, são os maiores emissores de turistas para Soure. Não se quer, com isso afirmar, que eles são os que mais consomem os serviços do Município, mas sim, que estes agentes sociais também se descolam para a cidade com os mesmos objetivos que a maioria dos turistas vindos de outros lugares do mundo, ou seja, contemplar a paisagem no que tange aos seus aspectos naturais.

⁶⁶ Capital do estado do Pará

Um dado interessante é que os turistas oriundos de outros lugares do estado do Pará, quase não são levados em consideração nas formulações das políticas públicas de turismo. O PTD-PA (2001) buscou em suas ações, identificar o potencial do perfil consumidor dos turistas do MERCOSUL, Europa e Estados Unidos.

O Ver-o-Pará (2011) aponta que a maioria dos turistas que tem a Amazônia como destinos são da Ásia, Europa e Estados Unidos, busca majoritariamente realizar o turismo “sol e praia” e fazer tour por paisagens diversificadas, que segundo o plano, consiste em paisagens construídas também pelos aspectos culturais. Em nenhum momento os Planos fazem menção aos turistas domésticos, como sendo aqueles que fazem viagens dentro do próprio estado ou região. E sim, os que o fazem entre regiões. Entende-se aqui que ambos são turistas domésticos, contudo as metodologias utilizadas pelos planos para essa classificação é contabilizar apenas os turistas que desembarcam no aeroporto de Belém.

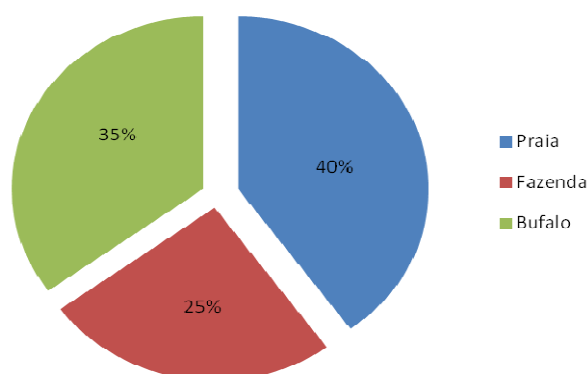


Figura 58. Gráfico representando as motivações que levaram o turista a escolher Soure como destino turísticos
Fonte: trabalho de campo, 2011.

A análise do figura (58) revela que a principal motivação para os turistas irem para Soure são seus atrativos naturais. Nenhum turista dentre os 20 entrevistados revelou ser os aspectos culturais do Município sua motivação para conhece-lo.

No presente estudo buscou-se verificar como os turistas ficaram sabendo da existência de Soure, assim 50% dos entrevistados revelaram ter tido acesso a informações e imagens do município através da internet, 20% sentiram-se motivados a conhecer a cidade a partir de depoimentos de amigos, 15% disseram está no Município a partir de informações

fornecida por familiares, e 15% por intermédio de folders, revistas e agências de turismo (outros). Esses dados revelam que a grande maioria das pessoas entrevistadas não utilizaram as agências de turismo para conhecer Soure, por mais que existam os “turista de pacotes”, os quais viriam de outros lugares que não a região norte, e que são o alvo das políticas de turismo como visualiza-se no seguinte trecho “a (...) pesquisa foi desenvolvida junto aos maiores operadores turísticos emissivos do eixo São Paulo - Rio de Janeiro - Minas Gerais” (PDT-Pa, 2001, p.8).

Cabe ressaltar, os turista que chegam a Soure via pacotes turísticos, têm pouco contato com os moradores locais, ficando restritos ao que vieram buscar, ou seja, uma bela paisagem natural, cercados por praias e búfalos. Esse fato já foi apontado em outro trabalho. (SANTANA, 2009)

Dos turista entrevistados 65% elencaram praias e búfalos como os principais atrativos da cidade, todavia, é preciso ressaltar a relação entre a procura por esses atrativos e a utilização e o tratamento dessas imagens que estão disponíveis em sites de operadoras de turismo, órgãos oficiais do estado, e sites voltados trocas de experiência entre turistas.

Não há como negar a intrínseca relação entre turismo e paisagem, a segunda para Azevedo (s.d), é quase sempre matéria-prima da atividade turística. Como falar de paisagem, seja ela cultural ou natural, sem a sua expressão em imagem? A imagem está a disposição, do *trade* turístico, dos planejadores das políticas públicas e dos turista, servindo aos mais distintos interesses do meio. Esses elementos estão relacionados na motivação do turista como vê-se a seguir, quando perguntado ao turista o que o levou a escolher Soure como destino turístico:

“búfalos, a questão do rio, a paisagem diferente” (Informação verbal)⁶⁷

“Praia bonita, diferente do Sul” (I., comerciante) (Informação Verbal)⁶⁸.

“Conhecer as praias” (Informação Verbal)⁶⁹.

A imagem é recurso de marketing poderoso, pois possibilita o consumo visual das paisagens. É composta de signos que traduzem-se em sentimentos, desperta desejos, sobretudo, de poder estar em um lugar visualmente diferente do habitual.

⁶⁷(E., estudante). Entrevista realizada dia 23 de Julho de 2011

⁶⁸(I., comerciante) Entrevista realizada dia 22 de Julho de 2011

⁶⁹(M.C, dona de casa) Entrevista realizada dia 23 de Julho de 2011

A singularidade do visual confere uma carácter ímpar e muito especial a todos os aspectos da realidade circundante: às palmeiras junto à praia, ao restaurante de traça nativa, ao quarto com vista sobre o mar, à exuberancia dos pássaros tropicais, ao colorido das plantas exóticas, etc. As atividades mais mundanas, como andar às comprar, passear sem sentido, nadar, ou simplesmente ficar sentado a tomar um bebida, parecem adquirir um conteúdo especial quando realizadas sobre um pano de fundo que é, no plano visual, notoriamente diferente do costume (URRY e CRAWSHAW, 1995, p.48).

A análise da figura (59), revela que os principais atrativos da paisagem para os turista estão relacionados com as atividades que eles realizaram no Município, assim, constata-se que ir a praia aparece 100% nas atividades executadas na cidade. Indicando ser as informações prévia obtida pelos turistas, responsável pela escolha dos lugares a serem visitados em Soure.

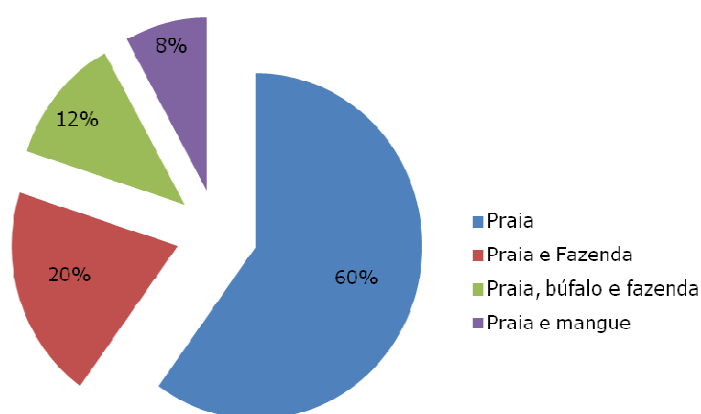


Figura 59. Representação das atividades realizadas pelos turista durante sua estadia em Soure.
Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Avançando nesse debate, entende-se que, a seletividade dos atrativos em Soure que são promovidos pelos agentes de turistificação através dos meios midiáticos também influenciam nessas escolhas do turistas. Por exemplo, as imagens que estão presente na revista Pará Mais⁷⁰ (2006)⁷¹, dão um panorama das paisagens e informações as quais o turista tem acesso. Imagens como essas disponíveis em sites, revistas e folderes reforçam a idéia de

⁷⁰ A revista Pará Mais é uma revista direcionada a gerar conteúdo referente ao Estado do Pará, nos aspectos políticos, econômicos, cultural, turístico e informações em geral, no mercado a mais de 10 anos e está disponível na forma impressa e digital em www.paramais.com.br.

⁷¹ Edição de número 48

Soure como paraíso místico, éden terreno. Como nota-se em um texto publicado (figura 60) na mesma revista entitulado “Soure fascinante” (figura 61) que vem acompanhada de imagens dos aspectos naturais. Destaca-se o fato de não haver foto da população local e seu modo de vida, por mais que apresente informações sobre sua cultura:

Com povo hospitaleiro e criativo, a cidade de Soure é famosa pelo seu grande potencial turístico. Além das belas praias, fazendas, exuberante fauna e flora que encantam qualquer pessoa, essa cidade também possui como um de seus maiores atrativos sua própria cultura, e no que tange a ritmos, danças, depois do gostoso carimbó e lundum marajoara [...] (FONTE: REVISTA PARA MAIS, 2006, p. 12)

A revista apresenta várias imagens dos atrativos turísticos, as fotos maiores foram seus usos. As fotos menores, cabe ressaltar o seu tamanho mínimo, ficaram para os aspectos culturais como a luta marajoara, que estava incluído no II jogos de identidade Cultural do Marajó, que nessa reportagem de quatro páginas dedicadas a Soure, foram descrito em dois parágrafos minúsculos.



Figura 60. Texto publicado na revista Pará Mais, o qual exalta a beleza de Soure.

Fonte: Pará Mais 2006, ed. 48 p.15



Figura 61. Capa da revista Pará Mais, na qual são destacados os aspectos naturais de Soure.

Fonte: Pará Mais 2006, ed. 48

Na verdade, a matéria deixa claro qual o enfoque da revista: turismo e praias de Soure, com pouco destaque para cultura, com uma descrição rasa, e grande ênfase para os feitos do prefeito do período.

A revista Para Mais (2011a)⁷², são dedicadas quatro páginas ao Pólo Marajo, especificamente a presença da Paratur e suas ações para o fortalecimento do Pólo, enquanto destino turístico, mas uma vez constata-se o enfoque aos aspectos naturais de Soure (figura 62 e 63).



Figura 62. Praia do Pesqueiro, em Soure na Ilha do Marajó.
Fonte: Revista Pará +, 2011 ed. 111p. 20



Figura 63. Passeio de búfalo realizados por turistas na Fazenda São Jerônimo.
Fonte: Revista Pará +, 2011 ed. 111 p. 19

Na revista Pará Mais (2011b)⁷³, entre as indicações habitual do que deve ser visto e feito em Soure, pela primeira vez testaca-se o artesanato marajoara “com seus desenhos inconfundíveis aplicados a cerâmica marajoara”, “as bio-jóias são produzidas a partir de sementes, folhas e cipós” (REVISTA PARÁ MAIS, 2011, p. 9) diz o texto, embora ocorra essas indicações, elas não vieram acompanhadas de nenhuma imagem, que mais uma vez ficou reseedada aos aspectos naturais, nesse caso o mangue (Figura 64).

⁷² Edição de número 111

⁷³ Edição de número 113



Figura 64. Passeio de canoa realizado no manguezal da Fazenda São Jerônimo.
Fonte: Pará Mais, 2011 ed. 113 p. 9

A análise até aqui, pode demonstrar que os turistas como agente de turistificação do espaço, veem Soure, como um lugar paradisíaco, todavia, esse pensamento é consolidado através da ênfase que é dada aos seus aspectos naturais nos meios midiáticos, políticos e sociais. O turista tem papel de destaque nas políticas de turismo, pois é o seu olhar que irá alimentar e conduzir o imaginário coletivo e irá revalorizar a natureza. (LUCHIARI, 1998). E ele por conseguinte, o foco tanto das políticas públicas, quanto das propaganda de promoção do turismo em Soure.

4.3. APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM PELA POPULAÇÃO LOCAL

Segundo Ferreira (2002) o processo de ocupação do espaço geográfico e social de Soure, ao longo dos anos, definiu-se como a expressão socioeconômico de seus habitantes. As famílias mais ricas e de posição social mais elevada habitavam o centro da cidade com acesso a serviço público e infraestrutura, aos moradores de menor poder aquisitivo, restou habitar o entorno da cidade em bairros periféricos e não planejado. A área urbana de Soure é composta

pelos bairros São Pedro, Centro, Macaxeira, Umirizal, Matinha, Bairro, Novo, Pacoval e Tucumanduba.

Esse aspecto histórico de ocupação apresenta suas raízes ainda hoje, pois, os serviços estão localizados no bairro Central (Figura 65), bairro onde se encontram também os serviços de apoio ao turista, alguns hotéis e restaurantes. A maioria dos atrativos turísticos⁷⁴ (Figura 66) da cidade encontra-se longe do núcleo urbano.

⁷⁴ Os atrativos turísticos da cidade de Soure foram identificados a partir da leitura e interpretação das informações contidas em planos, programas, documentos, *sites*, e a partir das verificações ocorridas em trabalho de campo.

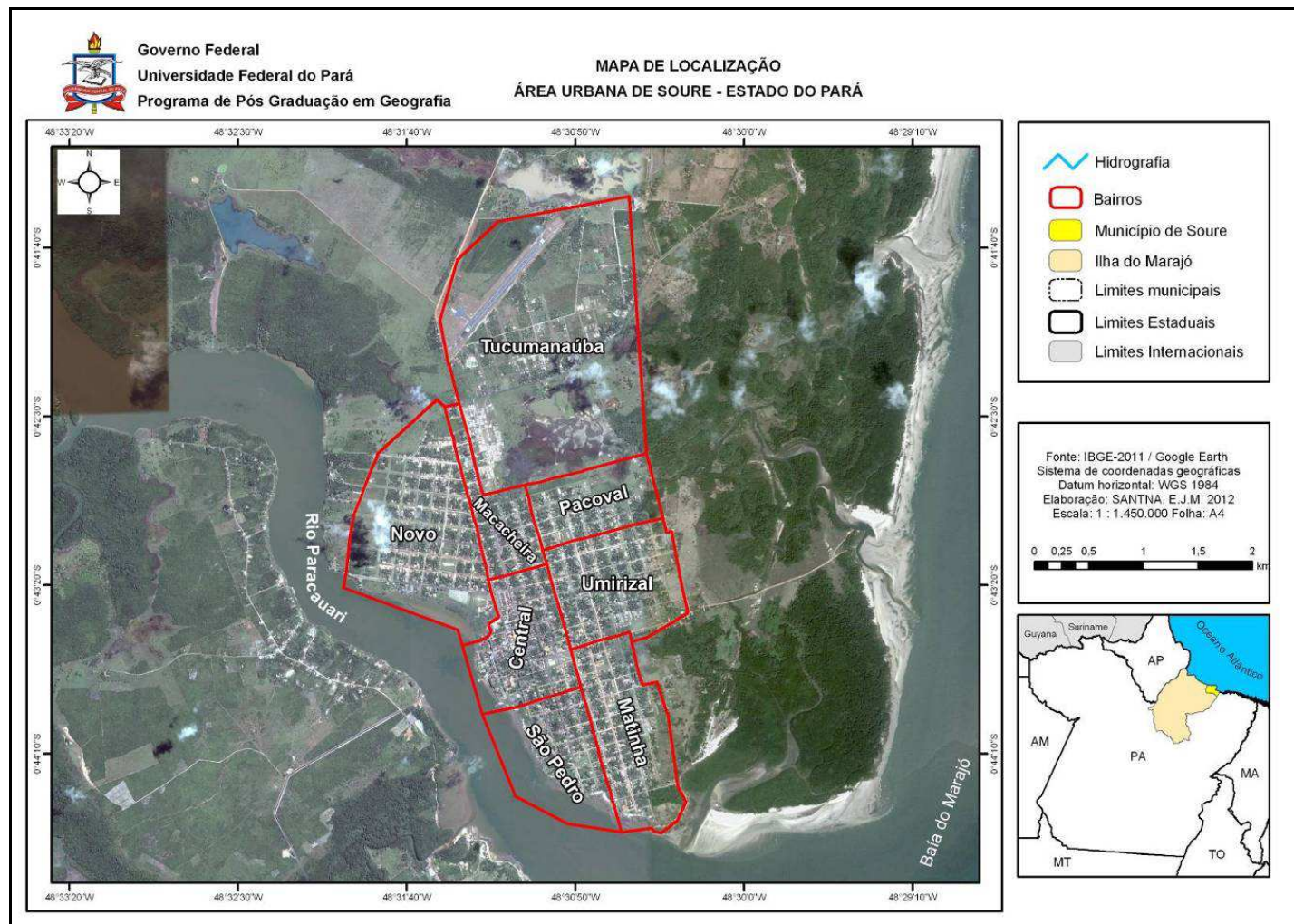


Figura 65. Área urbana de Soure. Fonte: Elaborada pela autora

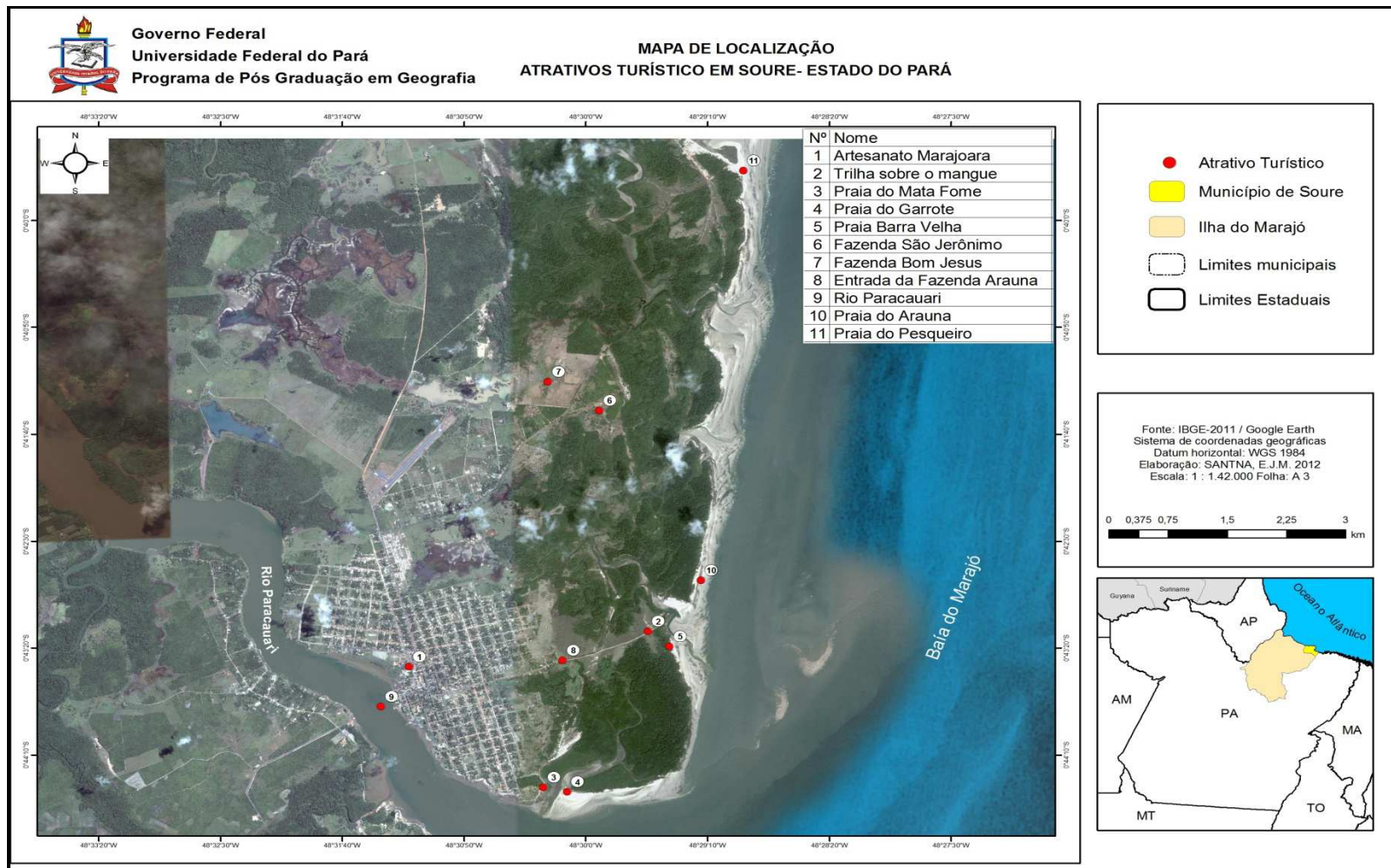


Figura 66. Mapa de localização dos atrativos turísticos em Soure. Fonte: Elaborado pela autora



Atrativo Turístico 1: Artesanato
Fonte: Eliane Santana, 2009.



Atrativo Turístico 2: Ponte sobre o mangue, que liga a estrada a praia da Barra Velha
Fonte: Eliane Satana, 2011.



Atrativo Turístico 3: Praia do Mata Fome
Fonte: prefeitura de Soure⁷⁵



Atrativo Turístico 4: Praia do Garrote
Fonte: portalmarajo⁷⁶



Atrativo Turístico 5: Praia da Barra Velha
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Atrativo Turístico 6: Fazenda São Jerônimo
Fonte: www.marajo.tk/⁷⁷

⁷⁵ Disponível em < http://www.soure.pa.gov.br/pagina.asp?id_pagina=11 > acesso em 25 de Fev. 2012

⁷⁶ Disponível em < <http://www.portalmarajo.tur.br> > acesso em 25 de Fev. 2012

⁷⁷ Disponível em < <http://www.marajo.tk/> > acesso em 07 de Maio de 2012



Atrativo Turístico 7: Fazenda Bom Jesus
Fonte: Eliane Santana, 2008.



Atrativo Turístico 8: Entrada da Fazenda Araruna
Fonte: Eliane Santana, 2009.



Atrativo Turístico 9: Rio Paracauari
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Atrativo Turístico 10: Praia Araruna
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Atrativo Turístico 11: Praia do Pesqueiro
Fonte: Eliane Santana, 2011.

Figura 67. Quadro elaborado a partir do mapa de atrativos turísticos do município de Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.

As regiões, as cidades, e os lugares turísticos “vestem-se de novas materialidades: galerias, *shopping centers*, edificações, condomínios fechados, infraestrutura viária e uma infinidade de objetos e serviços especializados para o turismo” (LUCHIARI, 1998, p.4). O que em parte não se aplica a Soure, pois apesar de o Município ter recebido suas primeiras intervenções, no diz respeito ao turismo também na década de 1980, década na qual foram construídos os primeiros hotéis, que proporcionaram mudanças na dinâmica territorial, ainda hoje não se faz presente nem um grande empreendimento no seguimento. Os hotéis presente no Município são de pequeno porte, não há, portanto, nenhum grande empreendimento voltado para o turismo na cidade (figuras 68,69,70 e 71).



Figura 68. Hotel Marajó
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 69. Hotel Araruna
Fonte: Eliane Santana, 2009.



Figura 70. Hotel Casarão da Amazônia
Fonte: Cleber Castro, 2010.



Figura 71. Pousada Canto do Francês
Fonte: Cleber Castro, 2010.

É certo que, as ações decorrentes de decisões políticas apresentam consequências, tanto na gestão pública como no setor privado, bem como pode influenciar no modo de vida da população local dos lugares onde ocorrem essas ações. Apresenta rebatimento na manutenção e transformação da paisagem em decorrência de obras para atender ao turismo.

O trabalho de campo mostrou que a população local apesar de morar no Município não tem acesso a algumas das paisagens que os turistas tem. Quando perguntado quais os lugares de Soure mais procurados pelos turistas, 65% apontaram as praias e 35% as fazendas, porém alguns moradores revelaram não conhecer as fazendas⁷⁸ tão exploradas pelo marketing e pelo Estado, essa impossibilidade vem do fato das fazendas cobrarem pelas visitas:

“Olha, é caro para ir na fazenda. Acho que tem gente aqui, que nasceu em Soure que nunca foi em uma fazenda” (Informação Verbal)⁷⁹

“Eu nunca fui na fazenda” (Informação Verbal)⁸⁰

Constatou-se também que apesar de os moradores irem com frequência a praia, a mais frequentada é a praia do Barra Velha, ocorrendo distinção entre os próprios moradores em relação as praias que frequentam, como revela uma moradora local.

“Aqui tem muito preconceito entre a praia dos ricos (pesqueiro) e praia dos pobres (Barra Velha)” (Informação Verbal)⁸¹

“Aqui tem diferença no cardápio, aqui (Barra Velha) e mais barato, lá (Pesqueiro) tem mais carro e aqui moto e bicicleta” (Informação Verbal)⁸²

A praia do Barra Velha fica próxima ao núcleo urbano da cidade com uma distância de aproximadamente 3 km, o que facilita o deslocamento dos moradores, que chegam andando, de carro, mas frequentemente utilizam moto e bicicleta. Porém a estrada que dá acesso a praia esta em péssimas condições (figura 72).

A praia do Pesqueiro dista mais de 9 km do núcleo urbano de Soure, essa distância dificulta o deslocamento da população local, apesar de apresentar estrada asfaltada e em boas condições (figura 73), somente é possível chegar de carro, ônibus, mototáxi e táxi ao local. Normalmente são os turistas que mais desfrutam de sua paisagem. Durante o trabalho de

⁷⁸ As fazendas presentes no município de Soure são de propriedade particular, para conhecê-las o turista ou morador local terá que pagar de R\$ 50,00 a R\$100,00 pela visita que varia de três a cinco horas. Já a estadia nas fazendas pode variar de R\$ 75,00 a R\$ 750,00.

⁷⁹ (S. Comerciária).Entrevista realizada dia 23 de Julho de 2011

⁸⁰ (E. dona de casa). Entrevista realizada dia 23 de Julho de 2011

⁸¹ (S. estudante). Entrevista realizada dia 22 de Julho de 2011

⁸² (M. estudante). Entrevista realizada dia 22 de Julho de 2011

campo realizado em Julho de 2011 os únicos moradores do Município presentes na praia estavam a trabalhar.



Figura 72. “estacionamento” da praia do Barra velha, visualiza-se a falta de infraestrutura no local.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 73. Turistas a caminho da praia do Pesqueiro. Visualiza-se a estrada asfaltada
Fonte: Eliane Santana, 2011.

Há uma seletividade dos espaços em Soure, o que não ocorre somente no marketing, mas também nas políticas públicas e ações do estado e Município que são intensificadas no período das férias, com a presença de campanha de conscientização para o trânsito, corpo de bombeiro, polícia civil, shows, todavia essas mesmas ações não se entendem para outros locais do Município ficando concentradas na praia do Pesqueiro e no núcleo urbano (figuras 74, 75, 76, 77 e 78), especificamente.



Figura 74. Campanha de conscientização realizada pelo Detran, no mês de Julho de 2011 na praia do Pesqueiro, em Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 75. Ronda da polícia militar na praia do Pesqueiro em Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 76. Montagem de palco para realização de show e concurso de beleza na praia do Pesqueiro, em Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 77. Bandeira do corpo de bombeiro sinalizando a sua presença na praia de Pesqueiro em Soure.
Fonte: Eliane Santana, 2011.



Figura 78. Palco para realização de show, localizado na Rua Primeira Avenida, que fica de frente para o rio Paracauari, no bairro Central.
Fonte: Eliane Santana, 2011.

Depois da praia da Barra Velha o lugar que os moradores mais costumam frequentar é a praça central e o trapiche da cidade. Apesar de 60% dos moradores acreditarem que ocorre modificação na paisagem e no modo de vida da população local de Soure em decorrência da atividade turística, sobretudo nos meses de julho e novembro, 40% não acreditam que ocorra modificação.

“Com certeza. Aumenta o assalto e a poluição” (Informação Verbal)⁸³.

⁸³ (L. moradora) Entrevista realizada dia 23 de Julho de 2011

“A cidade fica cheia. Pra quem vende fica bastante movimentado, mas pra quem não vende, não muda nada” (Informação Verbal)⁸⁴

“Muda tudo, muda geral. Já teve melhor. Aumenta a violência, o povo daqui todo mundo se conhece, ai nas férias vem gente diferente, fica mais caro as coisas e o bote pra travessia vai cheio” (Informação Verbal)⁸⁵.

“Não modifica nada não” (Informação Verbal)⁸⁶

“Não modifica. O turista ajuda” (Informação Verbal)⁸⁷

“Não interfere. O Comercio fica melhor” (Informação Verbal)⁸⁸

As duas últimas falas dos moradores que acreditam que não ocorre modificação devido à atividade turística, apresentam contradições, pois, ao mesmo tempo em que eles dizem não interferir, afirmam “o turista ajuda” e o “comércio fica melhor”, assim entende-se que para eles a mudança não ocorre na paisagem tão pouco no modo de vida, ocorrendo somente no aspecto econômico, porém os três aspectos no que diz respeito ao turismo estão relacionados.

Quanto à divulgação turística feita pelo Município e estado, 21,43% dos moradores afirmaram estar satisfeitos e 78,57% afirmaram estar insatisfeitos, sobretudo, porque para eles os aspectos culturais têm sido pouco trabalhados pelos representantes do poder público. Este dado confirmou-se, quando perguntado sobre os atrativos que não faziam parte das políticas públicas, ou seja, que não eram abordados nessas políticas ou eram abordadas de modo superficial. As respostas apontaram para os aspectos culturais de identidade do Sourense. (figura 79).

⁸⁴ (I. moradora). Entrevista realizada dia 22 de Julho de 2011

⁸⁵ (R. moradora) Entrevista realizada dia 22 de Julho de 2011

⁸⁶ (D. morador). Entrevista realizada dia 22 de Julho de 2011

⁸⁷ (E. morador). Entrevista realizada dia 22 de Julho de 2011

⁸⁸ (A. moradora). Entrevista realizada dia 23 de Julho de 2011

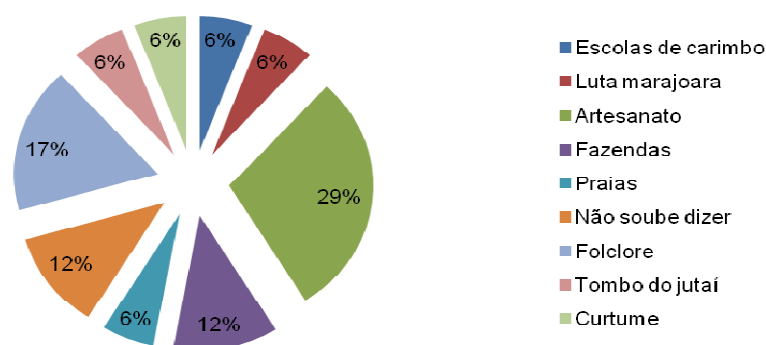


Figura 79. Representação indicativa dos atrativos que não fazem parte das políticas públicas de turismo, segundo a população local.
Fonte: Eliane Santana, 2011

Essas informações confirmam que a perspectiva da população local, pouco é levada em consideração pelo *trade* turístico, e principalmente pelas políticas de turismo voltadas para a cidade. Não há espaço para a opinião do viajado⁸⁹: o ‘nativo está mudo’ e sua voz é praticamente inaudível.” (FRATUCCI, 2008, p.89).

Soare, constitui-se em um espaço que está para além do tão enfatizado aspectos naturais e sua paisagem, apresenta outras faces que podem agregar valor ao fazer turístico, além de servir de elemento para manutenção da cultura.

As praias e fazendas sozinhas não constituem o Município, que além das dimensões físicas conta com cultura, herança de negros, índios e portugueses, que desdobra-se hoje em comidas, artesanatos, danças e ritmos únicos. A natureza não deve ser entendida separada do homem, ela é recurso e identidade de vida, que permeia as relações humanas e econômica. (CORDOVIL, 2009).

Em sua maioria as políticas públicas não apontam as consequências negativas que a atividade turística trará em longo prazo para o Município de Soare. Todavia, é imperativo que a população local seja incluída, não só nas medidas propostas pelas políticas, mas, sobretudo sua participação no processo de elaboração das mesmas deve ser estimulada e assegurada efetivamente pelo poder público.

A população local em muitas dessas políticas apresentam apenas pseudoparticipações, sendo destinado a ela apenas o papel de espectadora, quando na verdade o sua participação é grande importância para o sucesso dos destinos turísticos. Já que o seu comportamento, e suas ações, podem estimular ou dificultar andamento do sistema turístico

⁸⁹ Segundo Krippendorf (1989) *apud* Fratucci (2008), os “viajados” seriam as populações locais dos lugares visitados.

local, fazendo do destino turístico mais ou menos interessante para o turista (FRATUCCI, 2008).

O Estado através das políticas públicas promove o turismo em Soure, utilizando-se no discurso de existir no município uma vocação natural, utiliza-se principalmente de sua paisagem para a fomentação da atividade turística e por seu intermédio proporcionar crescimento econômico-social. O mercado usufrui, além do planejamento, da pouca infraestrutura que o município oferece. Usa também a paisagem de Soure, na venda de seus produtos expresso em forma de imagem.

Os turistas que buscam Soure como destino turístico querem consumir essas paisagens, tão expostas e trabalhadas pelo Estado e mercado, geralmente atendo-se aos aspectos físicos da cidade, preterindo os seus aspectos socioculturais. Compreende-se assim, que “para o visitante e para o mercado do turismo, as paisagens são consideradas, muitas vezes, como simples cenário destituído das relações políticas, econômicas, culturais e sociais que historicamente as engendraram” (SANSOLO e CRUZ, 2011 p. 176).

Contraditoriamente algumas paisagens a exemplo das fazendas não estão ao alcance da maioria da população local, como dito antes, elas ficam em área particular. Desse modo, a paisagem em Soure mostra-se com um bem de poucos e para poucos.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo se estabelece enquanto atividade econômica no século XX, passando a ser trabalhado principalmente em países tropicais e de economia emergente, cuja procura é pelas paisagens naturais, e pelo exótico. Nesse contexto, o turismo ganhou papel fundamental como alternativa econômica para esses países. E o Estado, apresenta grande importância nesse contexto, já que fica a cargo dele a elaboração de políticas nacionais de turismo, planos e programas regionais em todos os níveis de administração pública.

No Brasil, essa atividade se institui na década de 1930 do século passado, e desde o mesmo período, a Amazônia vem sofrendo intervenções no sentido de atender esse segmento. Em Soure, são a partir das décadas de 1970 e 1980, dentro da Política de Desenvolvimento para Amazônia, que surgem os primeiros hotéis, obras patrocinadas pelo Estado, aqui representada pela SUDAM.

A partir dos anos 2000, Soure volta a receber novas ações do poder público, que procura dinamizar a economia da cidade através do turismo assim estabeleceu-se: PROECOTUR (2000), PDT-PA (2001), Roteiros do Brasil - PRT (2005); o Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico de Soure (2009), o PRODETUR (2009), e VER-O-PARÁ (2011).

Essas políticas de fomento ao turismo compostas por planos, programas e ações apresentam o Estado como seu planejador, formulador, regulador e incentivador. Para tanto, a utilização de argumentos para implementação dessas políticas perpassam por problemas de cunho social e econômico de Soure, apresentam a paisagem marajoara e sourense, por suas características únicas, como argumento para justificá-las, e para convencimento dos turistas. Para isso utilizam essa paisagem em forma de imagem, que se forma na mente dos indivíduos em virtude de suas fantasias. São essas imagens que os promotores do espaço turístico procuram captar e ir ao seu encontro.

Como pode ser visto ao longo do trabalho, a paisagem de Soure, aliada ao imaginário que se tem sobre a Amazônia, faz com que haja um enfoque sobre os aspectos naturais da cidade, por parte do Estado e mercado. Nesse sentido, destaca-se a importância do *marketing* turístico, promovido através da internet, nos *sites* dos referentes agentes de turistificação, para que ocorra a cristalização dessa interface exótica da cidade. O marketing, inclusive é apontado tanto no PDITS (2011), quanto no VER-O-PARÁ (2011), como algo a ser

melhorado em ações futuras para o fortalecimento no mercado da marca Amazônia e, conseqüentemente, aumentar o fluxo de turistas.

O mercado, assim como o Estado utiliza a paisagem de Soure, em seus *sites* para a venda do município, enquanto destino turístico, contudo essa abordagem ocorre majoritariamente em seus aspectos naturais. Como verificado nesse estudo, os turistas que buscam Soure, estabelecem relação direta com seus aspectos naturais, não sendo foco de sua viagem o aspecto cultural do Município. Contraditoriamente, apesar de a população local pertencer ao lugar, o que teoricamente a levaria ter acesso a todos às paisagens relacionadas aos aspectos naturais, são os turistas que usufruem de todas elas, pois, como visto, algumas paisagens a exemplo das fazendas, não estão ao alcance da população local.

Entende-se que as paisagens utilizadas pelo *trade* turístico, em seus *sites* não revelam a singularidade cultural do município, com suas danças, comidas, e modo de vida particular. Por conseguinte, ocorre em Soure, em decorrência das ações do Estado e mercado, o turismo paisagístico, que é aquele baseado na exuberância e exotividade dos lugares. O turismo elege porções do espaço, cujas vantagens são maiores em relação a outras possibilidades espaciais. Soure distinguiu-se no polo Marajó, por suas praias e fazendas, apropriadas e exploradas pelo capital.

Compreende-se que a paisagem, por seu valor simbólico e estético também passa a ser um problema político, pois tanto esta como a sua valorização são produzidas pela sociedade. A dimensão que a compõe está permeada de interesses diversos, tanto por sua produção, quanto pelos atores que a utilizam.

O par turista-desenvolvimento econômico predomina nas políticas de turismo, na qual Soure está incluída. Essas políticas pretendem através da atividade turística, desenvolver economicamente a cidade. O turista e o *trade* turístico passam a ser o foco das mesmas. São apresentadas medidas para melhorar o *marketing*, a infraestrutura, a mão de obra qualificada, para atender melhor o segmento. Por mais que os planos apresentem que houve participação da população local em suas formulações como é o caso do PRODETUR (2009), ou afirme que a população local não foi consultada como o PDT-PA (2001), o fato é, ocorre uma inserção precária da população local nas políticas de fomento ao turismo.

Acredita-se que o turismo, enquanto atividade econômica pode proporcionar desenvolvimento para o Município, porém deve haver soma de ações. O desenvolvimento deve vir acompanhado da melhoria de infraestrutura urbana, segurança, educação, geração de

emprego e melhoria do poder aquisitivo, então este desenvolvimento deve ser antes de qualquer coisa um desenvolvimento social.

Desse modo, faz-se necessário que haja consonância entre as políticas públicas e a população local, é preciso que se estabeleçam diretrizes a serem seguidas de modo a promover benefícios para essa população. O turismo não pode ser uma via de mão única, ele gera implicações, sejam elas positivas e/ou negativas, isso porque ocorre o estabelecimento de novas relações que atuam e modificam sócio-espacialmente Soure. Os empreendimentos implantados voltados para o turismo têm provocado mudanças na paisagem (ainda que de modo lento). Por tanto, as instituições políticas de poder local, devem estar atentas para identificar as demandas dos moradores que venham a surgir desse processo.

O turismo tem que ter por objetivo a convivência, a participação, o entendimento da cultura da população residente - o que diminuiria o distanciamento e o estranhamento da população local com os turistas, como um caminho para a mudança de paradigma e de perspectiva dos formuladores das políticas públicas de turismo, e mesmo da prática turística. A inclusão da população local nesse processo da atividade turística que está estabelecida na Amazônia, e que é trabalhada nos programas com uma hipervalorização da natureza, viria a cabo da implantação de novos valores e novas práticas.

As políticas analisadas nesse trabalho utilizam a paisagem de Soure como recurso turístico, e a abordam sobre a ótica da exotividade. Os agentes de turistificação do lugar composto por turista, planejadores e promotores, mercado e população local, apresentaram relações diferentes com essa paisagem. Os primeiros entendem a paisagem composta em grande parte pelos aspectos naturais da Soure. O mercado a vende, o turista a consome como produto, e a população local, a entende composta tanto por aspectos naturais, quanto culturais, com os quais se relacionam cotidianamente em suas vidas. Conclui-se que os agentes de turistificação têm em Soure relações variadas com a paisagem.

Tem-se consciência que este trabalho é apenas uma modesta contribuição quando se refere ao turismo, políticas públicas, e apropriação da paisagem em Soure, todavia, espera-se que ele possa contribuir em futuras discussões e reflexões, não somente no meio acadêmico, mas também no seio da comunidade Sourense.

6 - REFERÊNCIAS

Ab' SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BAPTISTA, L. C. I Epistemologia do Turismo: o materialismo histórico dialético como metodologia de pesquisa social. 35 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo com ênfase em Hotelaria) Centro de Ciências Empresariais e Sociais Aplicadas, Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2010.

BECKER, B. **Políticas e planejamento do turismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=3>> Acesso em: 01 fev.09.

BERQUE, A. **Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz**: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. IN: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R.L. (org) Paisagem, Tempo e Cultura. EdUERJ. 2ªed. 2004.

BRASIL, M. C. Marajó: em busca da sobrevivência. Disponível em: <www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/amazonia/marajo.pdf> Acesso em: 05 out.08.

BRASIL, Plano Nacional de Turismo, Diretrizes, Metas e Programas. 2003-2007. Brasília. 2003.

_____. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo- Roteiros do Brasil. PARATUR: Belém, 2006.

_____. Plano Nacional de Turismo, Uma viagem de Inclusão. 2007-2010. Brasília. 2009.

BENI, M. C. Política e estratégia de desenvolvimento regional. Planejamento integrado do turismo. In: Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, vol. 1, p. 79-86. 1997.

CASTRO, D. G. Significados do conceito de Paisagem: **um debate através da epistemologia da geografia**. Disponível em: http://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm#_ednref> Acesso em: 15 Jan. 2011.

CASTRO, I. E. **Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política**. In: YAZIGI, E. (org.) Turismo e paisagem. São Paulo. Contexto, 2002.

CASTROGIOVANNI, A. C. **O lugar da geografia no entre-lugar do espaço turístico - uma viagem complexa**. 2009. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=%20o%20lugar%20%20da%20geografia%20no%20enelugar%20do%20espa%C3%A7o%20tur%C3%ADstico%20%20uma%20viagem%20complexa%20teorico%20castrogiovanni&source=web&cd=1&ved=0CEsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fegal2009.easyplanners.info%2Farea02%2F2036_Castrogiovanni_Antonio_Car>

[los.doc&ei=ENDoT7TdHsOk6gHLo_HgDg&usg=AFQjCNE5dTyTYfzs4ZqxFcvXf4hz6G_nA](#) > Acesso em : 20 de Maio 2012

CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não-lugar. **In: Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**, (org.) E. YÁZIGI, A. F. A. CARLOS e R. C. A. CRUZ. São Paulo. Hucitec. págs. 25-39, 1999.

COIMBRA, W. C. do M. **Turismo como fator de desenvolvimento local: um olhar sobre o desenvolvimento do Município de Salinópolis através do turismo**. Belém. UFPA/IFCH. Curso de Geografia, 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 9 edição. Ed.Cortez. São Paulo. 2008

CHRISTOFOLETTI, A. As características da nova geografia. In **As perspectivas dos estudos geográficos**. 2 ed. São Paulo: Difel, 1985.

CRUZ, R. de C. A. **Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção da espaço**. In: Lemos *et al* (orgs.) América latina: cidade, campo e turismo. São Paulo. Clacso, 2006.

_____. **Geografia do turismo: de lugares a Pseudo-lugares**. Rocca. São Paulo., 2007.

_____. **Introdução à Geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

_____. **As paisagens artificiais criadas pelo turismo**. In: YAZIGI, E; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A.; (Orgs.). Turismo e paisagem. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p.107-119.

CASTRO, D. G. **Significados do conceito de paisagem: um debate através da epistemologia da geografia**. Disponível em:
<<http://www4.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm> > Acesso em: 12 Jan. 2010.

CRUZ, S. H. R. **Ecoturismo e desenvolvimento: análise do programa nacional de desenvolvimento do ecoturismo – proecotur no Pólo Marajó/PA**. Disponível: em < artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1158893946_78.doc > Acesso em: 15 jan.09.

_____. **Turismo: a percepção dos residentes da Vila do Pesqueiro, Município de Soure, Ilha do Marajó Pará**. In: o ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia. UFPA/NAEA. Belém. 1999. p. 175-203.

CORIOLOANO, L. N. M.; MELLO E SILVA, S. C. B. **Turismo e Geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: Ed.UECE, 2005.

CORDOVIL, J. C. S. **A Amazônia ribeirinha e as políticas de desenvolvimento do turismo no Município de Cametá-Pa**.152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia- UFPA, Belém, 2008.

CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z (org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

ENDRES, A. V. **Políticas de turismo, desenvolvimento e o papel do estado: cenários e Inquietações**. Disponível em < http://www.emtese.ufsc.br/2008/vol5_res_1art4.pdf> Acesso em: 02 out.09.

FERREIRA, L. da S. **Organização das políticas públicas de turismo no Brasil: diretrizes nacionais e fragilidades locais**. Disponível em: <http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/Set03_Artigos/Decada%20de%201980.pdf> Acesso em: 21 Nov. 09.

FIGUEIREDO, S. J. de L. Gênese do pensamento sobre ecoturismo e seus efeitos: O desenvolvimento sustentável. In: **Turismo e Cultura: mudança cultural em Soure (Ilha de Marajó) em decorrência da Exploração do Ecoturismo**. Belém. NAEA/UFPA. 1998. p. 23-77.

_____. **Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1999.

FRATUCCI, A. C. **A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo**. Nitéroí. 2008. 308 f.

_____. Planejamento Público do Turismo. s.d. 12 slides: color

_____. **Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico**. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/45>> Acesso em: 15 set.09.

HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: **Território: territórios**. (orgs.) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense. UFF./AGB, 2002 p.22-38.

HALL, C. M. *et al* **Turismo: conceitos, instituições e temas**. In: HALL, C. M. *et al* (orgs.) **Compêndio de turismo**. Instituto Piaget, 2004. p 07-55.

HOSHINO, Y. **Políticas públicas e participação em programas de turismo no Município de Soure, Pa - análise de política - 135 f**. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) Núcleo de Altos Estudos Amazônico, Universidade Federal do Pará, 2007.

LOPES JÚNIOR, S. W Contribuições geográficas ao estudo do turismo. Mercator, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 137-145, mai./ago. 2011. < Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/525/353>>. Acesso em: 12 Fev. 2012.

MAXIMIANO, L.A. Considerações sobre o conceito de paisagem. R.ra´e ga. Curitiba, UFPR, n.8, p.83-91, 2004.

MAY, T. **Pesquisa Social: Questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOESCH, M. **A produção do Saber turístico**. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

NASCIMENTO, V. L. Q., **Políticas públicas de ecoturismo e participação**: a trajetória do PROECOTUR no Pólo Belém/Costa Atlântica. 212 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) NAEA/UFPA, Belém, 2009.

OLIVEIRA, J. N. dos S. O. **O turismo no Município de Soure**. Soure: UFPA/IFCH. Curso de Geografia. 2001.

OURIQUES, H. R. **A produção do turismo**: fetichismo e dependência. Campinas, SP. Alínea. 2005

PARÁ. **Plano de desenvolvimento do turismo do Estado do Pará (PDT-PA)**. Belém: Companhia Paraense de Turismo-PARATUR. 2001

_____. **Plano de desenvolvimento territorial sustentável para o arquipélago do Marajó**. Governo Federal. Grupo Executivo Interministerial
Disponível em: www.integracao.gov.br Acesso em: 25/06/2008.

_____. **Avaliação dos produtos turísticos**: Amazônia do Marajó, Amazônia quilombola, Amazônia selva e história. FADESP. 2006

_____. Secretaria de Estado de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia Companhia Paraense De Turismo. RESOLUÇÃO Nº 001 /2009; RESOLUÇÃO Nº 002 /2009.

_____. PARATUR- Órgão de turismo do Estado do Pará- **texto preliminar sobre o PRODETUR**. 2009.

_____. PDTIS - PARATUR- Órgão de turismo do Estado do Pará. 2011.

_____. VER-O-PARÁ – Órgão de turismo do Estado do Pará. 2011.

PARA MAIS. Belém: Ed. Círios, n. 48 fev. 2006. Disponível em:

<<http://pt.calameo.com/read/000346966e1c0e126182c>> Acesso em: 24 Jan. 2012

_____. Belém: Ed. Círios, n. 111 Maio 2011a. Disponível em:

<<http://www.calameo.com/read/000346966e098b8c01012>> Acesso em: 27 Jan. 2012

_____. Belém: Ed. Círios, n.113 Jul. 2011b. Disponível em:

<<http://pt.calameo.com/read/000346966169911c5810d>> Acesso em: 02 Fev. 2012

POUPART, J. ET AL. **A pesquisa qualitativa** – enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RODRIGUES, A. B. Um programa de geografia do turismo em nível de pós-graduação. In: **Turismo e espaço**: rumo a um conceito transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Geografia do turismo: novos desafios. In: **TRIGO, L. G. G. Turismo. Como aprender, como ensinar**. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 2001. p. 87 – 122.

_____. **Turismo e territorialidades plurais** - lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. In: Lemos *et al* (orgs.) América latina: cidade, campo e turismo. São Paulo. Clacso, 2006.

RODRIGUES, L. C. S. **Análise palinológica do testemunho Bom Jesus, planície costeira interna do Município de Soure, Ilha do Marajó/Pa.** Belém: UFRA, 2007. 89 p. Dissertação (mestrado) - Curso de Mestrado em Botânica Tropical, Universidade Federal Rural da Amazônia e Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2007. Disponível em: <http://marte.museu-goeldi.br/zoologia/turma2005/dissertacaoLivia.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.

ROSÁRIO, B.A. **Políticas de turismo e desenvolvimento socioespacial no Município de Soure (Ilha do Marajó - Pará)** - o turismo de base comunitária como alternativa. Belém, 2010. TCC (Graduação em Geografia). Faculdade de Geografia e Cartografia, Universidade Federal do Pará.

SAUER, C.O. **A morfologia da Paisagem.** In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANDEVILLE JUNIOR, E. A paisagem natural tropical e sua apropriação para o turismo. In: **Turismo e Paisagem.** São Paulo : Contexto, 2002, p. 141-159.

SANSOLO, D. G. ; CRUZ, R. C. A. . **Geografias do turismo no vasto continente africano.** Geosp (USP), v. 29, p. 171-186, 2011.

SANTANA, E. de J. M. *et al*, **Caracterização físico-ambiental da paisagem costeira de Salvaterra e Soure, Ilha do Marajó – Pará.** In: Anais do XV ENG, 2008. ISBN 978-85-98598-61-1. CD

SANTANA, E. de J. M. **Políticas de turismo e desenvolvimento socioespacial – o caso do município de Soure, Pará.** 2009, Defesa de TCC (Faculdade de Geografia), IFCH.

SANTOS, J. P. S. dos. **Políticas públicas de turismo e gestão do território no Município de Vigia-PA.** Belém: UFPA/IFCH. Curso de Geografia, 2003.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo. Edusp. 2008.

SANSOLO, D. Gr.; CRUZ, R. de C. A. da. **Plano nacional do turismo: uma análise crítica.** In: Instituto Virtual de Turismo. disponível em www.ivt-rj.net. Acesso em: 02 Nov. 2008.

SERRA, H. H. **A Concepção de turismo e de sua espacialidade no Plano de Desenvolvimento de Turismo no Pará (PDT – Pa),** 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-UFPA. Belém, 2007.

SILVA, A. C. **Desenvolvimento do turismo brasileiro na década de 1980**. Disponível em: http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/Set03_Artigos/Decada%20de%201980.pdf acesso em: 15. Nov.09

SOURE. **Plano de Estratégico de Desenvolvimento Turístico de Soure**. Secretária municipal de Turismo. 2009

SOUZA, J. A. A. **Nas ondas da pororoca**: repercussões sócio-espaciais da atividade turística no Município de São Domingos do Capim (Pará). 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-UFPA. Belém, 2006.

SOUZA, V. E. P. **Políticas públicas para o turismo na Amazônia**: uma análise do PROECOTUR. Belém: UFPA/IFCH. Curso de Geografia. 2003.

SCHIER, R. A. *Trajatórias do conceito de Paisagem na Geografia*. Revista Ra'ega, n. 07, Curitiba: Editora UFPR, 2003. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/3353/2689>> Acessado em: 25 de Jun. de 2010.

YÁZIGI E. (Org.) **Turismo e paisagem**, São Paulo, Contexto, 2002. (Turismo Contexto)

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista: poder publico (PARATUR, Secretaria municipal de turismo de Soure).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA
PROJETO DE PESQUISA:
DISCENTE: ELIANE DE JESUS MIRANDA SANTANA
ORIENTADOR: MARIA GORETTI DA COSTA TAVARES

1. Qual o seu entendimento de turismo?
2. Em sua opinião como esta o turismo em Soure?
3. Quais foram os critérios utilizados para desenvolver o turismo no município?
4. Quais os principais tipos de turismo presente no Município de Soure?
5. O plano de desenvolvimento estratégico para o Município de Soure que esta em vigência, tem possibilitado o desenvolvimento do turismo?
6. Existem outras estratégias em desenvolvimento?
7. Como são desenvolvidas as ações da instituição para o desenvolvimento do turismo no Município?
8. É utilizado algum meio de comunicação para a divulgação de Soure enquanto destino turístico? Qual ou quais?
9. Qual e o objetivo do Estado na promoção de Soure como destino turístico?
10. Qual o seu entendimento de paisagem?
11. Quais são os principais atrativos da paisagem no Município de Soure?
12. Existe algum atrativo da paisagem do Município que não faz parte das políticas publicas de turismo?
13. A atividade turística contribuiu na mudança da paisagem do Município de Soure?
Como

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista: turistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA
PROJETO DE PESQUISA:
DISCENTE: ELIANE DE JESUS MIRANDA SANTANA
ORIENTADOR: MARIA GORETTI DA COSTA TAVARES

1. Quais informações prévias que você tinha sobre o Município de Soure?
2. O que levou a escolhê-lo como destino turístico?
3. Por que meio você ficou sabendo da existência de soure?
4. Para você existe em Soure potencial turístico?
5. Quais são os principais atrativos da paisagem no Município de Soure?
6. Existe algum atrativo da paisagem do Município que não faz parte das políticas públicas de turismo?
7. Qual seu atrativo preferido? Por quê?
8. Qual atividade você realizou durante a sua estadia?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista: População local

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA
PROJETO DE PESQUISA:
DISCENTE: ELIANE DE JESUS MIRANDA SANTANA
ORIENTADOR: MARIA GORETTI DA COSTA TAVARES

1. Você nasceu em Soure? Se não, a quanto tempo mora no Município?
2. Com o que você trabalha?
3. Qual o período que tem mais turistas no Município?
4. Quais os lugares em Soure mais procurados pelos turistas?
5. Quais as principais modificações que o turismo ocasionou no Município e na vida da população local?
6. O que você acha da divulgação turística da sua cidade para o Brasil e para o mundo?
7. Existe algum atrativo da paisagem do Município que não faz parte das políticas públicas de turismo?
8. A atividade turística contribui na mudança da paisagem do Município?